

J. M.
COETZEE

Juventude

COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J.M. COETZEE

JUVENTUDE

Cenas da vida na província II

Tradução

José Rubens Siqueira



*Wer den Dichter will verstehen
muss in Dichters Lande gehen.*

GOETHE

*[Quem ao poeta quer entender
a terra do poeta deve percorrer.]*

ELE MORA NUM APARTAMENTO DE UM CÔMODO perto da estação ferroviária de Mowbray, e paga onze guinéus de aluguel por mês. No último dia útil de cada mês, pega o trem para a cidade, até a Loop Street, onde A. & B. Levy, agentes imobiliários, mantêm uma placa dourada e um minúsculo escritório. Nas mãos de mr. B. Levy, o mais novo dos irmãos Levy, entrega o envelope com o aluguel. Mr. Levy despeja o dinheiro na mesa atulhada e conta. Grunhindo e suando, preenche um recibo: “*Voilà*, meu jovem!”, diz, e entrega o papel com um floreio.

Ele se empenha para não atrasar o aluguel porque está no apartamento sob falsa qualificação. Quando assinou o contrato e pagou o depósito para A. & B. Levy, não declarou sua ocupação como “estudante”, mas como “bibliotecário assistente”, e deu a biblioteca da universidade como endereço de trabalho.

Não é totalmente mentira. De segunda a sexta-feira sua função é ocupar a sala de leitura durante o horário noturno. É um trabalho que as bibliotecárias, quase todas mulheres, preferem não fazer, porque o campus, na encosta da montanha, é muito isolado e solitário à noite. Até ele sente um frio na espinha cada vez que destranca a porta e vai Tateando pelo corredor escuro feito breu até o interruptor central. Seria fácil para qualquer malfeitor esconder-se entre as estantes quando os funcionários saem às cinco horas, para depois pilhar os escritórios vazios e ficar de tocaia no escuro à espera dele, o assistente da noite, para pegar suas chaves.

Poucos estudantes fazem uso do horário noturno; poucos sequer sabem desse horário. Tem pouco a fazer. Os dez xelins que recebe por noite são dinheiro fácil.

Às vezes, imagina que uma linda garota de vestido branco entra na sala de leitura e ali fica, distraída, depois da hora de fechar; imagina-se

mostrando a ela os mistérios da oficina de encadernação e da sala de catalogação, saindo com ela em seguida para a noite estrelada. Isso nunca acontece.

Trabalhar na biblioteca não é seu único emprego. Nas tardes de quarta-feira, faz monitoria para o primeiro ano do Departamento de Matemática (três libras por semana); às sextas conduz os estudantes de graduação de dramaturgia por uma seleção de comédias de Shakespeare (duas libras e dez), e nos fins de tarde está empregado num cursinho em Rondebosch para preparar pretendentes aos exames de admissão (três xelins por hora). Durante as férias, trabalha para a Municipalidade (Divisão de Moradia Pública) extraíndo dados estatísticos de pesquisas domésticas. No final das contas, quando soma as quantias, está ganhando bem — bem o suficiente para pagar o aluguel e as mensalidades da universidade, manter corpo e alma funcionando, e até economizar um pouco. Pode ter só dezenove anos, mas está em pé sobre as próprias pernas, não depende de ninguém.

As necessidades do corpo ele trata como questão de mero senso comum. Todo domingo, cozinha ossos de tutano, feijões e salsão para preparar uma panela grande de sopa, suficiente para a semana. Às sextas-feiras, faz uma visita ao mercado Salt River para comprar uma caixa de maçãs, de goiabas ou da fruta da estação. Toda manhã, o leiteiro deixa meio litro de leite na soleira da porta. Quando sobra leite, ele pendura em cima da pia, dentro de uma meia de náilon velha, para fazer queijo. O que falta, compra na loja da esquina. É uma dieta que Rousseau aprovaria, ou Platão. Quanto a roupas, tem uma calça e um paletó bons para usar nas aulas. No mais, faz as roupas velhas durarem.

Está querendo provar uma coisa: que todo homem é uma ilha; que ninguém precisa dos pais.

Algumas noites, subindo a Main Road de capa de chuva, bermuda e sandálias, o cabelo grudado de chuva, brilhando ao farol dos carros que passam, tem uma sensação do quanto parece estranho. Não excêntrico (existe certa distinção em parecer excêntrico), apenas estranho. Range os dentes, incomodado, e anda mais depressa.

É magro, tem membros ágeis, mas ao mesmo tempo é mole. Gostaria de ser atraente, mas sabe que não é. Falta-lhe alguma coisa essencial, uma definição de traços. Algo do bebê ainda permanece nele. Quanto

falta para deixar de ser bebê? O que vai curá-lo da bebezice, transformá-lo em homem?

O que vai curá-lo, se for para acontecer, será o amor. Pode não acreditar em Deus, mas acredita no amor e no poder do amor. A amada, a predestinada, de imediato enxergará, através do exterior estranho, até sem graça, que ele apresenta, aquele fogo que queima dentro dele. Enquanto isso, a falta de graça e a estranheza fazem parte do purgatório que tem de atravessar para emergir, um dia, para a luz: a luz do amor, a luz da arte. Pois será um artista, isso está decidido há tempos. Se no momento tem de ser obscuro e ridículo, é porque faz parte do destino do artista sofrer a obscuridade e o ridículo até o dia em que se revela em seu verdadeiro poder e os zombadores e os gozadores se calam.

As sandálias que usa custam dois xelins e seis pence. São de borracha, feitas em algum lugar da África, Malauí talvez. Quando ficam molhadas, não aderem à sola dos pés. No inverno do Cabo, chove semanas seguidas. Ao andar pela Main Road na chuva, ele às vezes tem de voltar para recolher uma sandália que se soltou. Nesses momentos, pode ver os cidadãos da Cidade do Cabo rindo ao passar no conforto de seus carros. Riam!, pensa. Eu logo irei embora!

Tem um melhor amigo, Paul, que, como ele, estuda matemática. Paul é alto e moreno, está envolvido num caso amoroso com uma mulher mais velha, uma mulher chamada Elinor Laurier, pequena, loira e linda num estilo agitado, de pássaro. Paul reclama do humor imprevisível de Elinor, das exigências que ela faz. Mesmo assim, tem inveja de Paul. Se tivesse uma amante bonita, experiente nas coisas do mundo, que fumasse com piteira e falasse francês, logo estaria transformado, até transfigurado, tem certeza disso.

Elinor e sua irmã gêmea nasceram na Inglaterra; foram trazidas para a África do Sul aos quinze anos, depois da Guerra. A mãe delas, segundo Paul, segundo Elinor, costumava pôr as meninas uma contra a outra, dando amor e aplausos primeiro para uma, depois para outra, confundindo-as, conservando-as dependentes. Elinor, a mais forte das duas, manteve a sanidade, embora ainda chore dormindo e guarde um ursinho de pelúcia na gaveta. A irmã, porém, durante algum tempo ficou

louca a ponto de ser internada. Ainda faz terapia, lutando contra o fantasma da velha morta.

Elinor leciona numa escola de línguas da cidade. Desde que se envolveu com ela, Paul foi absorvido por seu grupo, um grupo de artistas e intelectuais que vivem no Gardens, usam suéteres pretos, jeans e sandálias de corda, bebem vinho tinto grosseiro e fumam Gauloises, citam Camus e García Lorca, ouvem jazz progressivo. Um deles toca guitarra espanhola e pode ser convencido a fazer uma imitação de *cante bondo*. Como não têm empregos regulares, ficam acordados a noite inteira e dormem até meio-dia. Odeiam os Nacionalistas, mas não são políticos. Se tivessem dinheiro, dizem, deixavam a atrasada África do Sul e se mudavam definitivamente para Montmartre ou para as Ilhas Baleares.

Paul e Elinor o levam a uma de suas reuniões, realizada num bangalô da praia Clifton. A irmã de Elinor, a instável de quem apenas ouviu falar, faz parte do grupo. Segundo Paul, está tendo um caso com o dono do bangalô, um homem de cara vermelha que escreve para o *Cape Times*.

O nome da irmã é Jacqueline. É mais alta que Elinor, não tem a mesma finura de traços, mas é bonita mesmo assim. Cheia de energia nervosa, fuma um cigarro atrás do outro, gesticula quando fala. Ele se dá bem com ela. É menos cáustica do que Elinor, o que é um alívio. Pessoas cáusticas o deixam aflito. Ele desconfia que fazem comentários a seu respeito quando vira as costas.

Jacqueline sugere um passeio pela praia. De mãos dadas (como aconteceu isso?) ao luar, passeiam por toda a extensão da praia. Num espaço escondido entre as rochas, ela se volta para ele, projeta os lábios, oferece a boca.

Ele corresponde, mas inquieto. Até onde isso vai? Nunca antes fez amor com uma mulher mais velha. E se não estiver à altura?

Descobre que isso vai até o fim. Acompanha, sem resistir, faz o que pode, realiza o ato, até finge ficar arrebatado no final.

Na verdade, não se arrebatava. Não só existe a questão da areia, que entra em tudo, também existe a insistente questão do motivo por que essa mulher, a quem nunca viu antes, está se entregando a ele. Dá para acreditar que no curso de uma conversa casual ela tenha detectado a

chama secreta que arde dentro dele, a chama que o marca como artista? Ou será que é simplesmente uma ninfomaniaca, e era disso que Paul, com delicadeza, o alertara ao dizer que ela “fazia terapia”?

No sexo, até que é escolado. Se o homem não goza o ato amoroso, a mulher também não goza — essa, ele sabe, é uma das regras do sexo. Mas o que acontece depois, entre um homem e uma mulher que fracassaram no jogo? Será que têm de se lembrar do fracasso toda vez que se encontram de novo, e sentir vergonha?

É tarde, a noite está ficando fria. Vestem-se em silêncio e voltam para o bangalô, onde a festa começou a acabar. Jacqueline pega a bolsa e os sapatos. “Boa noite”, diz ao dono da casa, dando-lhe um beijinho no rosto.

“Vai embora?”, ele pergunta.

“Vou, sim. Vou dar uma carona para John”, ela responde.

O dono da casa não fica nada incomodado. “Divirtam-se então”, diz. “Os dois.”

Jacqueline é enfermeira. Ele nunca esteve com uma enfermeira, mas o que ouviu dizer é que, por trabalharem com doentes e moribundos, atendendo a suas necessidades corporais, as enfermeiras ficam cínicas quanto à moralidade. Os estudantes de medicina gostam dos plantões noturnos no hospital. Dizem que as enfermeiras têm fome de sexo. Trepam em qualquer lugar, a qualquer hora.

Jacqueline, porém, não é uma enfermeira comum. É uma enfermeira do Guy's, ela se apressa a informar, parteira treinada no hospital Guy's de Londres. No peito do uniforme de ombreiras vermelhas, usa uma pequena insígnia de bronze, um elmo e uma manopla com a divisa PER ARDUA. Não trabalha no Groote Schuur, o hospital público, e sim numa clínica particular, onde ganha mais.

Dois dias depois do encontro na praia Clifton ele vai até a moradia das enfermeiras. Jacqueline está esperando no saguão de entrada, vestida para sair, e saem imediatamente. De uma janela do andar de cima, rostos se debruçam para olhar; ele tem consciência de que as outras enfermeiras estão olhando para ele inquisidoramente. É jovem demais, evidentemente jovem demais para uma mulher de trinta anos; e com suas roupas desbotadas, sem carro, evidentemente tampouco é um bom partido.

Uma semana depois, Jacqueline deixou a moradia das enfermeiras e se mudou para o apartamento dele. Não se lembra de tê-la convidado: simplesmente não resistiu.

Nunca morou com ninguém antes, decerto nunca com uma mulher, uma amante. Mesmo em criança tinha um quarto só seu, com uma porta que trancava. O apartamento de Mowbray consiste apenas num cômodo comprido, com um corredor de entrada que dá para uma cozinha e um banheiro. Como vai sobreviver?

Tenta receber bem a súbita acompanhante, tenta abrir espaço para ela. Mas dias depois já começou a se incomodar com o acúmulo de caixas e malas, com as roupas espalhadas por toda parte, com a bagunça no banheiro. Detesta o ruído da motoneta, que indica a volta de Jacqueline do dia de trabalho. Embora ainda façam amor, há cada vez mais silêncio entre os dois, ele sentado à sua mesa, fingindo-se absorto nos livros, ela vagando pela casa, ignorada, suspirando, fumando um cigarro atrás do outro.

Ela suspira muito. É assim que sua neurose se expressa, se é que é disso que se trata, de neurose: no suspirar e sentir-se exausta, no chorar às vezes sem ruído. A energia, o riso e a ousadia do primeiro encontro murcharam até sumir. A alegria daquela noite, ao que parece, era apenas uma abertura nas nuvens da melancolia, efeito do álcool ou talvez mesmo uma cena que Jacqueline representava.

Dormem juntos numa cama feita para um. Na cama, Jacqueline fala sem parar dos homens que a usaram, dos terapeutas que tentaram dominar sua mente e transformá-la em marionete. Será que ele é um desses homens?, pensa. Será que está usando Jacqueline? E haverá algum outro homem com quem ela reclame dele? Adormece com ela ainda falando, acorda esgotado de manhã.

Jacqueline é, por qualquer padrão, uma mulher atraente, mais atraente, mais sofisticada, mais versada nas coisas do mundo do que ele merece. A verdade é que, não fosse a rivalidade entre as irmãs gêmeas, ela não estaria dormindo em sua cama. Ele é uma peça no jogo das duas, um jogo que vem de muito antes de sua entrada em cena — quanto a isso não tem ilusões. No entanto, ele é que foi favorecido, não deve reclamar da sorte. Ali está, dividindo um apartamento com uma mulher dez anos mais velha, uma mulher experiente que, durante seu estágio no

hospital Guy's, dormiu (diz ela) com ingleses, franceses, italianos, até com um persa. Ainda que não possa afirmar que foi amado por si mesmo, teve ao menos a chance de ampliar sua educação no reino do erótico.

É o que ele espera. Mas depois de um turno de doze horas na clínica, seguido de um jantar de couve-flor com molho branco e uma noite de silêncio mal-humorado, Jacqueline não está disposta a ser generosa consigo mesma. Se chega a abraçá-lo, é de um jeito descuidado, porque, se não é pelo sexo que dois estranhos se aprisionam num espaço tão amontoado e sem conforto, que razão têm eles para estar ali?

A coisa chega ao cúmulo quando, um dia em que ele não está em casa, Jacqueline examina seu diário e lê o que escreveu sobre sua vida juntos. Quando ele volta, encontra-a embalando suas coisas.

“O que aconteceu?”, pergunta.

Com os lábios apertados, ela aponta o diário aberto em cima da mesa.

Ele explode de raiva. “Você não vai me impedir de escrever!”, proclama. É um *non sequitur*, e ele sabe disso.

Ela também está furiosa, mas de um jeito mais frio, mais profundo. “Se, *como diz*, você acha que eu sou uma carga tão insuportável”, diz, “se estou acabando com a sua paz, com a sua privacidade, com a sua capacidade de escrever, fique sabendo que, de minha parte, detestei viver com você, detestei cada minuto, e mal posso esperar para me livrar.”

O que ele devia ter dito é que não se devem ler os papéis particulares dos outros. Na verdade, devia era ter escondido o diário, não deixado onde pudesse ser encontrado. Mas agora é tarde demais, o estrago está feito.

Fica olhando Jacqueline arrumar suas coisas, ajuda a prender a mala no bagageiro da motoneta. “Vou ficar com a chave, *se me permite*, até pegar todas as minhas coisas”, diz ela. E baixa o visor do capacete. “Adeus. Estou muito decepcionada com você, John. Você pode ser muito inteligente — isso eu não sei —, mas ainda tem muito o que crescer.” Pisa com força no pedal da partida. O motor não quer pegar. Pisa mais uma vez, e mais uma. Um cheiro de gasolina se espalha no ar. O carburador está afogado; não há nada a fazer senão esperar que seque.

“Entre”, ele sugere. Com o rosto duro como pedra ela recusa. “Desculpe”, diz ele. “Por tudo.”

Entra, deixa-a na alameda. Cinco minutos depois, ouve o motor da motoneta pegar e se afastar, rugindo.

Está chateado? Claro que está chateado por Jacqueline ter lido o que leu. Mas a questão real é: que motivo tinha para escrever o que escreveu? Será que talvez escreveu para que ela lesse? Será que deixar seus verdadeiros pensamentos ali, onde ela podia acabar encontrando, era seu jeito de lhe dizer o que era covarde demais para lhe dizer na cara? Quais são seus verdadeiros pensamentos afinal? Há dias em que fica contente, sente-se até privilegiado por viver com uma bela mulher, ou pelo menos por não viver sozinho. Outros dias, sente de maneira diferente. A verdade será a felicidade, a infelicidade, ou uma média das duas?

A questão de resolver o que deve permitir que apareça em seu diário e o que deve ser para sempre escondido está no coração de toda a sua escrita. Se tem de se censurar para não expressar emoções ignóbeis — o incômodo de sentir o apartamento invadido, ou a vergonha dos próprios fracassos como amante —, como essas emoções jamais serão transfiguradas e transformadas em poesia? E, se a poesia não for o agente de sua transfiguração de ignóbil em nobre, por que se preocupar com poesia? Além disso, quem pode dizer se os sentimentos que registra no diário são seus verdadeiros sentimentos? Quem pode dizer que a cada momento que sua caneta se move ele seja verdadeiramente ele mesmo? Num determinado momento pode ser verdadeiramente ele mesmo, noutro pode simplesmente estar inventando as coisas. Como pode ter certeza? E por que haveria de *querer* saber ao certo?

As coisas raramente são o que parecem: isso é que devia ter dito a Jacqueline. Porém, que chance havia de ela entender? Como poderia acreditar que o que leu no diário dele não era a verdade, a verdade ignóbil, a respeito do que acontecia na cabeça de seu companheiro durante aquelas noites pesadas de silêncio e suspiros, mas, ao contrário, uma ficção, uma de muitas ficções possíveis, verdadeira apenas no sentido em que uma obra de arte é verdadeira — verdadeira consigo mesma, verdadeira em seus próprios objetivos imanentes — quando a

leitura ignóbil combinava tão bem com as suspeitas dela de que o companheiro não a amava, nem ao menos gostava dela?

Jacqueline não vai acreditar nele, pela simples razão de que ele não acredita em si próprio. Ele não sabe em que acredita. Às vezes, acha que não acredita em nada. Mas, quando tudo está dito e feito, permanece o fato de que sua primeira tentativa de viver com uma mulher terminou em fracasso, em desonra. Tem de voltar a viver sozinho; e não será pequeno o seu alívio com isso. Porém, não pode viver sozinho para sempre. Ter uma amante faz parte da vida de um artista: mesmo que consiga evitar a armadilha do casamento, como certamente fará, vai ter de achar um jeito de viver com mulheres. A arte não pode se nutrir apenas de privações, de desejo, de solidão. Tem de haver intimidade, paixão, amor também.

Picasso, que é um grande artista, talvez o maior de todos, é um exemplo vivo. Picasso se apaixona por mulheres, uma após outra. Uma após outra se mudam para a casa dele, participam de sua vida, posam para ele. Por meio da paixão que se incendeia de novo a cada nova amante, as Doras e Pílares que o acaso traz à porta dele renascem em arte eterna. É assim que acontece. E com ele? Será que pode prometer que as mulheres de sua vida, não apenas Jacqueline, mas todas as inimagináveis mulheres que virão, terão destino semelhante? Gostaria de acreditar que sim, mas tem suas dúvidas. Se um dia será um grande artista, só o tempo dirá, mas uma coisa é certa, não é nenhum Picasso. Toda a sua sensibilidade é diferente da sensibilidade de Picasso. É mais calado, mais sombrio, mais do norte. Tampouco tem os olhos negros hipnóticos de Picasso. Se um dia tentar transfigurar uma mulher, não será tão cruelmente como Picasso a transfigura, dobrando e entortando seu corpo como metal numa fornalha acesa. De qualquer forma, escritores não são pintores: são mais pertinazes, mais sutis.

Será esse o destino de toda mulher que se envolve com artistas: ver o que tem de pior ou de melhor extraído e retrabalhado em obra de ficção? Pensa em Hélène, de *Guerra e paz*. Será que Hélène teve como ponto de partida uma das amantes de Tolstói? E será que ela algum dia imaginou que, muito depois de sua morte, homens que nunca pousaram os olhos nela desejariam seus belos ombros nus?

Será que tem de ser tudo tão cruel? Deve haver uma forma de coabitar em que um homem e uma mulher comam juntos, durmam juntos, vivam juntos, e mesmo assim continuem imersos em suas respectivas explorações interiores. Será por isso que o caso com Jacqueline estava fadado ao fracasso: porque, não sendo ela uma artista, não era capaz de apreciar a necessidade de solidão interior que tem o artista? Se Jacqueline fosse uma escultora, por exemplo, se um canto do apartamento tivesse sido reservado para ela talhar seu mármore enquanto em outro canto ele batalhava com palavras e rimas, será que o amor teria florescido entre eles? Será essa a moral da história dele e de Jacqueline: que o melhor é artistas terem casos só com artistas?

O CASO ESTÁ TERMINADO. Depois de semanas de intimidade sufocante ele tem de novo o quarto só para si. Empilha as caixas e malas de Jacqueline num canto e espera que sejam retiradas. Isso não ocorre. Em vez disso, uma noite, a própria Jacqueline aparece. Veio, disse, não para voltar a morar com ele (“É impossível conviver com você”), mas para fazer as pazes (“Não gosto de ressentimento, me deprime”), pazes que envolvem primeiro irem para a cama, depois, na cama, lhe passar um sermão sobre o que disse a respeito dela em seu diário. Ela fala e fala: não conseguem dormir antes das duas da manhã.

Ele acorda tarde, tarde demais para a aula das oito. Não é a primeira aula que perde desde que Jacqueline entrou em sua vida. Está se atrasando nos estudos e não vê como jamais vai se recuperar. Nos dois primeiros anos na universidade foi um dos astros da classe. Achava tudo fácil, estava sempre um passo adiante do professor. Mas ultimamente uma névoa parece ter descido sobre sua cabeça. A matemática que estão estudando ficou mais moderna e abstrata, e ele começou a patinar. Linha a linha ainda é capaz de acompanhar a exposição no quadro-negro, mas no mais das vezes a discussão mais ampla lhe escapa. Na classe, tem ataques de pânico que faz o melhor que pode para esconder.

Estranhamente, parece ser o único aflito. Nem os mais lerdos entre seus colegas têm mais dificuldades que o normal. Suas notas caem mês a mês, enquanto as deles continuam estáveis. Quanto aos astros, os verdadeiros astros, eles simplesmente o deixaram para trás, batalhando.

Nunca na vida teve de recorrer a seu esforço máximo. Menos que o máximo sempre foi o bastante. Agora está lutando pela vida. A menos que se atire inteiro no trabalho, vai afundar.

No entanto, dias inteiros se passam numa névoa de cinzenta exaustão. Ele se amaldiçoa por permitir ser sugado de volta para um caso que tanto lhe custa. Se ter uma amante envolve tudo isso, como Picasso e os

outros se viram? Simplesmente não tem energia para correr de aula em aula, de emprego em emprego, depois, quando termina o dia, prestar atenção numa mulher que oscila entre a euforia e ataques da mais negra melancolia, durante os quais insiste em remexer ressentimentos de vida inteira.

Embora formalmente não more mais com ele, Jacqueline sente que tem a liberdade de chegar à sua porta a qualquer hora do dia e da noite. Às vezes, vem para acusá-lo de uma palavra ou outra que ele deixou escapar, cujo sentido velado só agora ficou claro para ela. Às vezes, está apenas se sentindo deprimida e quer alguém que a alegre. O pior é no dia seguinte à terapia: chega para repetir, insistentemente, o que aconteceu na sala do terapeuta, para examinar as implicações dos mínimos gestos dele. Suspira e chora, engole copos e copos de vinho, fica morta no meio do sexo.

“Você devia fazer terapia”, diz ela, soprando a fumaça.

“Vou pensar no assunto”, ele responde. Agora já aprendeu a não discordar.

Na verdade, nem sonha fazer terapia. O objetivo da terapia é deixar a pessoa feliz. Para que isso? Pessoas felizes não são interessantes. Melhor aceitar o peso da infelicidade e tentar transformá-lo em alguma coisa que valha a pena, em poesia, música ou pintura: é nisso que acredita.

Apesar disso, escuta Jacqueline o mais pacientemente possível. Ele é o homem, ela é a mulher; ele obteve dela o seu prazer, agora tem de pagar o preço: parece ser assim que as coisas funcionam.

A história dela, contada noite após noite em versões sobrepostas e conflitantes ao ouvido tonto de sono dele, é que alguém lhe roubou seu verdadeiro eu, um perseguidor que às vezes é sua mãe tirânica, às vezes o pai fugido, às vezes um ou outro amante sádico, às vezes um terapeuta mefistofélico. O que ele tem nos braços, diz, é apenas uma casca de seu verdadeiro eu; ela só vai recuperar a capacidade de amar quando tiver recuperado seu eu.

Ele escuta, mas não acredita. Se o terapeuta tem intenções a respeito dela, pensa, por que ela não para de consultá-lo? Se a irmã a deprecia, por que simplesmente não deixa de ver a irmã? Quanto a ele, desconfia que, se Jacqueline veio para tratá-lo mais como confidente do que como amante, é porque não é um amante bom o suficiente, apaixonado o

suficiente. Desconfia que, se fosse um amante melhor, ela logo encontraria o eu perdido e o desejo perdido.

Por que continua abrindo a porta quando ela bate? Será porque é isso que artistas fazem — ficam acordados a noite inteira, deixando suas vidas se enrolarem — ou será porque, apesar de tudo, se diverte com essa mulher escorregadia, inegavelmente bonita, que não tem vergonha de andar nua pelo apartamento diante dos olhos dele?

Por que ela é tão livre em sua presença? Será para provocá-lo (pois sente seus olhos em cima dela, tem certeza disso), ou será que toda enfermeira se comporta assim em particular, tirando a roupa, se coçando, falando diretamente sobre excrementos, contando as mesmas piadas grosseiras que os homens contam nos bares? Porém, se Jacqueline se libertou de todas as suas inibições, por que ao fazer amor é tão distraída, ausente, decepcionante?

Não foi ideia dele começar esse caso, nem é sua ideia continuar com ele. Mas, agora que está no meio da coisa, não tem energia para escapar. Um fatalismo tomou conta dele. Se a vida com Jacqueline é uma espécie de doença, que a doença siga seu curso.

Ele e Paul são cavalheiros o bastante para não comparar observações sobre as amantes. Mesmo assim, desconfia que Jacqueline Laurier fala dele com a irmã e que a irmã conta coisas sobre Paul. É embaraçoso Paul saber o que acontece em sua vida íntima. Tem certeza de que, dos dois, Paul é quem tem maior capacidade de lidar com mulheres.

Uma noite, quando Jacqueline está trabalhando na clínica no turno da noite, ele vai até o apartamento de Paul. Encontra Paul se preparando para partir para a casa da mãe, em St. James, onde vai passar o fim de semana. Por que não vem também, Paul sugere, pelo menos passar o sábado?

Eles perdem o último trem por pouco. Se quiserem ir a St. James, vão ter de caminhar os dezenove quilômetros até lá. A noite está bonita. Por que não?

Paul leva a mochila e o violino. Está levando o violino, diz, porque é mais fácil praticar em St. James, onde os vizinhos não são tão próximos.

Paul estuda violino desde a infância, mas nunca chegou muito longe com ele. Parece bastante contente de tocar as mesmas gigas e minuetos que tocava há dez anos. Suas ambições como músico são muito mais amplas. Em seu apartamento, tem um piano que a mãe comprou quando ele, aos quinze anos, começou a pedir lições de piano. As lições não foram um sucesso, era impaciente demais com o método do professor, lento, passo a passo. Apesar disso, estava determinado a vir a tocar um dia, ainda que mal, o *Opus 132*, de Beethoven, e, depois disso, a transcrição de Busoni para a *Chaconne em ré menor*, de Bach. Chegará a esses objetivos sem passar pelos desvios costumeiros de Czerny e Mozart. Em vez disso, vai praticar essas duas peças e apenas essas, incessantemente, primeiro aprendendo as notas, tocando muito, muito devagar, em seguida apertando o ritmo dia a dia, por quanto tempo for preciso. É o seu método próprio de aprender piano, inventado por ele mesmo. Contanto que siga os horários sem vacilação, não vê por que não daria certo.

O que ele está descobrindo, porém, é que, quando tenta passar do muito, muito lento, para o muito lento apenas, fica com os pulsos tensos e travados, as juntas dos dedos incham, e logo não consegue tocar nada. Então tem um ataque de raiva, martela as teclas com os punhos e sai de casa em desespero.

Já passa da meia-noite quando ele e Paul chegam apenas a Wynberg. O tráfego parou, a Main Road está vazia, a não ser por um varredor que empurra sua vassoura.

No rio Diep, passa por eles um leiteiro com a carroça puxada por cavalos. Param e ficam olhando enquanto ele freia os cavalos, sobe por uma entrada de jardim, deposita duas garrafas cheias, pega as vazias, entorna as moedas na mão, desce de volta para a carroça.

“Pode nos vender meio litro?”, Paul pergunta, e lhe estende uma moeda de quatro pence. Sorrindo, o leiteiro fica olhando enquanto eles bebem. O leiteiro é jovem e bonito, explodindo de energia. Nem mesmo o grande cavalo branco com cascos peludos parece se importar de estar acordado no meio da noite.

Ele se deslumbra. Aquilo tudo de que nunca tinha ouvido falar, acontecendo enquanto as pessoas dormem: as ruas sendo varridas, o leite

sendo entregue nas portas! Mas uma coisa o intriga. Por que o leite não é roubado? Por que não há ladrões que vão seguindo a trilha do leiteiro e surrupiam cada garrafa que ele entrega? Numa terra em que a propriedade é crime e qualquer coisa, tudo pode ser roubado, por que o leite fica isento? Pelo fato de que roubar leite é fácil demais? Será que existem regras de conduta até entre ladrões? Ou será que os ladrões têm pena dos leiteiros, que em sua maior parte são jovens, negros e fracos?

Gostaria de acreditar nessa última explicação. Gostaria de acreditar que existe no ar um tanto de piedade pelos negros e por sua sorte, um certo desejo de tratar deles honrosamente, para compensar a crueldade das leis. Mas sabe que não é assim. Entre o negro e o branco existe um abismo fixo. Mais profunda que a piedade, mais profunda que atos honrosos, mais profunda ainda que a boa vontade, existe dos dois lados uma consciência de que pessoas como Paul e ele, com seus pianos e seus violinos, estão nesta terra, na terra da África do Sul, com os mais frágeis pretextos. Esse leiteiro mesmo, o qual um ano atrás devia ser apenas um rapaz que pastoreava gado no mais fundo do Transkei, deve saber. Na verdade, dos africanos em geral, até dos mulatos, ele sente emanar uma ternura curiosa, divertida: uma sensação de que deve ser um simplório, que precisa de proteção, se imagina que pode se dar bem à base de boa aparência e comportamento honrado quando o chão que pisa está banhado em sangue e o vasto abismo retrógrado da história vibra com gritos de raiva. Por que outra razão esse jovem, com os primeiros movimentos do vento do dia penteando a crina de seu cavalo, sorri tão suavemente enquanto olha os dois bebendo o leite que lhes deu?

Chegam à casa em St. James com o romper da aurora. Ele adormece imediatamente no sofá, e dorme até o meio-dia, quando a mãe de Paul o acorda e serve o café da manhã numa varanda com vista para toda a vastidão da False Bay.

Entre Paul e a mãe há um fluxo de conversa em que ele se insere com facilidade. A mãe é fotógrafa, com estúdio próprio. É miúda e bem-vestida, com uma voz rouca de fumante e um ar inquieto. Quando terminam de comer, ela pede licença: tem de trabalhar, diz.

Ele e Paul descem para a praia, nadam, voltam, jogam xadrez. Depois, ele pega o trem de volta para casa. É seu primeiro vislumbre da vida doméstica de Paul e ele fica cheio de inveja. Por que não pode ter uma

boa relação, normal, com sua própria mãe? Queria que sua mãe fosse como a de Paul, queria que tivesse uma vida própria, fora da estreiteza da família.

Foi para escapar à opressão da família que ele saiu de casa. Agora, raramente vê os pais. Embora vivam a uma curta distância a pé, não vai visitá-los. Nunca levou Paul para vê-los, nem nenhum outro amigo, para não falar de Jacqueline. Agora que tem seus próprios rendimentos, usa sua independência para excluir os pais de sua vida. A mãe fica incomodada com essa frieza, ele sabe, a frieza com que correspondeu a seu amor a vida inteira. Durante toda a vida dele ela quis afagá-lo; durante toda a vida ele vem resistindo. Mesmo quando ele insiste, ela não acredita que tenha dinheiro suficiente para viver. Sempre que o vê, tenta enfiar dinheiro no bolso dele, uma nota de uma libra, duas libras. “Uma coisinha”, é como ela diz. Se tivesse chance, faria cortinas para o apartamento dele, lavaria suas roupas. Ele tem de endurecer o coração contra ela. Agora não é hora para baixar a guarda.

ESTÁ LENDO *The letters of Ezra Pound* [As cartas de Ezra Pound]. Ezra Pound foi despedido de seu emprego no Wabash College, em Indiana, por ter uma mulher em seus cômodos. Enfurecido com essa estreiteza mental provinciana, Pound foi embora da América. Em Londres, conheceu a bela Dorothy Shakespear, casou-se com ela e foi morar na Itália. Depois da Segunda Guerra Mundial, foi acusado de ajudar e favorecer os fascistas. Para escapar à sentença de morte, declarou-se perturbado mental e foi trancado num manicômio.

Agora, em 1959, tendo sido libertado, Pound voltou à Itália, ainda trabalhando no projeto da sua vida, os *Cantos*. Todos os *Cantos* publicados até agora existem na biblioteca da Universidade da Cidade do Cabo, em edição da Faber, na qual a procissão de linhas em elegantes tipos negros é interrompida de vez em quando por grandes caracteres chineses, como toques de um gongo. Ele fica absorvido pelos *Cantos*; lê e relê os poemas (pulando, cheio de culpa, as partes maçantes sobre Van Buren e os Malatesta), usando como guia o livro de Hugh Kenner sobre Pound. T.S. Eliot magnanimamente chamou Pound de *il miglior fabbro*, o melhor artesão. Mesmo admirando muito a obra de Eliot, acha que Eliot tem razão.

Ezra Pound sofreu perseguições quase toda a vida: forçado ao exílio, depois preso, depois expulso de sua terra natal uma segunda vez. No entanto, apesar de rotulado de louco, Pound provou ser um grande poeta, talvez tão grande quanto Walt Whitman. Obedecendo ao seu *daimon*, Pound sacrificou a vida à arte. Assim como Eliot, se bem que o sofrimento de Eliot foi de natureza mais privada. Eliot e Pound viveram vidas de tristeza e, às vezes, de desonra. Há nisso uma lição para ele, que o atinge a cada página da poesia deles — da de Eliot, com quem teve um primeiro encontro arrebatador ainda na escola, e, agora, da de Pound. Como Pound e Eliot, tem de estar preparado para suportar tudo o que a

vida lhe reserva, mesmo que isso signifique exílio, trabalho obscuro e opróbrio. E, se falhar no teste maior da arte, se no fim não tiver o dom abençoado, precisa estar preparado para suportar também isso: o inamovível veredicto da história, o destino de ser, apesar de todos os seus sofrimentos presentes e futuros, menor. Muitos são os chamados, poucos os eleitos. Para cada poeta maior, uma nuvem de poetas menores, como mosquitos zunindo em volta de um leão.

Só um de seus amigos tem a mesma paixão por Pound, Norbert. Norbert nasceu na Tchecoslováquia, veio para a África do Sul depois da Guerra, e fala inglês com um leve sotaque germânico. Está estudando engenharia, como o pai. Veste-se com elegante formalidade europeia e está procedendo à corte altamente respeitável de uma bela moça de boa família com quem vai passear uma vez por semana. Ele e Norbert encontram-se num salão de chá, na encosta da montanha, onde comentam os últimos poemas de um e de outro e leem em voz alta os trechos de Pound preferidos de cada um.

Parece-lhe interessante que Norbert, um futuro engenheiro, e ele, um futuro matemático, sejam discípulos de Ezra Pound, enquanto os outros poetas estudantes que conhece, os que estudam literatura e fazem a revista literária da universidade, são seguidores de Gerard Manley Hopkins. Na escola ele próprio passou por uma breve fase Hopkins, durante a qual atulhou de monossílabos fortes os seus versos e evitou palavras de origem romântica. Mas acabou perdendo o gosto por Hopkins, assim como está a ponto de perder o gosto por Shakespeare. Os versos de Hopkins são muito cheios de consoantes, os de Shakespeare, muito cheios de metáforas. Hopkins e Shakespeare valorizam demais palavras incomuns, sobretudo do inglês antigo: *maw* [papo], *reck* [preocupar-se], *pelf* [saque]. Ele não entende por que o verso tem sempre de subir para um tom declamatório, por que não pode se contentar em acompanhar as flexões de uma voz falando normalmente — na verdade, por que o verso tem de ser diferente da prosa.

Começou a preferir Pope a Shakespeare, e Swift a Pope. Apesar da cruel precisão de seu fraseado, que ele aprova, Pope lhe parece ainda muito à vontade entre anáguas e perucas, enquanto Swift é sempre um homem selvagem, um solitário.

Gosta de Chaucer também. A Idade Média é tediosa, obcecada pela castidade, assolada por clérigos; os poetas medievais são, em sua maioria, tímidos, estão sempre correndo aos padres latinos em busca de orientação. Mas Chaucer mantém uma boa distância irônica da autoridade deles. E, ao contrário de Shakespeare, não espuma por qualquer coisa, nem começa a vituperar.

Quanto a outros poetas ingleses, Pound o ensinou a farejar o sentimento fácil em que chafurdam os românticos e vitorianos, para não falar do descuido do versejar deles. Pound e Eliot tentam revitalizar a poesia anglo-americana trazendo de volta para ela a adstringência dos franceses. Ele está plenamente de acordo. Não entende como pôde um dia ficar tão fascinado por Keats a ponto de escrever sonetos keatsianos. Keats é como melancia, mole, doce e vermelhão, enquanto a poesia deve ser dura e clara como uma chama. Ler meia dúzia de páginas de Keats é como ceder à sedução.

Ele se sentiria mais seguro como discípulo de Pound se soubesse realmente ler francês. Mas todos os esforços para aprender sozinho não levaram a nada. Não tem nenhuma afinidade com a língua, com as palavras que começam ousadas e terminam num murmúrio. Então tem de confiar em Pound e Eliot quando dizem que Baudelaire e Nerval, Corbière e Laforgue apontam o caminho a seguir.

Seu plano, ao entrar na universidade, era qualificar-se como matemático, depois ir para o exterior e se dedicar à arte. O plano ia só até aí, só precisava ir até aí, e até agora dele não se afastara. Enquanto estiver aperfeiçoando sua capacidade poética no estrangeiro, ganhará a vida fazendo alguma coisa obscura e respeitável. Como os grandes artistas estão fadados a passar despercebidos durante algum tempo, imagina que cumprirá seus anos de provação como um funcionário que fica somando humildemente colunas de números numa sala dos fundos. Decerto não será um boêmio, o que quer dizer bêbado, parasita e vagabundo.

O que o atrai na matemática, além dos símbolos arcanos, são seus usos, sua pureza. Se houvesse um Departamento de Pensamento Puro na universidade, ele se matricularia em pensamento puro também; mas matemática pura parece ser o que a academia oferece de mais próximo ao reino das formas.

Seu plano de estudo enfrenta um obstáculo, porém: o regulamento não permite que se estude apenas matemática pura, excluindo todo o resto. A maioria dos estudantes de sua classe faz uma mistura de matemática pura, matemática aplicada e física. Essa não é uma direção que ele se ache capaz de seguir. Embora em criança tivesse tido um interesse passageiro por foguetes e fissão nuclear, não tem nenhuma sensibilidade para o que é chamado de mundo real, não consegue entender por que as coisas na física são como são. Por que, por exemplo, uma bola que pula acaba parando de pular? Seus colegas não têm dificuldade com essa pergunta: porque o coeficiente de elasticidade é menor que 1, dizem. Mas por que tem de ser assim, ele pergunta? Por que o coeficiente não pode ser exatamente 1, ou mais que 1? Eles encolhem os ombros. Vivemos no mundo real, dizem: no mundo real o coeficiente de elasticidade é sempre menor que 1. Isso não soa como uma resposta para ele.

Como parece não ter nenhuma afinidade com o mundo real, evita as ciências, preenchendo as janelas vazias de seu currículo com cursos de inglês, de filosofia, de estudos clássicos. Gostaria de ser considerado um estudante de matemática que por acaso faz alguns cursos de arte; mas entre os estudantes de ciência ele é, para sua tristeza, visto como um estranho, um diletante que aparece para as aulas de matemática e depois desaparece, Deus sabe onde.

Como vai ser matemático, tem de passar a maior parte do tempo na matemática. Mas a matemática é fácil, enquanto o latim não é. Latim é sua matéria mais fraca. Nos anos de esforço na escola católica, impregnou-se da lógica da sintaxe latina; é capaz de escrever corretamente prosa ciceroniana, mesmo que arrastada; mas Virgílio e Horácio, com sua ordem randômica de palavras e vocabulário irritantemente variado, continuam a lhe escapar.

Cai num grupo de estudos em que a maioria dos outros alunos estuda também grego. Saber grego faz o latim ficar fácil para eles; tem de lutar para acompanhar, para não parecer bobo. Queria ter ido a uma escola que ensinasse grego.

Uma das atrações secretas da matemática é que ela usa o alfabeto grego. Embora não conheça nenhuma palavra grega além de *hubris*

[arrogância], *arete* [excelência] e *eleutheria* [liberdade], passa horas aperfeiçoando a caligrafia grega, apertando com mais força os traços descendentes para dar um efeito de tipo Bodoni.

A seus olhos, grego e matemática pura são as matérias mais nobres que se podem estudar na universidade. De longe, reverencia os que dão aulas em grego, cujos cursos não pode fazer: Anton Paap, papirologista; Maurice Pope, tradutor de Sófocles; Maurits Heemstra, comentarista de Heráclito. Ao lado de Douglas Sears, professor de matemática pura, eles habitam um reino sublime.

Apesar de todos os esforços, suas notas de latim não são altas. É história romana que o põe abaixo sempre. O professor encarregado de ensinar história romana é um jovem inglês pálido, infeliz, cujo real interesse é *Digenis Akritas*. Os estudantes de direito, que estudam latim por obrigação, sentem sua fraqueza e o atormentam. Chegam tarde e saem cedo; jogam aviões de papel; cochicham alto enquanto ele fala; quando ele faz uma de suas piadas frouxas, dão gargalhadas, batem os pés no chão e não param.

A verdade é que fica tão entediado quanto os estudantes de direito, e talvez o próprio professor, com as flutuações do preço do trigo durante o reino de Comodus. Sem fatos não existe história, e ele nunca teve boa cabeça para fatos: quando chegam os exames e é convidado a dizer o que pensa sobre o que causou o que no final do Império, fica olhando com aflição para a página vazia.

Leem Tácito em tradução: secos recitais dos excessos e ultrajes dos imperadores em que só a inexplicável pressa de frase após frase aponta para a ironia. Se vai ser um poeta, devia receber lições de Catulo, poeta do amor, que estão traduzindo nos grupos de estudo; mas é Tácito, o historiador, cujo latim é tão difícil que ele não consegue acompanhar no original, que realmente o pega.

Seguindo a recomendação de Pound, leu Flaubert, primeiro *Madame Bovary*, depois *Salammbô*, o romance de Flaubert sobre a antiga Cartago, assim como se refreou severamente de ler Victor Hugo. Hugo é um saco de vento, diz Pound, enquanto Flaubert leva para a escrita de prosa a dura arte joalheira da poesia. De Flaubert saiu primeiro Henry James, depois Conrad e Ford Madox Ford.

Ele gosta de Flaubert. Emma Bovary particularmente, com seus olhos escuros, sua sensualidade agitada, sua prontidão para se entregar, ela o escraviza. Gostaria de ir para a cama com Emma, ouvir o famoso cinto assobiar feito uma cobra quando ela se despe. Mas será que Pound aprovaria? Ele não tem bem certeza se conhecer Emma seria razão suficiente para admirar Flaubert. Em sua sensibilidade ainda há, ele desconfia, alguma coisa podre, algo keatsiano.

Claro que Emma Bovary é uma criatura de ficção, jamais vai cruzar com ela na rua. Mas Emma não foi criada do nada: teve origem nas experiências em carne e osso de seu autor, experiências que foram então submetidas à transfiguração da arte. Se Emma teve um original, ou diversos originais, conclui-se que uma mulher como Emma e a original de Emma devem existir no mundo real. E mesmo que não seja assim, mesmo que nenhuma mulher do mundo real seja tal qual Emma, deve haver muitas mulheres tão profundamente afetadas pela leitura de *Madame Bovary* a ponto de cair sob o encanto de Emma e se transformar em versões dela. Podem não ser a Emma real, mas, em certo sentido, são sua encarnação viva.

Sua ambição é ler tudo o que vale a pena ler antes de ir para o exterior, de forma a não chegar à Europa como um matuto provinciano. Como guias de leitura, confia em Eliot e Pound. Com a autoridade deles, dispensa sem um olhar estante após estante de Scott, Dickens, Thackeray, Trollope, Meredith. Tampouco o que vem da Alemanha, da Itália, da Espanha ou da Escandinávia do século XIX merece atenção. A Rússia pode ter produzido alguns monstros interessantes, mas como artistas os russos não têm nada a ensinar. A civilização desde o século XVIII é uma questão anglo-francesa.

Por outro lado, existem bolsões de alta civilização em tempos mais remotos que ninguém pode se permitir negligenciar: não só em Atenas e Roma, mas também na Alemanha de Walther von der Vogelweide, na Provence de Arnaut Daniel, na Florença de Dante e Guido Cavalcanti, para não falar da China Tang, da Índia Mogul e da Espanha almorávida. Portanto, a menos que aprenda chinês, persa e árabe, ou pelo menos o suficiente dessas línguas para ler seus clássicos com uma cola, ele pode muito bem se considerar um bárbaro. Onde encontrará tempo?

Nos cursos de inglês, de início, não se deu bem. Seu orientador em literatura era um jovem galês chamado mr. Jones. Mr. Jones era novo na África do Sul; era seu primeiro emprego de verdade. Os estudantes de direito, matriculados só porque inglês, assim como latim, era matéria obrigatória, farejaram sua insegurança imediatamente: bocejavam na cara dele, faziam-se de burros, parodiavam seu jeito de falar, até ele ficar às vezes bem desesperado.

Seu primeiro trabalho era escrever uma análise crítica de um poema de Andrew Marvell. Embora não muito seguro do que queria dizer exatamente uma análise crítica, fez o melhor que pôde. Mr. Jones lhe deu um gama. Gama não era a nota mais baixa da escala — havia o gama-menos, para não falar das variedades de delta —, mas não era bom. Muitos estudantes, inclusive os estudantes de direito, receberam betas; houve até um solitário alfa-menos. Por indiferentes que fossem à poesia, havia alguma coisa que esses seus colegas sabiam e ele não. Mas o que era? Como fazer para ficar bom em inglês?

Mr. Jones, mr. Bryant, miss Wilkinson: todos os seus professores eram jovens e, parecia-lhe, desamparados, sofrendo em silêncio a perseguição dos estudantes de direito, à espera de que se cansassem e abrandassem. Quanto a ele, sentia certa simpatia pela situação deles. O que queria de seus professores era autoridade, não demonstrações de vulnerabilidade.

Nos três anos desde que começou com mr. Jones, suas notas em inglês aos poucos foram subindo. Mas nunca chegou ao topo da classe, sempre, em certo sentido, se debatendo, inseguro quanto ao que devia ser o estudo da literatura. Comparado com a crítica literária, o lado filológico do inglês era um alívio. Pelo menos, com as conjugações verbais do inglês antigo ou as mudanças do médio inglês a pessoa sabe onde está pisando.

Agora, em seu quarto ano, está matriculado num curso de autores de prosa inglesa antigos, dado pelo professor Guy Howarth. É o único aluno. Howarth tem fama de ser seco, pedante, mas ele não se importa com isso. Não tem nada contra pedantes. Prefere-os aos exibidos.

Encontram-se uma vez por semana na sala de Howarth. Howarth lê sua aula em voz alta enquanto ele anota. Depois de algumas reuniões,

Howarth simplesmente lhe empresta o texto da aula para levar para casa.

As aulas, datilografadas com fita apagada num papel rijo, amarelado, saem de um armário em que parece haver uma pasta para cada autor de língua inglesa, desde Austen até Yeats. É isso que se tem de fazer para ser professor de inglês: ler os autores estabelecidos e escrever uma palestra para cada um? Quantos anos da vida de uma pessoa isso consome? O que isso faz com o espírito?

Howarth, que é australiano, parece ter gostado dele, ele não entende por quê. De sua parte, embora não possa dizer que gosta de Howarth, sente um impulso protetor por sua falta de jeito, por sua ilusão de que os estudantes sul-africanos se importam minimamente com Gascoigne ou Lyly ou mesmo Shakespeare.

No último dia do semestre, depois da última sessão juntos, Howarth faz um convite. “Venha à minha casa amanhã à noite para tomar um drinque.”

Ele obedece, mas desanimado. Além da troca de opiniões sobre os prosadores elisabetanos, não tem nada a dizer para Howarth. Ademais, não gosta de beber. Mesmo vinho, depois do primeiro gole, parece-lhe amargo, amargo, pesado e desagradável. Não entende por que as pessoas fingem gostar.

Sentam-se na penumbra da sala de teto alto, na casa de Howarth, nos Gardens. Ele parece ser o único convidado. Howarth fala sobre a poesia australiana, sobre Kenneth Slessor e A. D. Hope. Mrs. Howarth entra rapidamente e torna a sair rapidamente. Sente que ela não gosta dele, acha que é puritano, desprovido de *joie de vivre*, desprovido de agilidade verbal. Lilian Howarth é a segunda mulher de Howarth. Sem dúvida foi uma beldade em sua época, mas agora é simplesmente uma mulherzinha atarracada com pernas finas e pó de arroz demais no rosto. É também, segundo dizem, um bom-copo, dada a cenas embaraçosas quando bêbada.

Vem à tona que foi convidado com um objetivo. Os Howarth estão indo passar seis meses no exterior. Ele estaria disposto a ficar na casa e cuidar dela? Não precisaria pagar aluguel, nem contas, poucas responsabilidades.

Aceita imediatamente. Fica lisonjeado com o convite, mesmo que seja apenas porque ele parece desinteressante e confiável. Além disso, se deixar seu apartamento em Mowbray, vai poder economizar mais depressa para a passagem de navio para a Inglaterra. E a casa — uma construção enorme, espalhada na parte baixa da encosta da montanha, com corredores escuros e quartos mofados e sem uso — tem um encanto próprio.

Há uma condição. Durante o primeiro mês, terá de conviver com convidados dos Howarth, uma mulher da Nova Zelândia e sua filha de três anos de idade.

A mulher da Nova Zelândia acaba se revelando outra bêbada. Logo depois de se mudar, no meio de uma noite, ela entra em seu quarto e em sua cama. Abraça-o, cola o corpo contra ele, dá-lhe beijos molhados. Ele não sabe o que fazer. Não gosta dela, não a deseja, sente repulsa pelos lábios moles em busca de sua boca. Primeiro, um arrepio lhe percorre o corpo, depois pânico. “Não!”, grita. “Saia daqui!” E se enrola como uma bola.

Incerta, ela sai da cama. “Filho da puta!”, sibila, e vai embora.

Continuam a ocupar a grande casa até o final do mês, esquivando-se um do outro, ouvindo os estalidos das tábuas do assoalho, evitando cruzar o olhar quando seus caminhos se cruzam. Os dois bancaram os bobos, mas ela pelo menos foi uma boba temerária, o que é perdoável, enquanto ele foi um pudico, um pateta.

Nunca ficou bêbado na vida. Abomina a bebida. Sai cedo das festas para escapar da conversa trôpega, oca, das pessoas que beberam demais. Em sua opinião, motoristas bêbados deviam ter sentenças duplicadas em vez de reduzidas à metade. Mas na África do Sul todo excesso cometido sob a influência do álcool é visto com indulgência. Fazendeiros podem espancar seus trabalhadores até a morte com a condição de que estejam bêbados ao fazê-lo. Homens feios podem se impor a mulheres, mulheres feias podem abordar homens; se a pessoa resiste, não está topando o jogo.

Ele leu Henry Miller. Se uma mulher bêbada se enfiasse na cama com Henry Miller, a trepada e sem dúvida a bebida também continuariam a noite inteira. Se Henry Miller fosse apenas um sátiro, um monstro de apetite indiscriminado, podia ser ignorado. Mas Henry Miller é um

artista, e suas histórias, por mais abusivas que sejam e, provavelmente, repletas de mentiras, são histórias da vida de um artista. Henry Miller escreve sobre a Paris dos anos 30, uma cidade de artistas e de mulheres que amavam os artistas. Se as mulheres se jogavam em cima de Henry Miller, então, *mutatis mutandis*, deviam se jogar em cima de Ezra Pound, de Ford Madox Ford, de Ernest Hemingway e de todos os outros grandes artistas que viviam em Paris naqueles anos, para não falar de Pablo Picasso. O que *ele* vai fazer quando chegar a Paris ou Londres? Será que vai insistir em não jogar o jogo?

Ao lado de seu horror à bebida, tem horror à feiura física. Quando lê o *Testament* de Villon, só consegue pensar em como deve ser feia a *belle beaumièrre* [a bela esposa do fabricante de elmos], enrugada, sem banho e de boca suja. Se o sujeito vai ser artista, tem de amar mulheres indiscriminadamente? Será que a vida de artista envolve dormir com qualquer uma e com todas, em nome da vida? Se o sujeito é enjoado com sexo, está rejeitando a vida?

Outra pergunta: o que fez Marie, da Nova Zelândia, achar que valia a pena ir para a cama com ele? Seria simplesmente porque ele estava ali, ou teria ela sabido através de Howarth que ele era um poeta, um futuro poeta? As mulheres adoram os artistas, porque eles têm uma chama interior, uma chama que consome e paradoxalmente renova todos a quem toca. Quando se enfiou na cama dele, Marie devia estar achando que ia ser lambida pela chama da arte e ia experimentar um êxtase além das palavras. Em vez disso, viu-se rejeitada por um menino em pânico. Com certeza, de uma maneira ou de outra, ela vai se vingar. Com certeza, em sua próxima carta, seus amigos Howarth receberão uma versão dos fatos em que ele vai parecer parvo.

Sabe que é moralmente desprezível condenar uma mulher por ser feia. Mas felizmente artistas não precisam ser pessoas moralmente admiráveis. Tudo o que interessa é que criem grande arte. Se a arte dele tiver de provir do lado mais desprezível dele mesmo, que seja. As flores crescem melhor na esterqueira, como Shakespeare nunca se cansa de dizer. Até Henry Miller, que se apresenta como um sujeito tão direto, pronto a fazer amor com qualquer mulher, não importa sua forma ou tamanho, deve ter um lado escuro que tem a prudência de esconder.

Pessoas normais acham difícil serem más. Pessoas normais, quando sentem a maldade se acender dentro delas, bebem, falam palavrões, cometem violência. A maldade é como uma febre para elas: querem arrancá-la do corpo, querem voltar a ser normais. Mas os artistas têm de viver com sua febre, seja qual for a natureza dela, boa ou má. A febre é que os faz artistas; a febre tem de ser mantida viva. Por isso é que os artistas nunca podem estar inteiramente presentes no mundo: um olho tem de estar sempre voltado para dentro. Quanto às mulheres que se juntam em torno de artistas, elas não merecem plena confiança. Pois, assim como o espírito do artista é ao mesmo tempo chama e febre, também a mulher que quer ser lambida por línguas de fogo fará ao mesmo tempo todo o possível para estancar a febre e puxar o artista para o chão comum. Portanto, é preciso resistir às mulheres, mesmo quando amadas. Não se pode permitir que cheguem tão perto da chama a ponto de resfriá-la.

NUM MUNDO PERFEITO, ele só iria para a cama com mulheres perfeitas, mulheres de perfeita feminilidade, embora um pouco sombrias em seu âmago, que reagissem ao eu dele mais sombrio. Mas não conhece nenhuma mulher assim. Jacqueline — se havia algo sombrio em seu âmago, não conseguiu perceber — sem nenhum aviso parou de visitá-lo, e ele teve o bom senso de não tentar descobrir por quê. De forma que tem de se virar agora com outras mulheres — na verdade, garotas que ainda não são mulheres e podem não ter nenhum âmago autêntico, ou um âmago de que se possa falar: garotas que só com relutância vão para a cama com um homem, porque foram convencidas a isso ou porque as amigas estão indo para a cama e elas não querem ficar para trás ou porque às vezes é o único jeito de conservar um namorado.

Ele engravida uma delas. Quando ela telefona para contar, fica perplexo, arrasado. Como pôde ter engravidado alguém? Em certo sentido, sabe exatamente como. Um acidente: pressa, confusão, uma atrapalhão que nunca aparece nos romances que lê. Ao mesmo tempo, porém, não consegue acreditar. No fundo, não se sente muito mais velho do que com oito anos de idade, dez no máximo. Como uma criança pode ser pai?

Talvez não seja verdade, diz a si mesmo. Talvez seja como um daqueles exames em que você tem certeza de que foi reprovado e, quando sai o resultado, você acabou não indo tão mal.

Mas não é assim que funciona. Outro telefonema. Com um tom prático a garota conta que foi ao médico. Há uma pausa minúscula, longa o bastante para ele aceitar a abertura e falar. “Eu fico do seu lado”, poderia dizer. “Deixe comigo”, poderia dizer. Mas como pode dizer que vai estar ao lado dela quando o significado de *estar ao lado dela* na

verdade o enche de horror, quando seu único impulso é largar o telefone e fugir?

A pausa termina. Ela tem o nome, continua dizendo, de alguém que vai cuidar do problema. Para tanto, marcou uma consulta para o dia seguinte. Estaria disposto a levá-la de carro até o local da consulta e depois de volta, uma vez que ela foi alertada de que depois não estará em condições de dirigir?

O nome dela é Sarah. As amigas a chamam de Sally, nome de que ele não gosta. Que o faz se lembrar do verso “Come down to the sally gardens” [Venha para os jardins *sally*]. O que vêm a ser *sally gardens*? Ela é de Joanesburgo, de um dos subúrbios onde as pessoas passam o domingo andando a cavalo pela propriedade e dizendo “*Jolly good!*” [Legal!] umas para as outras enquanto criados negros de luvas brancas servem bebidas. Uma infância andando a cavalo, caindo e se machucando, mas sem chorar, transformou Sarah numa pedra. “Sal é uma verdadeira rocha”, pode ouvir a turma dela de Joanesburgo dizendo. Não é bonita — ossos sólidos demais, o rosto muito enjoativo para ser bonito —, mas é inteiramente saudável. E não finge. Agora que o desastre aconteceu, ela não se esconde no quarto fingindo que não há nada errado. Ao contrário, descobriu o que precisava descobrir — como fazer um aborto na Cidade do Cabo — e tomou as devidas providências. Na verdade, o deixou envergonhado.

No carrinho dela, vão para Woodstock e param na frente de uma fileira de casinhas idênticas, semi-isoladas. Ela desce e bate na porta de uma delas. Ele não vê quem abre, mas só pode ser a própria aborteira. Imagina as aborteiras como mulheres relaxadas de cabelo tingido e unhas não muito limpas. Dão para a garota um copo de gim puro, fazem com que se deite, então realizam alguma inominável manipulação lá dentro dela com um pedaço de arame, com algo que engancha e puxa. Sentado no carro, ele estremece. Quem haveria de pensar que numa casa comum como essa, com hortênsias no jardim e um anão de plástico, acontecem tais horrores!

Passa-se meia hora. Ele vai ficando cada vez mais nervoso. Será capaz de fazer o que é esperado dele?

Então Sarah sai, e a porta se fecha. Lentamente, com ar de concentração, ela caminha até o carro. Quando chega mais perto, ele vê que está pálida, suando. Ela não diz nada.

Leva-a para a grande casa dos Howarth e a instala no quarto com vista para a Table Bay e para o porto. Oferece-lhe chá, oferece-lhe sopa, mas ela não quer nada. Trouxe uma maleta; trouxe as próprias toalhas, os próprios lençóis. Pensou em tudo. Ele tem de meramente estar por perto, de prontidão para o caso de alguma coisa dar errado. Não é pedir muito.

Ela pede uma toalha quente. Ele põe a toalha no forno elétrico. Ao tirar, está cheirando queimado. Quando chega ao andar de cima, mal se pode dizer que esteja quente. Mas ela a coloca na barriga, fecha os olhos e parece ficar confortada com aquilo.

A cada poucas horas, toma os comprimidos que a mulher lhe deu, seguidos de água, copos e copos. No mais, fica deitada de olhos fechados, suportando a dor. Percebendo os melindres dele, escondeu de sua vista as provas do que está acontecendo dentro de seu corpo: os absorventes com sangue e o que mais possa haver.

“Como está?”, ele pergunta.

“Bem”, ela murmura.

O que fará se ela deixar de estar bem, ele nem imagina. Aborto é ilegal, mas até que ponto? Se chamasse um médico, o médico informaria à polícia?

Dorme num colchão ao lado da cama. Como enfermeiro, é um inútil, pior que inútil. O que está fazendo não pode de fato ser considerado enfermagem. É apenas uma penitência, uma estúpida e ineficaz penitência.

Na manhã do terceiro dia, ela aparece na porta do estúdio de baixo, pálida, instável nas pernas, mas inteiramente vestida. Está pronta para ir para casa, diz.

Ele a leva de volta para suas acomodações, com a mala e um saco de roupa suja que deve conter as toalhas com sangue e os lençóis. “Quer que eu fique um pouco?”, pergunta. Ela sacode a cabeça. “Eu vou ficar bem”, diz. Ele a beija no rosto e vai a pé para casa.

Ela não fez nenhuma censura, não pediu nada; até pagou o aborto. Na verdade, deu-lhe uma aula sobre como se comportar. Quanto a ele, saiu

da coisa ignominiosamente, não pode negar. Qualquer ajuda que possa ter lhe dado foi sem empenho e, pior, incompetente. Reza para que ela não conte nunca essa história para ninguém.

Seu pensamento vai sempre para o que foi destruído dentro dela — aquela bolsa de carne, aquela bonequinha gomosa. Vê a criaturinha indo embora pela descarga da privada na casa de Woodstock, aos trambolhões pelo labirinto de esgotos, atirada por fim nos baixios, piscando ao sol súbito, lutando contra as ondas que a levarão para a baía. Ele não queria que vivesse e agora não quer que morra. Porém, mesmo que corresse até a praia, encontrasse a criatura, a salvasse do mar, o que faria com ela? Iria levá-la para casa, mantê-la aquecida com algodão, tentaria fazê-la crescer? Como pode ele, que ainda é uma criança, criar uma criança?

Está fora do seu território. Mal saiu para o mundo e já tem uma morte anotada contra ele. Quantos outros homens que vê pelas ruas levam crianças mortas com eles como sapatinhos de bebê pendurados em volta do pescoço?

Preferia não ver Sarah de novo. Se puder ficar sozinho, talvez consiga se recuperar, voltar a ser o que era antes. Mas abandoná-la agora seria vergonhoso demais. Então, todo dia passa pelo quarto dela e fica sentado, segurando sua mão um tempo decente. Se não tem nada a dizer, é porque não tem coragem de perguntar o que está acontecendo com ela, dentro dela. Será como uma doença, imagina, da qual ela agora está se recuperando, ou será como uma amputação, da qual a pessoa nunca se recupera? Qual a diferença entre um aborto feito, um aborto espontâneo, e o que nos livros é chamado de *perder um filho*? Nos livros, a mulher que perde um filho se isola do mundo e fica de luto. Sarah ainda vai entrar num período de luto? E quanto a ele? Também tem de ficar de luto? Por quanto tempo, se é que se fica de luto? Será que o luto termina, e a pessoa volta a ser a mesma de antes do luto; ou fica-se de luto para sempre pela coisinha que flutua nas ondas diante de Woodstock, como o menino-camareiro de navio que caiu no mar e ninguém percebeu? *Ui, ui!*, chora o menino-camareiro, que não afunda e não se cala.

Para ganhar mais, pega uma segunda tarde de monitoria no Departamento de Matemática. Os alunos do primeiro ano que frequentam as sessões podem trazer perguntas de matemática aplicada, assim como de matemática pura. Com o crédito de apenas um ano de matemática aplicada, está pouco à frente dos alunos que deve ajudar: toda semana tem de passar horas se preparando.

Por mais envolvido que esteja em suas questões pessoais, não pode deixar de notar que o país à sua volta está em torvelinho. As leis do passaporte a que africanos e só africanos estão sujeitos estão sendo ainda mais endurecidas, e irrompem protestos por toda parte. No Transvaal a polícia atira numa multidão, depois, à sua maneira louca, continua atirando nas costas de homens, mulheres e crianças em fuga. Do começo ao fim a história o deixa doente: as leis em si; a truculência da polícia; o governo defendendo estridentemente os assassinos e denunciando os mortos, e a imprensa, temerosa demais para se pôr a campo e dizer o que qualquer um com olhos na cara pode ver.

Depois da carnificina em Sharpeville, nada mais é como antes. Mesmo no pacífico Cabo há greves e passeatas. Sempre que acontece uma passeata aparecem policiais com armas rodeando as margens, esperando uma desculpa para atirar.

A coisa toda chega ao cúmulo uma tarde, quando está trabalhando na monitoria. A sala está quieta; ele caminha de carteira em carteira, verificando se os alunos estão conseguindo fazer os exercícios dados, tentando ajudar os que têm dificuldade. De repente, a porta se abre. Um dos professores seniores entra e bate na mesa. “Sua atenção, por favor!”, brada. Há um timbre nervoso em sua voz; o rosto está congestionado. “Por favor, deixem as canetas e me deem um minuto de atenção! Neste momento está ocorrendo uma passeata dos trabalhadores no De Waal Drive. Por razões de segurança, pediram-me que avisasse que ninguém tem permissão de deixar o campus até segunda ordem. Repito: ninguém tem permissão para sair. É uma ordem da polícia. Alguma pergunta?”

Há uma pergunta ao menos, mas não é o momento certo de fazê-la: para onde está indo um país onde não é possível dar uma sessão de estudo de matemática em paz? Quanto à ordem da polícia, ele não acredita nem por um momento que a polícia esteja isolando o campus

em defesa dos alunos. Estão isolando o campus para que os estudantes desse notório berço do esquerdismo não se juntem à passeata, só isso.

Não há como continuar com o estudo de matemática. Em torno da sala corre um zunido de conversa; os estudantes já arrumam as malas e saem, loucos para ver o que está acontecendo.

Ele acompanha a multidão até o aterro acima do De Waal Drive. Todo o tráfego foi interrompido. Os manifestantes estão vindo pela Woolsack Road numa grossa fileira, dez, vinte à frente, depois viram para o norte pela rodovia. São homens, na maioria, com roupas rústicas — macacões, casacos de excedentes do exército, gorros de lã —, alguns levando bastões, todos andando depressa, em silêncio. Não dá para enxergar o fim da coluna. Se ele fosse da polícia, estaria com medo.

“São do PAC”, diz um estudante *coloured* a seu lado. Os olhos dele brilham, tem um ar intenso. Terá razão? Como sabe? Será que há sinais que dê para reconhecer? O PAC não é igual ao ANC. É mais ameaçador. *África para os africanos!*, diz o PAC. *Joguem os brancos no mar!*

Milhares e milhares, a coluna de homens serpenteia encosta acima. Não parece um exército, mas é isso que é, um exército convocado de repente dos sertões de Cape Flats. Ao chegar à cidade, o que farão? Seja o que for, não há naquela terra policiais suficientes para detê-los, não há balas suficientes para matá-los.

Quando tinha doze anos, foi enfiado num ônibus cheio de escolares e levado até a Adderley Street, onde lhes deram bandeirinhas de papel laranja-branco-e-azul com ordens de sacudi-las quando o desfile de carros alegóricos passasse (Jan van Riebeeck e sua esposa em sóbrias roupas de cidadãos; Voortrekkers com mosquetes; o altivo Paul Kruger). Trezentos anos de história, trezentos anos de civilização cristã na ponta da África, diziam os políticos em seus discursos: demos graças ao Senhor. Agora, diante de seus olhos, o Senhor está retirando sua mão protetora. Na sombra da montanha, ele vê a história sendo reescrita.

No silêncio à sua volta, entre esses produtos arrumados, bem-vestidos, da Rondebosch High School para meninos e do Colégio Diocesano, esses jovens que meia hora atrás estavam ocupados calculando ângulos de vetor e sonhando com a carreira de engenheiro civil, ele consegue sentir o mesmo choque de desânimo. Esperavam assistir a um show,

espiar uma procissão de jardineiros, não contemplar essa multidão sombria. A tarde para eles está arruinada; tudo o que querem agora é ir para casa, tomar uma coca e comer um sanduíche, esquecer o que aconteceu.

E ele? Não é diferente. *Os navios ainda estarão navegando amanhã?* — é seu único pensamento. *Tenho de ir embora antes que seja tarde demais!*

No dia seguinte, quando está tudo terminado e os manifestantes voltaram para casa, os jornais encontram meios de falar a respeito. *Dando vazão à raiva acumulada*, dizem. *Uma das muitas passeatas de protesto de todo o país no rastro de Sharpeville. Neutralizada*, dizem, *pelo bom senso da polícia (para variar) e pela cooperação dos líderes da passeata. O governo, dizem, deveria prestar atenção e entender.* Assim eles abrandam o evento, tornando-o menos do que foi. Ele não se deixa enganar. Um simples assobio, e dos barracos e barracas de Cape Flats o mesmo exército de homens se levantará, mais forte que antes, mais numeroso. E armados, com armas da China. Que esperança existe em se colocar contra eles quando não se acredita naquilo que se coloca?

Existe a questão da Força de Defesa. Quando saiu da escola, convocavam para o treinamento militar apenas um garoto branco em cada três. Teve sorte de não ser sorteado. Agora tudo está mudando. Há novas regras. A qualquer momento, pode encontrar uma convocação em sua caixa de correio. *Sua presença é requerida no Castle, às nove horas da manhã, em tal data. Traga apenas artigos de toalete.* Voortrekkerhoogte, em algum lugar do Transvaal, é o campo de treinamento de que mais ouviu falar. É para lá que mandam condenados do Cabo, para longe de casa, para domá-los. Numa semana, pode se encontrar atrás de arames farpados em Voortrekkerhoogte, dividindo uma barraca com truculentos africâneres, comendo carne em conserva direto da lata, ouvindo Johnnie Ray na rádio Springbok. Não aguentaria isso; cortaria os pulsos. Só resta um caminho: fugir. Mas como pode fugir sem levar seu diploma? Seria como partir numa longa jornada, a jornada de uma vida, sem roupa nenhuma, sem dinheiro, sem (a comparação vem, relutante) arma.

É TARDE, passa da meia-noite. No saco de dormir azul desbotado que trouxe da África do Sul, ele está deitado no sofá da quitinete de seu amigo Paul em Belsize Park. Do outro lado do quarto, na cama de verdade, Paul começou a roncar. Por uma fresta da cortina brilha o céu da noite, amarelo de sódio com laivos roxos. Embora tenha coberto os pés com uma almofada, eles continuam gelados. Não importa: está em Londres.

Existem dois, talvez três lugares no mundo onde a vida pode ser vivida com plena intensidade: Londres, Paris, talvez Viena. Paris vem primeiro: cidade do amor, cidade da arte. Mas, para viver em Paris, é preciso ter frequentado uma escola de classe alta que ensina francês. Quanto a Viena, Viena é para judeus que voltam para reclamar seus direitos de nascimento: positivismo lógico, música dodecafônica, psicanálise. Resta Londres, onde os sul-africanos não têm de portar documentos e onde as pessoas falam inglês. Londres pode ser árida, labiríntica e fria, mas por trás de suas paredes cerradas homens e mulheres estão em ação, escrevendo livros, pintando quadros, compondo música. Passa-se por eles todo dia nas ruas sem adivinhar seu segredo, por causa da famosa e admirável reserva britânica.

Para dividir a quitinete, que consiste num único quarto e num anexo com fogão a gás e pia de água fria (o banheiro e a privada do andar de cima servem a casa toda), paga a Paul duas libras por semana. Toda a economia que trouxe da África do Sul soma oitenta e quatro libras. Tem de encontrar um trabalho imediatamente.

Vai ao escritório do Conselho do Condado de Londres e põe seu nome numa lista de professores disponíveis, professores dispostos a preencher vagas de imediato. É mandado para uma entrevista numa escola secundária moderna em Barnet, no ponto final da linha norte do metrô. Seu diploma é de matemática e inglês. O diretor quer que dê aula

de estudos sociais; além disso, que supervisione a piscina duas tardes por semana.

“Mas eu não sei nadar”, objeta.

“Então vai ter de aprender, não é?”, diz o diretor.

Sai do prédio da escola com um exemplar do livro didático de estudos sociais debaixo do braço. Tem o fim de semana para se preparar para a primeira aula. Ao chegar à estação, está se amaldiçoando por ter aceitado o emprego. Mas é covarde demais para voltar e dizer que mudou de ideia. Do correio de Belsize Park, manda de volta o livro, com um bilhete: “Imprevistos impossibilitam-me de assumir meus deveres. Por favor, aceite minhas sinceras desculpas”.

Um anúncio no *Guardian* o leva a uma viagem a Rothamsted, uma estação agrícola fora de Londres, onde costumavam trabalhar Halsted e MacIntyre, autores de *The design of statistical experiments* [O projeto de experimentos estatísticos], um de seus livros básicos na universidade. Depois de uma excursão pelos jardins e estufas da estação, a entrevista corre bem. O posto que pretende é o de Técnico Experimental Júnior. Descobre que as tarefas de um TEJ consistem em instalar grelhas para plantio experimental, registrar o brotamento sob diferentes regimentos, depois analisar os dados no computador da estação, tudo sob a direção de um funcionário sênior. O trabalho agrícola específico é feito por jardineiros supervisionados por funcionários agrícolas; ninguém espera que ele vá sujar as mãos.

Poucos dias depois, chega uma carta confirmando a oferta de emprego, com um salário de seiscentas libras por ano. Ele mal pode conter a alegria. Que conquista! Trabalhar em Rothamsted! As pessoas na África do Sul não vão acreditar!

Há uma condição. A carta termina assim: “As acomodações podem ser na aldeia ou no dormitório da propriedade do conselho”. Ele escreve de volta: aceita a oferta, diz, mas prefere continuar morando em Londres. Irá de trem para Rothamsted.

Em resposta, recebe um telefonema do Departamento Pessoal. A viagem de trem é impraticável, dizem. A oferta não é para um trabalho de escritório com horários regulares. Certas manhãs, terá de começar o trabalho muito cedo; em outros momentos, terá de trabalhar até tarde,

ou durante os fins de semana. Como todos os funcionários, terá, portanto, de residir próximo à estação. Poderia reconsiderar sua posição e comunicar sua decisão final?

O triunfo fica abalado. Para que vir da Cidade do Cabo para Londres se é para se alojar num dormitório a quilômetros da cidade, levantando ao raiar do dia para medir a altura de pés de feijão? Quer fazer parte de Rothamsted, quer achar um uso para a matemática em que trabalhou durante anos, mas quer também ir a recitais de poesia, encontrar escritores e pintores, ter casos amorosos. Como pode fazer as pessoas em Rothamsted — homens de paletó de tweed, fumando cachimbo, mulheres de cabelo oleoso e óculos de coruja — entenderem isso? Como pode pronunciar palavras como *amor* e *poesia* na frente deles?

Porém, como pode recusar a oferta? Está muito perto de conseguir um emprego de verdade, e na Inglaterra. Só tem de dizer uma palavra — *sim* — e poderá escrever à sua mãe dando a notícia que ela está esperando, ou seja, que o filho ganha um bom salário fazendo uma coisa respeitável. Então ela, por sua vez, poderá telefonar para as irmãs do pai e anunciar: “John está trabalhando como cientista na Inglaterra”. Isso poria um fim às críticas e caçoadas. Cientista: o que pode ser mais sólido que isso?

Solidez é uma coisa que sempre lhe fez falta. Solidez é seu calcanhar de aquiles. Inteligência tem o bastante (embora não tanto quanto sua mãe acha e ele próprio um dia achou); sólido, nunca foi. Rothamsted lhe daria se não solidez, imediatamente, pelo menos um título, um trabalho, uma concha. Técnico Experimental Júnior, depois, um dia, Técnico Experimental, Técnico Experimental Sênior: sem dúvida, por trás de um escudo tão eminentemente respeitável, em particular, em segredo, poderia continuar com o trabalho de transmutar experiência em arte, o trabalho para o qual foi trazido ao mundo.

Esse é o argumento em favor da estação agrícola. O argumento contra a estação agrícola é que não fica em Londres, cidade de romance.

Escreve para Rothamsted. Pensando melhor, diz, levando em consideração todas as condições, acha melhor recusar.

Os jornais estão cheios de anúncios para programadores de computador. Um diploma em ciência é recomendável, mas não

indispensável. Já ouviu falar de programação de computador, mas não sabe muito bem do que se trata. Nunca viu um computador, a não ser em desenhos animados, onde os computadores parecem caixas que cospem rolos de papel. Não há computadores na África do Sul, pelo que saiba.

Responde a um anúncio da IBM, uma vez que a IBM é a maior e melhor, e vai para a entrevista usando o terno preto que comprou antes de sair da Cidade do Cabo. O entrevistador da IBM é um homem de seus trinta anos, que também usa terno preto, mas de corte melhor, mais ajustado.

A primeira coisa que o entrevistador quer saber é se ele deixou definitivamente a África do Sul.

Responde que sim.

Por quê?, pergunta o entrevistador.

“Porque o país está se encaminhando para uma revolução”, responde.

Faz-se um silêncio. *Revolução*: não é a palavra certa, talvez, para as salas da IBM.

“E quando diria”, pergunta o entrevistador, “que essa revolução vai ocorrer?”

Ele tem a resposta pronta. “Dentro de cinco anos.” É isso que todo mundo diz desde Sharpeville. Sharpeville marcou o começo do fim do regime branco, o regime branco *cada vez mais desesperado*.

Depois da entrevista, faz um teste de QI. Sempre gostou de testes de QI, sempre se saiu bem neles. Geralmente é melhor em testes, exames orais e escritos do que na vida real.

Dias mais tarde, a IBM lhe oferece um posto de programador-*trainee*. Se se der bem no curso de treinamento, depois passar pelo período de experiência, virá a ser primeiro um programador propriamente dito, depois, um dia, programador sênior. Vai começar sua carreira no Departamento de Processamento de Dados da IBM na Newman Street, travessa da Oxford Street, no coração do West End. O horário é das nove às cinco. O salário inicial será de setecentas libras por ano.

Aceita os termos sem hesitar.

No mesmo dia, passa por uma placa de avisos no metrô de Londres, vê um anúncio de emprego. Apresentar formulários para a posição de

trainee de chefe de estação, com salário de setecentas libras por ano. Educação mínima exigida: curso secundário. Idade mínima: vinte e um anos.

Será que em todos os empregos na Inglaterra pagam a mesma coisa, pensa ele? Se é assim, para que ter um diploma?

No curso de programação, vê-se em companhia de dois outros *trainees* — uma garota bastante atraente da Nova Zelândia e um rapaz londrino de rosto marcado —, além de mais ou menos uma dúzia de clientes da IBM, empresários. Por direito, devia ser o melhor da turma, ele e talvez a garota da Nova Zelândia, que também tem diploma de matemática; mas na verdade tem de se esforçar para entender o que está acontecendo e vai mal nos exercícios escritos. No final da primeira semana, fazem uma prova, e ele passa raspando. O instrutor não está contente com ele e não hesita em expressar sua insatisfação. Está no mundo dos negócios, e no mundo dos negócios, descobre, não é preciso ser polido.

Há na programação alguma coisa que o deixa aturdido mas que nem mesmo os empresários da classe parecem achar um problema. Em sua ingenuidade, havia imaginado que programar computadores seria uma espécie de tradição de lógica simbólica e teoria de conjuntos em códigos digitais. Em vez disso, a conversa é sobre inventários e *outflows*, sobre o Cliente A e o Cliente B. O que são inventários e *outflows*, e o que isso tem a ver com matemática? Podia ser um escriturário organizando cartões em séries; podia ser um *trainee* para chefe de estação.

No fim da terceira semana, faz um teste final, passa sem distinção e se forma na Newman Street, onde lhe é atribuída uma mesa numa sala com outros nove jovens programadores. Toda a mobília da sala é cinzenta. Na gaveta da mesa encontra papel, uma régua, lápis, um apontador e um caderninho de anotações com capa plástica preta. Na capa, em maiúsculas grandes, a palavra PENSE. Na mesa do supervisor, em seu cubículo junto ao escritório principal, há uma placa com PENSE escrito. PENSE é o lema da IBM. O que há de especial na IBM, acaba concluindo, é que a empresa está inexoravelmente comprometida com o pensamento. Os empregados devem pensar o tempo todo, e assim estar à altura do ideal do fundador da IBM, Thomas J. Watson. Os empregados que não pensam não fazem parte da IBM, que é a aristocrata

do mundo das máquinas empresariais. Em seu quartel-general em White Plains, Nova York, a IBM tem laboratórios em que se realizam pesquisas em ciência da computação mais afiadas do que em todas as universidades do mundo juntas. Os cientistas de White Plains são mais bem pagos que professores universitários, e lhes é fornecido tudo aquilo de que possam concebivelmente precisar. Pensar é tudo o que têm de fazer em troca.

Embora o horário do escritório da Newman Street seja das nove às cinco, ele logo descobre que fazem cara feia quando os funcionários homens saem das instalações pontualmente às cinco. As funcionárias mulheres com famílias para cuidar podem sair às cinco sem censura; dos homens, espera-se que trabalhem pelo menos até as seis. Quando existe um trabalho especial, podem ter de trabalhar a noite inteira, com uma pausa para comer alguma coisa num pub. Como não gosta de pubs, simplesmente trabalha direto. Raras vezes chega em casa antes das dez da noite.

Está na Inglaterra, em Londres; tem um emprego, um emprego de verdade, melhor que meramente lecionar, pelo qual recebe um salário. Conseguiu escapar da África do Sul. Está indo tudo bem, atingiu seu primeiro objetivo, devia estar contente. Na verdade, com o passar das semanas, vai se sentindo mais e mais abatido. Tem ataques de pânico, que combate com dificuldade. No escritório, não há nada em que pousar os olhos além de superfícies metálicas planas. Debaixo do brilho sem sombras da luz de neon, sente que sua alma está sob ataque. O prédio, um bloco de concreto e vidro sem particularidades, parece emanar um gás, sem cheiro, sem cor, que consegue penetrar seu sangue e o amortece. A IBM, é capaz de jurar, o está matando, transformando-o num zumbi.

Mas não pode desistir. Escola Secundária Moderna de Barnet Hill, Rothamsted, IBM: não pode fracassar uma terceira vez. Fracassar seria muito parecido com seu pai. Através da cinzenta e insensível agência da IBM o mundo real o está testando. Tem de se endurecer para resistir.

SEU REFÚGIO DA IBM É O CINEMA. No *Everyman* de Hampstead, seus olhos se abrem para filmes de todo o mundo, feitos por diretores cujos nomes são completamente novos para ele. Vai ver toda uma temporada de Antonioni. Num filme chamado *L'eclisse*, uma mulher vaga pelas ruas de uma cidade deserta e ensolarada. Ela é perturbada, angustiada. Por que é angustiada, ele não consegue definir bem; seu rosto nada revela.

A mulher é Monica Vitti. Com suas pernas perfeitas, lábios sensuais e ar abstrato, Monica Vitti o assombra; apaixona-se por ela. Tem sonhos em que ele, de todos os homens do mundo, é escolhido para ser seu conforto e alegria. Alguém bate na porta. Monica Vitti está diante dele, um dedo nos lábios em sinal de silêncio. Dá um passo e a envolve em seus braços. O tempo para de correr; ele e Monica Vitti são um só.

Mas será que é realmente o amante que Monica Vitti procura? Será melhor que os homens em seus filmes para aplacar a angústia dela? Não tem certeza. Mesmo que encontrasse um quarto para os dois, um retiro secreto em algum bairro tranquilo, enevado de Londres, desconfia que ainda assim, às três da manhã, ela vai sair da cama e sentar à mesa, à luz da única lâmpada, pensando, presa da angústia.

A angústia que pesa sobre Monica Vitti e outros personagens de Antonioni é de um tipo bastante desconhecido para ele. Na verdade, não é angústia, absolutamente, mas algo mais profundo: *Angst*. Queria ter um gostinho de *Angst*, mesmo que só para saber como é. Mas, por mais que tente, não consegue encontrar em seu coração nada que possa reconhecer como *Angst*. *Angst* parece ser uma coisa europeia, especificamente europeia; ainda tem de encontrar seu rumo até a Inglaterra, para não falar das colônias da Inglaterra.

Num artigo no *Observer*, a *Angst* do cinema europeu é explicada como fruto do medo da aniquilação nuclear; também como a incerteza posterior à morte de Deus. Ele não se convence. Não pode acreditar que

o que faz Monica Vitti sair para as ruas de Palermo debaixo da furiosa bola vermelha do sol, quando podia ficar no frescor de um quarto de hotel com um homem a lhe fazer amor, seja a bomba de hidrogênio ou uma falha da parte de Deus, que não fala com ela. Seja qual for a verdadeira explicação, deve ser algo mais complicado que isso.

Angst atormenta também as pessoas em Bergman. É a causa de sua irremediável solidão. A respeito da *Angst* de Bergman, porém, o *Observer* recomenda que não seja levada muito a sério. Ela cheira a pretensão, diz o *Observer*; é uma afetação não desligada dos longos invernos nórdicos, das noites de bebida excessiva, de ressaca.

Está começando a descobrir que mesmo jornais considerados liberais — o *Guardian*, o *Observer* — são hostis à vida da mente. Diante de algo profundo e sério, estão prontos a caçoar, a descartá-lo com uma piada. Só em pequenos enclaves como o Terceiro Programa a nova arte é levada a sério — a poesia americana, a música eletrônica, o expressionismo abstrato. A Inglaterra moderna está se revelando um país perturbadoramente burguês e convencional, pouco diferente da Inglaterra de W. H. Henley e das marchas de *Pompa e circunstância* que Ezra Pound fulminava em 1912.

Então, o que está fazendo na Inglaterra? Terá sido um grande erro vir para cá? Será tarde demais para mudar? Será que Paris, a cidade dos artistas, seria mais receptiva, se ele conseguisse de alguma forma dominar o francês? E Estocolmo? Desconfia que espiritualmente iria se sentir em casa em Estocolmo. Mas e o sueco? E o que faria para ganhar a vida?

Na IBM tem de guardar para si as fantasias com Monica Vitti, e o restante de suas pretensões artísticas também. Por razões que ainda não estão claras para ele, foi adotado como companheiro por um colega programador chamado Bill Briggs. Bill Briggs é baixote e cheio de espinhas; tem uma namorada chamada Cynthia, com quem vai se casar; está tentando dar a entrada numa casa com terraço em Wimbledon. Enquanto os outros programadores falam com sotaques de escola primária impossíveis de localizar e começam o dia com as páginas de finanças do *Telegraph* para conferir os preços das ações, Bill Briggs tem

um sotaque nitidamente londrino e guarda seu dinheiro na conta de uma sociedade imobiliária.

Apesar de sua origem social, não há razão para que Bill Briggs não possa ter sucesso na IBM. A IBM é uma companhia americana que não tem paciência com a hierarquia de classes inglesa. É essa a força da IBM: homens de todos os tipos podem chegar ao topo porque tudo o que interessa à IBM é lealdade, trabalho duro e concentrado. Bill Briggs trabalha duro e é inquestionavelmente leal à IBM. Além disso, Bill Briggs parece ter uma boa percepção dos objetivos maiores da IBM e do seu centro de processamento de dados da Newman Street, que é mais do que se pode dizer dele.

Os funcionários da IBM recebem talões de cupons para almoço. Com um cupom de três xelins e seis pence se pode fazer uma refeição bem decente. Sua preferência é pela brasserie Lyons, na Tottenham Court Road, onde se pode voltar ao bufê de saladas quantas vezes quiser. Mas o Schmidt da Charlotte Street é o local preferido pelos programadores da IBM. Então, com Bill Briggs vai ao Schmidt e come *wiener schnitzel* ou guisado de lebre. Para variar, vão às vezes ao Athena, na Goodge Street, comer mussaca. Depois do almoço, se não estiver chovendo, dão um breve passeio pelas ruas antes de voltar a suas mesas.

O âmbito dos assuntos que ele e Bill Briggs concordaram tacitamente em não abordar em suas conversas é tão amplo que ele se surpreende de sobrar ainda alguma coisa. Não falam de seus desejos ou aspirações maiores. Silenciam sobre sua vida pessoal e sua educação, sobre política, religião e artes. Futebol seria aceitável, não fosse o fato de ele não saber nada dos times ingleses. Então resta-lhes o tempo, as greves ferroviárias, os preços de moradia e a IBM: os planos da IBM para o futuro, os clientes da IBM e os planos desses clientes, quem disse o que na IBM.

Isso resulta em conversas desinteressantes, mas existe outro aspecto na coisa. Apenas dois meses atrás, era um provinciano ignorante desembarcando na garoa das docas de Southampton. Agora, ali está, no coração da cidade de Londres, sem nada que o diferencie de outros funcionários de escritório londrinos vestidos de terno preto, trocando opiniões sobre assuntos cotidianos com um londrino puro-sangue, manejando com sucesso toda a etiqueta da conversação. Logo, se seu

progresso continuar e ele tiver cuidado com as vogais, ninguém olhará para ele uma segunda vez. Numa multidão, passará por londrino, talvez até mesmo, no devido tempo, por inglês.

Agora que tem um salário, pode alugar quarto próprio numa casa da Archway Road, no norte de Londres. O quarto fica no segundo andar, com vista para um reservatório de água. Tem aquecedor a gás e uma pequena alcova com um fogão a gás e prateleiras para comida e utensílios de cozinha. Num canto, há um relógio medidor: coloca-se um xelim e libera-se o fornecimento de um xelim de gás.

Seu regime não varia: maçãs, mingau de aveia, pão e queijo, e linguiças temperadas chamadas chipolatas, que frita no fogão. Prefere as chipolatas às linguiças de verdade porque não precisam ser refrigeradas. Nem soltam gordura quando fritam. Desconfia que haja bastante farinha de batata misturada à carne moída. Mas farinha de batata não faz mal à saúde.

Como sai cedo toda manhã e volta tarde para casa, raramente vê outros moradores. A rotina logo se estabelece. Passa os sábados em livrarias, galerias, museus, cinemas. Aos domingos, lê o *Observer* em seu quarto, depois vai ao cinema ou a um passeio no Heath.

As noites de sábado e domingo são o pior. É quando a solidão, que em geral consegue manter à distância, acaba se abatendo sobre ele, solidão impossível de distinguir do clima baixo, cinzento e úmido de Londres ou do frio duro de aço das calçadas. Chega a sentir o rosto ficando duro e estúpido de mudez; até a IBM e as conversas convencionais são melhores que esse silêncio.

Sua esperança é que, das multidões sem cara em meio às quais se locomove, se destaque uma mulher que corresponda ao seu olhar, que deslize sem palavras para o seu lado, que volte com ele (ainda sem palavras — qual poderia ser a primeira palavra dela? — é inimaginável) para sua quitinete, faça amor com ele, desapareça no escuro, reapareça na noite seguinte (ele estará sentado com seus livros, haverá uma batida na porta), mais uma vez o abraça, mais uma vez, ao soar a meia-noite, desapareça, e assim por diante, dessa maneira transformando sua vida e

liberando uma torrente de versos reprimidos nos moldes dos *Sonetos de Orfeu*, de Rilke.

Chega uma carta da Universidade da Cidade do Cabo. Por força de seu Louvor nos exames, diz, foi-lhe atribuída uma bolsa de duzentas libras para estudos de pós-graduação.

A quantia é pequena, pequena demais, para permitir que se matricule numa universidade inglesa. De qualquer forma, agora que encontrou emprego, não pode nem pensar em desistir dele. Para não recusar a bolsa, só lhe resta uma opção: matricular-se na Universidade da Cidade do Cabo como estudante de mestrado *in absentia*. Preenche o formulário. No espaço de “área de maior interesse” escreve, depois de pensar bem, “Literatura”. Seria bom escrever “Matemática”, mas a verdade é que não é inteligente a ponto de continuar com a matemática. A literatura pode não ser tão nobre quanto a matemática, mas pelo menos não há na literatura nada que o intimide. Quanto ao tema de sua pesquisa, brinca com a ideia de propor os *Cantos* de Ezra Pound, mas por fim fica com os romances de Ford Madox Ford. Para ler Ford, pelo menos não é preciso saber chinês.

Ford, nascido Hueffer, neto do pintor Ford Madox Brown, publicou seu primeiro livro em 1891, aos dezoito anos de idade. Daí em diante, até sua morte, em 1939, ganhou o pão exclusivamente com sua produção literária. Pound o considera o maior estilista de prosa de sua época, e censurava o público inglês por ignorá-lo. Ele próprio leu até agora cinco romances de Ford — *The good soldier* [O bom soldado] e os quatro livros que compõem o *Parade's end* [Fim da parada] —, e está convencido de que Pound tem razão. Fica deslumbrado com as complicadas e surpreendentes cronologias das tramas de Ford, pela astúcia com que uma nota, tocada casualmente e repetida sem arte, se revelará, capítulos depois, um tema maior. Comove-se também com o amor entre Christopher Tietjens e a muito mais nova Valentine Wannop, um amor que Tietjens se abstém de consumir, a despeito da disposição de Valentine, porque (diz Tietjens) um sujeito não sai por aí deflorando virgens. O etos de lacônica decência comum de Tietjens lhe parece inteiramente admirável, a quintessência do inglês.

Se Ford pôde escrever cinco obras-primas como essas, diz a si mesmo, decerto haverá outras obras maiores, ainda não reconhecidas, no extenso corpo de seus escritos apenas agora catalogados, obras maiores que ele pode ajudar a iluminar. Embarca de imediato na leitura da obra de Ford, passa sábados inteiros na sala de leitura do Museu Britânico, assim como duas noites por semana, quando a sala de leitura fica aberta até tarde. Embora as primeiras obras acabem sendo decepcionantes, ele insiste, desculpando Ford porque devia estar ainda aprendendo a arte.

Um sábado, conversa com a leitora da mesa ao lado e os dois tomam chá juntos na sala de chá do museu. O nome dela é Anna; é polonesa de origem e ainda tem um ligeiro sotaque. Trabalha como pesquisadora, conta; visitas à sala de leitura fazem parte de seu trabalho. Atualmente, está procurando material para uma biografia de John Speke, descobridor da nascente do Nilo. Ele, por sua vez, lhe fala de Ford, da colaboração de Ford com Joseph Conrad. Falam do tempo que Conrad passou na África, do começo de sua vida na Polônia e de sua aspiração posterior de se tornar um cavalheiro inglês.

Enquanto falam, imagina assim: será um sinal, ele, um estudante de F. M. Ford, encontrar na sala de leitura do Museu Britânico uma conterrânea de Conrad? Será Anna a predestinada? Não é uma beldade, por certo: é mais velha que ele; tem o rosto ossudo, esquelético até; usa sapatos sem salto bem-comportados e uma saia cinzenta sem forma. Mas quem diz que ele merece algo melhor?

Está prestes a convidá-la para sair, talvez para um cinema; mas lhe falta coragem. E se, mesmo depois de se declarar, não houver uma faísca? Como vai se safar sem desonra?

Desconfia que existam outros frequentadores habituais da sala de leitura tão solitários quanto ele. Um indiano de rosto esburacado, por exemplo, que exala um cheiro de furúnculos e bandagens velhas. Toda vez que vai ao banheiro, o indiano parece ir atrás dele, parece estar prestes a falar, mas não consegue.

Por fim, um dia, quando estão na pia lado a lado, o homem fala. Ele seria do King's College?, pergunta o homem, duro. Não, ele responde, da Universidade da Cidade do Cabo. Gostaria de um chá, pergunta o homem?

Sentam-se juntos na sala de chá; o homem se lança num longo relato de sua pesquisa, que é sobre o perfil das plateias do teatro Globe. Embora não esteja particularmente interessado, ele faz o que pode para prestar atenção.

A vida da mente, pensa consigo: é a isso que nos dedicamos, eu e esses outros viandantes nas entranhas do Museu Britânico? Haverá um dia uma recompensa para nós? Nossa solidão irá embora, ou será a vida da mente a sua própria recompensa?

SÃO TRÊS HORAS DE UMA TARDE DE SÁBADO. Está na sala de leitura desde a hora que abriu, lendo *Mr. Humpty Dumpty*, de Ford, um romance tão tedioso que ele precisou lutar para permanecer acordado.

Dentro de pouco tempo, a sala de leitura fechará por hoje, o resto do mundo fechará. Aos domingos, a sala de leitura não abre; entre agora e o próximo sábado, ler será questão de uma hora roubada aqui e ali em alguma noite. Deveria insistir até a hora de fechar, mesmo assolado por bocejos? Qual é o objetivo desse empreendimento afinal? De que adianta para um programador de computador, se é que a programação de computadores vai ser a sua vida, ter um título de mestre em literatura inglesa? E onde estão as obras-primas escondidas que ele ia revelar? *Mr. Humpty Dumpty* decerto não é uma delas. Fecha o livro, prepara-se para sair.

Lá fora, o dia já está se apagando. Segue pela Great Russell Street até a Tottenham Court Road, depois para o sul, em direção à Charing Cross. Na multidão das calçadas, a maioria é de jovens. Falando estritamente, é contemporâneo deles, mas não se sente assim. Sente-se de meia-idade, uma prematura meia-idade: um daqueles acadêmicos exangues, de testa alta, exaustos, cuja pele se esfolha ao menor toque. No fundo, ainda é uma criança, que ignora seu lugar no mundo, assustada, indecisa. O que está fazendo na cidade imensa, fria, onde apenas sobreviver significa segurar-se o tempo inteiro, tentando não cair?

As livrarias da Charing Cross Road ficam abertas até as seis. Até as seis, tem aonde ir. Depois disso, estará perdido entre os que buscam diversão na noite de sábado. Durante algum tempo, pode acompanhar o fluxo, fingindo que também está em busca de diversão, fingindo que tem um lugar aonde ir, alguém para encontrar; mas no final vai ter de desistir e pegar o trem de volta à estação Archway e à solidão de seu quarto.

Foyles, a livraria cujo nome é conhecido até na Cidade do Cabo, mostrou-se decepcionante. A história de que a Foyles tem em estoque todos os livros impressos é evidentemente uma mentira, e, mesmo que não fosse, os funcionários, a maioria mais jovem do que ele, não sabe onde encontrar as coisas. Prefere a Dillons, por mais desorganizadas que sejam as estantes da Dillons. Tenta passar lá uma vez por semana para ver o que há de novo.

Entre as revistas que encontra na Dillons está *The African Communist*. Ouviu falar de *The African Communist*, mas ainda não tinha visto a revista, uma vez que é proibida na África do Sul. Dos colaboradores, alguns, para surpresa dele, foram contemporâneos seus da Cidade do Cabo — colegas de escola do tipo que dormia o dia inteiro e ia a festas de noite, ficava bêbado, explorava os pais, era reprovado nos exames, levava cinco anos para tirar diplomas de três anos. Mesmo assim, estão escrevendo artigos que parecem cheios de autoridade sobre a economia do trabalho migrante ou os levantes da zona rural de Transkei. Onde, entre os bailes, a bebida e o deboche, encontraram tempo para aprender essas coisas?

O que realmente vai procurar na Dillons, porém, são as revistas de poesia. Há uma pilha descuidada delas no chão, atrás da porta de entrada: *Ambit*, *Agenda*, *Pawn*; folhetos mimeografados de lugares remotos como Keele; números avulsos, muito antigos, de revistas americanas. Compra uma revista de cada e leva a pilha para seu quarto, onde examina todas, tentando entender quem escreve o que, onde ele se encaixaria se também tentasse publicar.

As revistas britânicas são dominadas por pequenos poemas desanimadoramente modestos sobre pensamentos e experiências do dia a dia, poemas que não fariam levantar nenhuma sobrancelha meio século atrás. O que aconteceu com a ambição dos poetas aqui na Grã-Bretanha? Ainda não assimilaram a notícia de que Edward Thomas e seu mundo desapareceram para sempre? Será que não aprenderam a lição de Pound e Eliot, para não falar de Baudelaire e Rimbaud, dos epigramatistas gregos, dos chineses?

Mas talvez esteja sendo apressado em julgar os britânicos. Talvez esteja lendo as revistas erradas; talvez haja outras publicações, mais corajosas,

que não chegam à Dillons. Ou talvez haja um círculo de criadores tão pessimista a respeito do clima dominante que nem se dá o trabalho de mandar para livrarias como a Dillons as revistas em que publicam suas obras. *Botteghe Oscure*, por exemplo: onde se pode comprar *Botteghe Oscure*? Se existe um tal círculo iluminado, como poderá descobrir sobre eles um dia, como poderá chegar até eles?

Quanto à sua própria escrita, espera deixar, se acaso morrer amanhã, um punhado de poemas que, editado por algum abnegado acadêmico e publicado independentemente num belo panfletozinho em duodécimo, faria as pessoas sacudir a cabeça e murmurar baixinho: “Uma promessa dessas! Que desperdício!”. É a sua esperança. A verdade, porém, é que os poemas que escreve estão ficando não apenas mais e mais curtos, mas também — não tem como evitar a sensação — menos substanciais. Parece não ter mais dentro de si a capacidade de produzir o tipo de poesia que escrevia com a idade de dezessete ou dezoito anos, poemas às vezes de várias páginas, desconexos, canhestros em algumas partes, mas mesmo assim ousados, cheios de novidades. Esses poemas, ou a maior parte deles, brotaram de um estado de angustiada paixão, assim como das torrentes de leituras que fazia. Agora, quatro anos depois, ainda está angustiado, mas sua angústia passou a ser habitual, até crônica, como uma dor de cabeça que não quer ir embora. Os poemas que escreve são pequenas peças atravessadas, *menores* em todos os sentidos. Seja qual for seu tema nominal, é ele próprio — preso, solitário, miserável — que está no centro; mesmo assim — não pode deixar de perceber —, falta a esses novos poemas energia ou até o desejo de explorar o impasse espiritual com seriedade.

Na verdade, está o tempo todo exausto. Sobre o tampo cinzento da mesa na grande sala da IBM, é tomado por rajadas de bocejos que luta para disfarçar; no Museu Britânico, as palavras lhe dançam diante dos olhos. Tudo o que quer é afundar a cabeça nos braços e dormir.

Mesmo assim, não pode aceitar o fato de que a vida que está levando ali em Londres não tem projeto nem sentido. Um século atrás, os poetas enlouqueciam com ópio ou álcool, de forma que da iminência da loucura pudessem emitir relatos de suas experiências visionárias. Por esses meios, tornavam-se videntes, profetas do futuro. Ópio e álcool não

estão nos planos dele, tem medo do que possam fazer com sua saúde. Mas será que a exaustão e a melancolia não são capazes de fazer o mesmo estrago? Será que viver na iminência de um colapso psíquico não é tão bom quanto viver na iminência da loucura? Por que se esconder num sótão na Margem Esquerda pelo qual não se pagou o aluguel, ou vagar de café em café, barbudo, sem tomar banho, fedendo, esmolando bebidas dos amigos, constitui um sacrifício maior, uma extinção maior da personalidade do que vestir o terno preto e fazer um trabalho de escritório que destrói a alma, e se submeter ou à solidão mortal ou ao sexo sem desejo? Com certeza absinto e roupa esfarrapada estão fora de moda hoje em dia. E o que há de heroico, afinal, em enganar o proprietário para escapar do aluguel?

T.S. Eliot trabalhava num banco. Wallace Stevens e Franz Kafka trabalhavam em companhias de seguros. À sua própria maneira, Eliot, Stevens e Kafka não sofreram menos que Poe ou Rimbaud. Não há nenhuma desonra em preferir imitar Eliot, Stevens e Kafka. Sua escolha é vestir um terno preto, como eles vestiam, vesti-lo como um cilício, sem explorar ninguém, pagando a viagem. Na era romântica, os artistas ficavam loucos em escala extravagante. A loucura jorrava deles em resmas de versos delirantes ou grandes placas de tinta. Essa era terminou: a loucura dele, se for seu destino sofrer de loucura, será diferente — sossegada, discreta. Vai sentar-se num canto, rígido e curvado, como o magistrado da gravura de Dürer, esperando pacientemente passar sua temporada no inferno. E, quando tiver passado, estará tanto mais forte por ter resistido.

Essa é a história que conta para si mesmo em seus dias melhores. Nos outros dias, os maus dias, imagina se emoções monótonas como as suas jamais alimentarão grande poesia. O impulso musical dentro dele, um dia tão forte, já se apagou. Estará agora a ponto de perder o impulso poético? Será levado da poesia para a prosa? Será que, secretamente, é isto a prosa: a segunda escolha, o refúgio de espíritos criativos fracassados?

Dos poemas que escreveu no ano passado, o único de que gosta tem apenas cinco versos.

*As mulheres dos pescadores de lagosta
já se acostumaram a acordar sozinhas agora,
há séculos seus maridos pescam ao raiar da aurora;
nem é o sono delas tão agitado quanto o meu.*

Se você foi embora, vá de vez juntar-se ao pescador de lagosta português.

O *pescador de lagosta português*: sente uma calada satisfação em introduzir uma frase tão mundana num poema, mesmo que o poema em si, olhado mais de perto, faça cada vez menos sentido. Tem listas de palavras e frases reservadas, mundanas ou recônditas, esperando seus lugares. *Perfervid* [ardoroso], por exemplo: um dia instalará *perfervid* num epigrama cuja história secreta será esta: que foi criado como moldura para uma única palavra, como um broche pode ser moldura para uma única pedra preciosa. O poema dará a impressão de ser sobre amor ou desespero, porém terá brotado de uma única palavra de som adorável, de cujo sentido ele ainda não tem plena certeza.

Será que bastam epigramas para construir uma carreira em poesia? Como forma, não há nada de errado com o epigrama. Um mundo de sentimento pode ser comprimido numa única linha, como os gregos comprovam incessantemente. Mas seus epigramas nem sempre atingem a compressão grega. Muitas vezes lhes falta sentimento; muitíssimas vezes são apenas livrescos.

“A poesia não é uma liberação de emoção, mas um libertar-se da emoção”, diz Eliot em palavras que ele copiou em seu diário. “A poesia não é uma expressão da personalidade, mas um libertar-se da personalidade.” Depois, como uma amarga conclusão, Eliot acrescenta: “Mas só os que têm personalidade e emoções sabem o que significa querer se libertar dessas coisas”.

Tem horror de despejar mera emoção na página. Se ela começasse a vazar, não saberia detê-la. A prosa, felizmente, não exige emoções: isso se pode dizer a seu favor. A prosa é como um lençol de água, liso, tranquilo, sobre o qual se pode deslizar ao bel-prazer, fazendo desenhos na superfície.

Separa um fim de semana para sua primeira experiência com a prosa. A história que surge da experiência, se é disso que se trata, de uma

história, não tem uma trama real. Tudo o que importa acontece na cabeça do narrador, um rapaz sem nome muito igual a ele mesmo que leva uma garota sem nome para uma praia deserta e fica olhando enquanto ela nada. Com base em alguma pequena ação dela, algum gesto inconsciente, de repente se convence de que ela lhe foi infiel; além disso, compreende que ela percebeu que ele sabe, e não se importa. Isso é tudo. É assim que termina o texto. A isso se resume.

Depois de escrever a história, não sabe o que fazer com ela. Não sente nenhuma urgência em mostrá-la a ninguém, a não ser, talvez, à original da garota sem nome. Mas perdeu contato com ela, e, de qualquer forma, ela não se reconheceria mesmo, não se não fosse informada.

A história se passa na África do Sul. Ele se inquieta por ver que ainda está escrevendo sobre a África do Sul. Preferiria deixar para trás seu eu sul-africano, como deixou para trás a própria África do Sul. A África do Sul foi um mau começo, uma desvantagem. Uma família rural sem distinção, má formação escolar, a língua africâner: desses componentes de sua desvantagem, conseguiu, mais ou menos, escapar. Está no grande mundo, ganhando a própria vida, e não está se dando tão mal, ou pelo menos não está fracassando, não obviamente. Não precisa relembrar a África do Sul. Se um vagalhão viesse do Atlântico amanhã e varresse da existência o extremo sul do continente africano, não derramaria uma única lágrima. Estaria entre os que se salvaram.

Embora a história que escreveu seja menor (disso não há dúvida), não é má. Mesmo assim, não vê sentido em tentar publicá-la. Os ingleses não vão entender. Para a praia da história, vão evocar a ideia britânica de praia, uns poucos seixos lambidos por umas ondinhas. Não verão um deslumbrante espaço de areia ao pé de penedos rochosos assolados por vagalhões, com gaivotas e cormorões gritando no céu enquanto lutam contra o vento.

Parece que há também outros aspectos em que a prosa não é como a poesia. Na poesia, a ação pode ocorrer em toda parte e em parte nenhuma: não importa se as esposas solitárias dos pescadores vivem em Kalk Bay, em Portugal ou no Maine. A prosa, por outro lado, parece exigir resmungadamente um cenário específico.

Ainda não conhece o suficiente da Inglaterra para colocar a Inglaterra em prosa. Não tem certeza nem de que seja capaz de fazer isso com as

partes de Londres que conhece, a Londres das multidões marchando para o trabalho, do frio e da chuva, das quitinetes com janelas sem cortina e lâmpadas de quarenta watts. Se fosse tentar, o que sairia não seria nada diferente, desconfia, da Londres de qualquer outro escrevente solteirão. Pode ter sua própria visão de Londres, mas não há nada de único nessa visão. Se isso tem uma certa intensidade, é apenas porque é estreito, e é estreito porque ele ignora tudo o que existe fora disso. Não domina Londres. Se alguém domina alguém, é Londres que o domina.

SERÁ QUE A PRIMEIRA AVENTURA NA PROSA prenuncia uma mudança de rumo em sua vida? Estará a ponto de renunciar à poesia? Não tem certeza. Mas, se vai escrever prosa, talvez tenha de resolver logo o assunto e se tornar um jamesiano. Henry James mostra à pessoa como ascender acima da mera nacionalidade. De fato, nem sempre fica claro onde se passa uma história de James, em Londres, Paris ou Nova York, tão supremamente acima da mecânica da vida cotidiana James se coloca. As pessoas em James não têm de pagar aluguel; certamente não têm de se agarrar a empregos; tudo o que é exigido delas é que tenham conversas supersutis cujo efeito é trazer à tona minúsculas mudanças de poder, mudanças tão diminutas a ponto de ficarem invisíveis a todos, a não ser a um olho treinado. Quando um número suficiente dessas mudanças ocorreu, revela-se (*Voilà!*) que o equilíbrio do poder entre os personagens da história mudou repentina e irreversivelmente. E é isso: a história cumpriu sua tarefa e pode ser encerrada.

Propõem-se exercícios no estilo de James. Mas a maneira jamesiana se mostra menos fácil de dominar do que ele imaginava. Conseguir que os personagens que imaginou tenham conversas supersutis é como tentar fazer mamíferos voarem. Durante um momento ou dois, batendo as asas, sustentam-se no ar. Depois despencam.

A sensibilidade de Henry James é mais fina que a dele, não há nenhuma dúvida. Mas isso não explica inteiramente seu fracasso. James quer que a pessoa acredite que conversas, trocas de palavras, são tudo o que importa. Embora seja um credo que está disposto a aceitar, conclui que não consegue acompanhá-lo, não em Londres, a cidade em cujas sombrias engrenagens está sendo esmagado, a cidade com a qual tem de aprender a escrever, senão para que está ali?

Houve um tempo, quando ainda era uma criança inocente, em que acreditou que a inteligência era a única coisa que importava, que, se

fosse bastante inteligente, obteria tudo o que desejasse. Ir para a universidade o pôs em seu lugar. A universidade demonstrou que não era o mais inteligente, nem de longe. E agora se vê diante da vida real, onde não pode contar nem com os exames. Na vida real tudo o que sabe fazer bem, ao que parece, é ficar deprimido. Na depressão ele ainda é o melhor da classe. Parece não haver limite para a depressão que consegue atrair para si e suportar. Nem quando se arrasta pelas ruas frias dessa cidade estranha, indo para parte nenhuma, andando apenas para se cansar, para, ao voltar a seu quarto, poder ao menos dormir, não sente dentro de si a menor disposição de se deixar esmagar pelo peso da depressão. A depressão é o seu elemento. Na depressão sente-se em casa, como um peixe dentro da água. Se a depressão for abolida, não saberá o que fazer consigo.

Felicidade, diz a si mesmo, não ensina nada à pessoa. A depressão, por outro lado, nos fortalece para o futuro. A depressão é uma escola para a alma. Das águas da depressão o sujeito emerge na outra margem purificado, mais forte, pronto para assumir de novo os desafios de uma vida de arte.

A depressão, porém, não dá a sensação de um banho purificador. Ao contrário, parece uma poça de água suja. De cada novo ataque de depressão emerge não mais brilhante e forte, mas mais apagado e frouxo. Como ela funciona de fato, a força limpadora que se atribui à depressão? Será que ele não mergulhou tão fundo quanto é preciso? Terá de mergulhar além da depressão, até a melancolia e a loucura? Ainda não encontrou ninguém que possa chamar propriamente de louco, mas não se esqueceu de Jacqueline, que estava, como ela própria dizia, “na terapia” e com quem passou seis meses, intermitentemente, convivendo num apartamento de um quarto. Em nenhum momento Jacqueline brilhou com o fogo divino e animador da criatividade. Ao contrário, era obcecada consigo mesma, imprevisível, exaustiva de se conviver. Será esse o tipo de pessoa a que ele precisa se rebaixar antes de conseguir ser um artista? E, seja como for, louco ou deprimido, como se pode escrever quando o cansaço é como uma mão enluvada agarrando o cérebro e apertando? Ou será que aquilo que gosta de chamar de cansaço é na verdade um teste, um teste disfarçado, um teste em que, além do mais, ele fracassa? Depois do cansaço, haverá outros testes por

vir, tantos quantos os círculos do Inferno de Dante? Será o cansaço apenas o primeiro dos testes que os grandes mestres tiveram de enfrentar, Hölderlin e Blake, Pound e Eliot?

Queria que lhe fosse dado despertar para a vida e por um minuto apenas, por um segundo apenas, saber como é arder com o fogo sagrado da arte.

Sufrimento, loucura, sexo: três maneiras de invocar o fogo sagrado sobre si. Já visitou os reinos inferiores do sofrimento, esteve em contato com a loucura; o que sabe de sexo? Sexo e criatividade andam juntos, todo mundo diz isso, e ele não tem dúvidas a respeito. Porque são criadores, os artistas possuem o segredo do amor. O fogo que queima dentro do artista é visível para as mulheres, por meio de uma faculdade instintiva. As mulheres não têm fogo sagrado (há exceções: Safo, Emily Brontë). É na busca do fogo que não têm, o fogo do amor, que as mulheres procuram os artistas e se entregam a eles. É no fazer amor que os artistas e suas amantes experimentam brevemente, tormentosamente, a vida dos deuses. Desse exercício do amor o artista retorna enriquecido e fortalecido a seu trabalho, a mulher, para a sua vida transfigurada.

E então, ele? Se nenhuma mulher detectou ainda, por trás de sua insipidez, de sua rígida austeridade, faísca alguma do fogo sagrado; se nenhuma mulher parece se entregar a ele sem a mais severa apreensão; se o ato amoroso que conhece, tanto dele como da mulher, é ou ansioso ou insosso, ou as duas coisas, ansioso e insosso — será que isso quer dizer que ele não é um artista de fato ou quer dizer que ainda não sofreu o suficiente, não passou tempo suficiente num purgatório que inclui no receituário ataques de sexo sem paixão?

* * *

Com seu altivo desinteresse pelo mero viver, Henry James exerce forte atração sobre ele. No entanto, por mais que tente, não consegue sentir a mão fantasmagórica de James estendida para tocar sua fronte numa bênção. James pertence ao passado: na época em que ele nasceu, James já estava morto fazia vinte anos. James Joyce ainda estava vivo, embora por muito pouco tempo. Admira Joyce, pode até recitar de cor trechos

do *Ulisses*. Mas Joyce está muito vinculado à Irlanda e às questões irlandesas para estar no panteão dele. Ezra Pound e T.S. Eliot, instáveis como possam ser, e envoltos em mitos, ainda vivem, um em Rapallo, o outro aqui, em Londres. Mas, se vai abandonar a poesia (ou a poesia vai abandoná-lo), que exemplo Pound e Eliot podem ainda oferecer?

Das grandes figuras da era presente, resta apenas uma: D. H. Lawrence. Lawrence também morreu antes de ele nascer, mas isso pode ser descontado como acidente, uma vez que Lawrence morreu jovem. Leu Lawrence pela primeira vez como colegial, quando *O amante de lady Chatterley* era o mais notório dos livros proibidos. Em seu terceiro ano na universidade consumiu tudo de Lawrence, menos a obra de aprendiz. Lawrence estava sendo absorvido também por seus colegas. Com Lawrence estavam aprendendo a esmagar a quebradiça concha da convenção civilizada e deixar o âmago secreto de seu ser emergir. As garotas usavam vestidos esvoaçantes e dançavam na chuva, se entregavam aos homens que prometiam levá-las ao seu âmago escuro. Homens que não conseguiam levá-las até lá eram impacientemente descartados.

Ele próprio temeu vir a se tornar um devoto, um lawrenciano. As mulheres dos livros de Lawrence o deixavam inquieto; imaginava-as como insetos fêmeas sem piedade, aranhas ou louva-a-deus. Sob o olhar das sacerdotisas pálidas, vestidas de negro, de olhos intensos, na universidade, sentia-se como um apressado e nervoso inseto solteiro. Gostaria de ir para a cama com algumas delas, isso não podia negar — só levando uma mulher ao âmago escuro dela, afinal, podia o homem atingir seu próprio âmago escuro —, mas ficava muito apavorado. Seus êxtases seriam vulcânicos; seria fraco demais para sobreviver a eles.

Além disso, as mulheres que seguiam Lawrence tinham um código de castidade próprio. Caíam em longos períodos de congelamento durante os quais queriam apenas ficar sozinhas ou com suas irmãs, períodos em que a ideia de oferecer seu corpo era como uma violação. De seu gélido sono só eram despertadas pelo imperioso chamado do escuro eu masculino. Ele próprio não era nem escuro, nem imperioso, ou pelo menos sua escuridão e imperiosidade essenciais tinham ainda de aflorar. Então virou-se com outras garotas, garotas que ainda não haviam se

tornado mulheres e podiam nunca se tornar mulheres, uma vez que não tinham âmago escuro de que se pudesse falar, garotas que no fundo do coração não queriam fazer aquilo, da mesma forma que no mais fundo do coração podia-se dizer que ele também não queria fazer aquilo.

Em suas últimas semanas na Cidade do Cabo, começara um caso com uma garota chamada Caroline, uma estudante de teatro com ambições de palco. Iam juntos ao teatro, passavam a noite inteira acordados discutindo os méritos de Anouilh contra Sartre, de Ionesco contra Beckett; dormiam juntos. Beckett era o favorito dele, mas não de Caroline; Beckett era sombrio demais, disse ela. A verdadeira razão, desconfiava, era que Beckett não escrevia papéis para mulheres. Por insistência dela, chegou a participar de uma peça, um drama em verso sobre Dom Quixote. Mas logo se viu num beco sem saída — a cabeça do velho espanhol era remota demais, não conseguia encontrar um rumo para chegar a ele — e desistiu.

Agora, meses depois, Caroline aparece em Londres e entra em contato com ele. Os dois se encontram no Hyde Park. Ela ainda tem um bronzeado de hemisfério sul, está cheia de vitalidade, animada por estar em Londres, animada também por encontrar com ele. Passeiam pelo parque. A primavera chegou, as noites estão ficando mais longas, há folhas nas árvores. Pegam o ônibus de volta a Kensington, onde ela mora.

Fica impressionado com ela, com sua energia e empenho. Poucas semanas em Londres, e já se localizou. Tem um emprego; seu currículo está nas mãos de todos os agentes teatrais, e tem um apartamento num bairro elegante, que divide com três garotas inglesas. Como encontrou as colegas de apartamento?, pergunta. São amigas de amigas, ela responde.

Retomam o relacionamento, mas é difícil desde o começo. O trabalho que ela achou é de garçonne num clube noturno no West End; seus horários são imprevisíveis. Ela prefere que se encontrem no apartamento dela, não que ele vá buscá-la no clube. Como as outras garotas não querem que estranhos tenham as chaves, ele tem de esperar do lado de fora, na rua. Então, no final do dia de trabalho, pega um trem de volta para a Archway Road, janta pão com linguiça em seu quarto, lê durante uma ou duas horas, ou escuta o rádio, depois pega o último

ônibus para Kensington e começa a esperar. Às vezes, Caroline volta do clube logo à meia-noite, às vezes, às quatro da manhã. Passam seu tempo juntos, adormecem. Às sete horas o despertador toca: ele tem de sair do apartamento antes que as amigas acordem. Pega o ônibus de volta a Highgate, toma o café da manhã, veste o uniforme preto e parte para o escritório.

Isso logo se torna uma rotina, uma rotina que, quando ele consegue se distanciar um momento e refletir, o deixa atônito. Está tendo um caso em que as regras são impostas pela mulher, e apenas pela mulher. É isso que a paixão faz com um homem: rouba seu orgulho? Está apaixonado por Caroline? Não pensaria que sim. No tempo que passaram separados mal pensou nela. Por que então essa docilidade de sua parte, essa abjeção? Será que quer ficar infeliz? É isso que a infelicidade se tornou para ele: uma droga que não consegue dispensar?

O pior são as noites em que ela nem volta para casa. Ele fica andando pela calçada horas e horas, ou, quando chove, se encolhe na soleira da porta. Será que ela realmente trabalha até tarde, imagina, desesperançado, ou esse clube em Bayswater é uma grande mentira e neste exato momento ela está na cama com outro?

Quando a questiona diretamente, recebe apenas desculpas vagas. Foi uma noite louca no clube, ficamos abertos até de manhã, diz ela. Ou então não teve dinheiro para pegar um táxi. Ou teve de ir tomar um drinque com um cliente. No mundo do teatro, lembra ela como uma puta, contatos são muito importantes. Sem contatos uma carreira nunca decola.

Ainda fazem amor, mas não é como era antes. A cabeça de Caroline está em outra coisa. Pior que isso: com sua melancolia e mau humor ele está se tornando um peso para ela, pode sentir isso. Se tivesse um pouco de juízo, romperia com ela agora mesmo, desapareceria. Mas não faz isso. Caroline pode não ser a amada misteriosa, de olhos escuros, por quem ele veio à Europa, pode não ser nada mais que uma garota da Cidade do Cabo com uma origem tão sem graça quanto a dele, mas no momento é tudo o que ele tem.

NA INGLATERRA, as garotas não prestam atenção nele, talvez porque ainda reste em sua pessoa um ar de desaire colonial, talvez simplesmente porque suas roupas não estejam certas. Quando não está vestindo um dos ternos da IBM, tudo o que tem é uma calça de flanela cinzenta e um paletó esporte verde que trouxe da Cidade do Cabo. Os jovens que vê nos trens e nas ruas, ao contrário, usam calças pretas justas, sapatos de bico fino, paletós justos, de ombros quadrados, com muitos botões. Usam também o cabelo comprido, caindo em cima da testa e das orelhas, enquanto ele ainda tem a parte de trás e os lados curtos e o nítido repartido gravado na infância pelos barbeiros provincianos e aprovado pela IBM. No trem, os olhos das garotas deslizam por ele ou ficam vidrados de desdém.

Há algo não inteiramente justo em sua condição: ele protestaria se soubesse onde e com quem. Que tipo de empregos têm seus rivais que lhes permite se vestirem como bem entendem? E por que seria obrigado a seguir a moda afinal? Será que qualidades interiores não servem para nada?

A coisa mais inteligente seria comprar uma roupa igual à deles e usá-la nos fins de semana. Mas, quando se imagina vestido naquelas roupas, roupas que lhe parecem não apenas estranhas à sua personalidade como também mais latinas do que inglesas, sente sua resistência aumentar. Não pode fazer isso: seria entregar-se a uma fantasia, a uma representação.

Londres é cheia de garotas bonitas. Elas vêm de todo o mundo: como *au pairs*, como estudantes da língua, simplesmente como turistas. Usam o cabelo em forma de asas sobre as faces, sombra escura nos olhos; têm um ar de suave mistério. As mais bonitas são suecas altas, de pele cor de mel; mas as italianas, de olhos amendoados e miúdas, também têm seu encanto. O ato amoroso italiano, imagina, deve ser intenso e quente,

bem diferente do sueco, que seria sorridente e langoroso. Mas será que um dia terá a chance de descobrir de fato? Se conseguisse juntar coragem para falar com uma dessas lindas estrangeiras, o que iria dizer? Seria mentira se se apresentasse como matemático e não apenas como programador de computadores? Será que as atenções de um matemático impressionariam uma garota da Europa, ou seria melhor dizer que, apesar do exterior sem graça, ele é poeta?

Leva um livro de poesia no bolso, às vezes Hölderlin, às vezes Rilke, às vezes Vallejo. No trem, tira ostensivamente do bolso o livro e se absorve nele. É um teste. Só uma garota excepcional apreciaria o que está lendo e reconheceria nele um espírito excepcional também. Mas nenhuma garota nos trens presta atenção nele. Isso parece ser uma das primeiras coisas que as garotas aprendem quando chegam à Inglaterra: não prestar atenção nos sinais dos homens.

O que chamamos de beleza é simplesmente uma primeira intimação do terror, Rilke lhe diz. Nós nos prostramos diante da beleza para lhe agradecer por desdenhar nos destruir. Será que o destruiriam se ele se aventurasse perto demais, essas belas criaturas de outros mundos, esses anjos, ou o achariam insignificante demais para isso?

Numa revista de poesia — *Ambit* talvez, ou *Agenda* — descobre o anúncio de um workshop semanal realizado pela Sociedade de Poesia, voltado para jovens escritores inéditos. Aparece na hora e lugar anunciados, vestindo o terno preto. A mulher na porta o inspeciona desconfiada, pergunta sua idade. “Vinte e um”, diz ele. É mentira: está com vinte e dois.

Sentados em poltronas de couro, seus colegas poetas o observam, acenam, distantes. Parecem se conhecer; ele é o único recém-chegado. São mais jovens que ele, adolescentes na verdade, com exceção de um homem de meia-idade, manco, que é alguma coisa na Sociedade de Poesia. Alternam-se na leitura de seus últimos poemas. O poema que ele próprio lê termina com as palavras “as furiosas ondas da minha incontinência”. O homem manco considera infeliz sua escolha de palavras. Para qualquer pessoa que tenha trabalhado num hospital, diz, incontinência significa incontinência urinária ou coisa pior.

Aparece de novo na semana seguinte, e depois da sessão toma café com uma garota que leu um poema sobre a morte de uma amiga num acidente de carro, um bom poema à sua maneira, reservado, despretensioso. Quando não está escrevendo poesia, a garota informa, é estudante no King's College, em Londres; veste-se com apropriada severidade, saia escura e meias pretas. Combinam de se encontrar de novo.

Encontram-se em Leicester Square num sábado à tarde. Tinham meio combinado de ir a um cinema; mas como poetas têm um dever com a vida em sua totalidade, de forma que em vez disso se dirigem para o quarto dela na Gower Street, onde ela permite que lhe tire a roupa. Ele se maravilha com a forma do corpo dela nua, com a brancura de marfim de sua pele. Será que todas as inglesas são tão bonitas quando tiram a roupa?, pensa.

Nus, se deitam um nos braços do outro, mas não há calor entre eles; e fica claro que não haverá calor. Por fim, a garota se afasta, dobra os braços sobre os seios, empurra as mãos dele, balança a cabeça, muda.

Ele tenta convencê-la, induzi-la, seduzi-la; poderia até conseguir; mas falta-lhe espírito para tanto. Ela não é apenas uma mulher, afinal, com as intuições de uma mulher, mas também uma artista. O que ele tenta levá-la a fazer não é a coisa de verdade — ela deve perceber isso.

Em silêncio, se vestem. “Desculpe”, diz ela. Ele encolhe os ombros. Não está zangado. Não põe a culpa nela. Ele próprio não é desprovido de intuição. O veredicto que ela fizesse dele seria o veredicto dele também.

Depois desse episódio, para de ir à Sociedade de Poesia. Nunca se sentiu bem-vindo ali, mesmo.

Não tem mais sorte com garotas inglesas. Há muitas garotas inglesas na IBM, secretárias e perfuradoras de cartões, e não faltam oportunidades de conversar com elas. Mas sente nelas uma certa resistência, como se não tivessem certeza de quem ele é, de quais poderiam ser suas intenções, do que está fazendo no país delas. Observa-as com outros homens. Outros homens flertam com elas de um jeito inglês, divertido e lisonjeiro. Elas reagem ao flerte, isso ele vê: abrem-se como flores. Mas flertar não é uma coisa que ele tenha aprendido a fazer. Não tem nem certeza se aprova o flerte. E, de qualquer jeito, não

pode permitir que as garotas da IBM saibam que é poeta. Iriam rir entre si e espalhar a história pelo prédio inteiro.

Sua maior aspiração, maior do que uma namorada inglesa, maior ainda do que uma sueca ou italiana, é ter uma garota francesa. Se tivesse um caso apaixonado com uma garota francesa, tem certeza de que melhoraria ao ser tocado pela graça da língua francesa, pela sutileza do pensamento francês. Mas por que uma garota francesa, mais do que uma garota inglesa, se dignaria falar com ele? E, de qualquer forma, ainda não viu nenhuma garota francesa em Londres. Os franceses têm a França, afinal, o país mais bonito do mundo. Por que haveriam de vir à fria Inglaterra para cuidar dos bebês nativos?

Os franceses são o povo mais civilizado do mundo. Todos os escritores que ele respeita são imersos em cultura francesa; a maioria considera a França o seu lar espiritual — a França e, até certo ponto, a Itália, embora os italianos pareçam passar por uma época dura. Desde a idade de quinze anos, quando mandou uma ordem postal de cinco libras e dez xelins para o Instituto Pelman e recebeu de volta um livro de gramática e um conjunto de folhas de exercícios para ser completado e devolvido ao Instituto para correção e notas, vem tentando aprender francês. No baú que trouxe da Cidade do Cabo, tem os quinhentos cartões em que escreveu um vocabulário básico de francês, uma palavra em cada cartão, para levar consigo e memorizar; em sua cabeça rola uma sucessão de locuções francesas — *je viens de*, acabo de; *il me faut*, eu preciso.

Mas seu esforço não o levou a lugar nenhum. Ele não tem sensibilidade para o francês. Ao ouvir discos em língua francesa, não consegue, a maior parte do tempo, dizer onde termina uma palavra e começa a seguinte. Embora possa ler textos simples em prosa, não consegue ouvir com seu ouvido interno o som que possam ter. A língua resiste a ele, o exclui; não consegue encontrar uma entrada.

Em teoria, devia achar fácil o francês. Sabe latim; só pelo prazer da coisa, às vezes lê em voz alta trechos de latim — não o latim da Idade do Ouro ou de Prata, mas o latim da Vulgata, com seu áspero desprezo pela ordem clássica das palavras. Pega o espanhol sem dificuldade. Lê César Vallejo numa edição bilíngue, lê Nicolás Guillén, lê Pablo Neruda. O espanhol é cheio de palavras de som bárbaro cujo sentido ele não

consegue nem adivinhar mas não importa. Pelo menos, todas as letras são pronunciadas, até os dois *rr*.

A língua para a qual tem real sensibilidade, porém, é o alemão. Sintoniza emissoras de Colônia e, quando não são muito chatas, de Berlim Oriental também, e entende quase tudo; lê poesia alemã e acompanha bastante bem. Concorda com a maneira como cada sílaba em alemão recebe seu devido peso. Com o fantasma do africâner ainda no ouvido, sente-se em casa na sintaxe. Na verdade, tem prazer com o comprimento das frases alemãs, com o complexo empilhamento de verbos no final. Por vezes, lendo alemão, esquece que é uma língua estrangeira.

Lê Ingeborg Bachmann repetidamente; lê Bertolt Brecht, Hans Magnus Enzensberger. Existe no alemão uma sardônica corrente subjacente que o atrai, embora não tenha certeza de captar exatamente por que está ali — na verdade, pensa se não estará apenas imaginando isso. Podia perguntar, mas não conhece mais ninguém que leia poesia alemã, assim como não conhece ninguém que fale francês.

No entanto, nessa cidade imensa deve haver milhares de pessoas encharcadas de literatura alemã, milhares mais que leem poesia em russo, em húngaro, grego, italiano — que leem, traduzem, até escrevem: poetas exilados, homens de cabelo comprido e óculos de armação de chifre, mulheres com duros rostos estrangeiros e lábios cheios, apaixonados. Nas revistas que compra na Dillons, encontra provas suficientes de sua existência: traduções que devem ter sido obra deles. Mas como jamais os encontrará? O que eles fazem, esses seres especiais, quando não estão lendo, escrevendo e traduzindo? Será que, sem saber, senta-se no meio deles na plateia do Everyman, anda entre eles em Hampstead Heath?

Num impulso, vai atrás de um casal de aspecto promissor no Heath. O homem é alto e usa barba, a mulher tem cabelo loiro comprido penteado informalmente para trás. Tem certeza de que são russos. Mas, quando chega perto a ponto de ouvir, descobre que são ingleses; estão discutindo o preço da mobília na Heal.

Resta a Holanda. Tem, pelo menos, um conhecimento vivido do holandês, pelo menos tem essa vantagem. Entre todos os círculos de

Londres, haverá também um círculo de poetas holandeses? Se houver, será que seu conhecimento da língua lhe daria entrada ali?

A poesia holandesa sempre lhe pareceu bem chata, mas o nome de Simon Vinkenoog sempre aparece nas revistas de poesia. Vinkenoog é o único poeta holandês que parece ter surgido no panorama internacional. Lê tudo o que existe de Vinkenoog no Museu Britânico, e não fica estimulado. Os escritos de Vinkenoog são roucos, crassos, desprovidos de qualquer dimensão de mistério. Se Vinkenoog é tudo o que a Holanda tem para oferecer, então a suspeita dele se confirma: que, de todas as nações, a holandesa é a mais embotada, a mais antipoética. Basta da herança cultural dos Países Baixos. Ele podia muito bem ser monolíngue.

De vez em quando, Caroline lhe telefona no trabalho e marcam um encontro. Uma vez juntos, porém, não esconde a impaciência com ele. Como pode ter vindo até Londres, diz ela, para passar os dias somando números numa máquina? Olhe em torno, diz: Londres é uma galeria de novidades, prazeres e divertimento. Por que ele não sai de si mesmo, não se diverte um pouco?

“Alguns de nós não foram feitos para a diversão”, ele responde. Ela toma isso por uma de suas piadas, não tenta entender.

Caroline ainda não explicou onde consegue dinheiro para pagar o aluguel em Kensington e as roupas novas com que sempre costuma aparecer. O padrasto dela na África do Sul está no ramo de motores. Será que o ramo de motores é tão lucrativo a ponto de custear uma vida de prazeres para a enteada em Londres? O que Caroline faz no clube onde passa as horas da noite? Pendura casacos na rouparia e coleta gorjetas? Serve bandejas de bebida? Ou trabalhar num clube é um eufemismo para outra coisa?

Entre os contatos que fez no clube, ela informa, está Laurence Olivier. Laurence Olivier está interessado em sua carreira de atriz. Prometeu-lhe um papel numa peça ainda não especificada; também a convidou para ir à casa dele no campo.

Como deve entender essa informação? Um papel na peça soa como mentira; mas é Laurence Olivier que está mentindo para Caroline ou é

Caroline que está mentindo para ele? Laurence Olivier deve ser agora um velho com dentadura. Será que Caroline sabe se proteger contra Laurence Olivier, se o homem que a convidou para ir à sua casa de campo for realmente Olivier? O que homens dessa idade fazem para ter prazer com garotas? É apropriado ter ciúmes de um homem que provavelmente não consegue mais ter uma ereção? Será que o ciúme, de qualquer forma, é uma emoção fora de moda em Londres em 1962?

É bem possível que Laurence Olivier, se for mesmo ele, lhe dê tratamento completo de casa de campo, inclusive um motorista que a pegue na estação e um mordomo que os sirva à mesa de jantar. Então, quando ela estiver meio tonta de clarete, ele a conduzirá para a cama e brincarão com ela, e ela deixará acontecer, por boa educação, para agradecer pela noite e também em prol de sua carreira. Em seus tête-à-tête será que ela se dará o trabalho de mencionar que existe um rival em segundo plano, um escriturário que trabalha para uma companhia de máquinas de somar e mora num quarto na Archway Road, onde às vezes escreve versos?

Não entende por que Caroline não rompe com ele, o namorado escriturário. Arrastando-se para casa no escuro da madrugada depois de uma noite com ela, ele só pode rezar para ela não entrar mais em contato. E, de fato, passará às vezes uma semana sem notícias dela. Então, quando ele está começando a sentir que o caso ficou no passado, ela telefona e o ciclo recomeça.

Ele acredita em amor apaixonado e em seu poder transfigurador. Sua experiência, porém, é que relações eróticas devoram tempo, o exaurem, e aleijam seu trabalho. Será possível que não foi feito para amar mulheres, que, na verdade, é um homossexual? Se for homossexual, isso explica suas angústias do começo ao fim. No entanto, desde que completou dezesseis anos, vive fascinado pela beleza das mulheres, por seu ar de misteriosa intocabilidade. Quando estudante, vivia numa constante febre de amor, ora por uma garota, ora por outra, às vezes por duas ao mesmo tempo. Ler os poetas apenas intensificou essa febre. Através do cego êxtase do sexo, dizem os poetas, o sujeito é transportado para uma luz que não tem comparação, no coração do silêncio; torna-se um com as forças elementares do universo. Embora a luz sem

comparação tenha lhe escapado até então, não duvida nem por um momento de que os poetas estejam certos.

Uma noite, permite-se ser pego na rua, por um homem. O homem é mais velho que ele — na verdade, de outra geração. Vão de táxi até a Sloane Square, onde o homem mora — aparentemente sozinho — num apartamento cheio de almofadas com franjas e abajures de luz fraca.

Mal se falam. Permite que o homem o toque por cima da roupa; não oferece nada em troca. Se o homem tem um orgasmo, é muito discretamente. Depois, sai e volta para casa.

Isso é homossexualidade? Isso é tudo? Mesmo que haja mais, parece uma atividade insignificante comparada com o sexo com uma mulher: uma atividade rápida, distraída, desprovida de horror, mas também desprovida de fascínio. Parece não haver nada em jogo: nada a perder, mas nada a ganhar também. Um jogo para pessoas que têm medo das coisas para valer; um jogo de perdedores.

O PLANO QUE TINHA NO FUNDO DA CABEÇA ao vir para a Inglaterra, na medida em que tinha um plano, era encontrar trabalho e economizar dinheiro. Quando tivesse dinheiro suficiente, sairia do emprego e se dedicaria à escrita. Quando acabassem as economias, encontraria novo trabalho, e assim por diante.

Logo descobre como o plano é ingênuo. Seu salário na IBM, antes dos descontos, é de sessenta libras por mês, das quais pode economizar no máximo dez. Um ano de trabalho lhe valerá dois meses de liberdade; grande parte de seu tempo livre será devorado na busca de um novo emprego. O dinheiro da bolsa da África do Sul mal paga suas prestações acadêmicas.

Além disso, descobre, não tem a liberdade de trocar de emprego quando bem entende. Novas normas relativas aos estrangeiros na Inglaterra especificam que cada mudança de emprego tem de ser aprovada pelo Departamento do Interior. É proibido ser livre: se se demitir da IBM, tem de encontrar prontamente outro trabalho ou deixar o país.

Está com a IBM há tempo bastante agora para estar habituado com a rotina. Mesmo assim, ainda acha o dia de trabalho difícil de suportar. Embora ele e seus colegas programadores sejam continuamente solicitados, em reuniões, em memorandos, a lembrar que são a alma da profissão de processamento de dados, sente-se tão entediado quanto um escriturário de Dickens sentado num banquinho, copiando documentos embolorados.

As únicas interrupções no tédio do seu dia vêm às onze e às três e meia, quando a senhora do chá chega com o carrinho para depositar uma xícara de forte chá inglês diante de cada um deles (“Olhe aí, bem”). Só quando o movimento das cinco horas termina — as secretárias e as perfuradoras de cartão saem pontualmente, nada de horas extras para

elas — e a noite avança é que ele pode sair da mesa, andar sem rumo, relaxar. A sala de máquinas no andar de baixo, dominada pelos imensos gabinetes de memória do 7090, está quase sempre vazia; pode rodar programas no pequeno computador 1401, até, furtivamente, jogar jogos nele.

Nesses momentos, acha o trabalho não apenas suportável, mas agradável. Não se importaria de passar a noite inteira no escritório, rodando programas desenvolvidos por ele mesmo, até ficar com sono, para depois escovar os dentes no toalete e abrir um saco de dormir embaixo da mesa. Seria melhor que pegar o último trem e marchar até a Archway Road, para seu quarto solitário. Mas esse comportamento irregular seria malvisto na IBM.

Faz amizade com uma das perfuradoras. O nome dela é Rhoda; tem as pernas um pouco grossas demais, mas a pele sedosa e olivácea é atraente. Ela leva a sério seu trabalho; às vezes, fica parado na porta olhando para ela, curvada sobre o teclado. Ela tem consciência de que ele está olhando, mas parece não se importar.

Não consegue nunca falar com Rhoda sobre nada que não seja trabalho. O inglês dela, com seus tritongos e cortes guturais, não é fácil de acompanhar. É uma nativa, de um jeito que seus colegas programadores, com a educação de escola secundária, não são; a vida que ela leva fora das horas de trabalho é um livro fechado para ele.

Ao chegar ao país, havia se preparado para a famosa frieza de temperamento dos britânicos. Mas as garotas da IBM, descobre, não são assim, absolutamente. Têm uma sensualidade doméstica toda própria, uma sensualidade de animais criados juntos no mesmo covil enfumaçado, familiares dos hábitos uns dos outros. Embora não possam competir em glamour com as suecas e italianas, ele sente atração por essas garotas inglesas, por sua estabilidade e humor. Gostaria de conhecer melhor Rhoda. Mas como? Ela pertence a uma tribo estranha. As barreiras pelas quais teria de se esgueirar, para não falar das convenções da corte tribal, o deixam confuso e desalentado.

A eficiência de operação da Newman Street é medida pelo uso que faz do 7090. O 7090 é o coração do escritório, a razão de sua existência. Quando o 7090 não está rodando, seu tempo é chamado de tempo ocioso. Tempo ocioso é ineficiente, e ineficiência é pecado. O objetivo

final do escritório é manter o 7090 funcionando dia e noite; os clientes mais valorizados são os que ocupam o 7090 por horas sem fim. Esses clientes são o feudo dos programadores seniores; ele não tem nada a ver com esses.

Um dia, porém, um dos clientes sérios tem dificuldades com seus cartões de dados, e ele é designado para ajudar. O cliente é um certo mr. Pomfret, um homenzinho de terno amassado e óculos. Ele vem a Londres toda quinta-feira, de algum lugar no norte da Inglaterra, trazendo caixas e caixas de cartões perfurados; tem um horário regular de seis horas reservado no 7090, a começar à meia-noite. Pelas fofocas do escritório fica sabendo que os cartões contêm dados de um túnel de vento para um novo bombardeiro britânico, o TSR-2, que está sendo desenvolvido pela RAF.

O problema de mr. Pomfret, e o problema dos colegas de mr. Pomfret lá no norte, é que os resultados das últimas duas semanas são anômalos. Não fazem sentido. Ou o teste de dados está com defeito ou há algo de errado com o projeto do avião. A tarefa dele é reler os cartões de mr. Pomfret com a máquina auxiliar, o 1401, fazendo checagens para determinar se algum deles foi perfurado errado.

Trabalha até depois da meia-noite. Passa pilha após pilha os cartões de mr. Pomfret pela leitora de cartões. Por fim, pode relatar que não há nada de errado com a perfuração. Os resultados são efetivamente anômalos; o problema é real.

O problema é real. Da maneira mais incidental, mais discreta, filiou-se ao projeto TSR-2, passou a fazer parte do esforço de defesa britânico; colaborou com os planos britânicos de bombardear Moscou. Foi para isso que veio à Inglaterra: para participar do mal, um mal que não traz nenhuma recompensa, nem mesmo imaginária? Onde está o romance em ficar a noite inteira acordado para que mr. Pomfret, o engenheiro aeronáutico, com seu ar brando e bem desamparado e sua mala cheia de cartões, possa pegar o primeiro trem para o norte e chegar ao laboratório a tempo de sua reunião de sexta-feira de manhã?

Menciona numa carta para sua mãe que esteve trabalhando nos dados do túnel de vento para o TSR-2, mas a mãe não tem a menor ideia do que seja TSR-2.

Os testes do túnel de vento terminam. Mr. Pomfret não vai mais a Londres. Procura nos jornais outras notícias do TSR-2, mas não encontra nada. O TSR-2 parece ter sumido no limbo.

Agora que é tarde demais, imagina o que aconteceria se, enquanto os cartões do TSR-2 estavam em suas mãos, tivesse, sub-repticiamente, adulterado os dados neles contidos. Será que todo o projeto do bombardeiro teria sido lançado em confusão, ou os engenheiros do norte teriam detectado a interferência? Por um lado, gostaria de fazer sua parte para evitar que a Rússia fosse bombardeada. Por outro lado, teria o direito moral de gozar a hospitalidade britânica e sabotar sua força aérea? E, de qualquer modo, como os russos saberiam que um obscuro simpatizante num escritório da IBM em Londres havia conquistado para eles um breve espaço para respirar no meio da Guerra Fria?

Não consegue ver o que os britânicos têm contra os russos. A Grã-Bretanha e a Rússia sempre estiveram do mesmo lado em todas as guerras que conhece, desde 1854. Os russos nunca ameaçaram invadir a Grã-Bretanha. Por que então os britânicos estavam fechando com os americanos, que se comportam de maneira ameaçadora na Europa e em todo o mundo? Não que os britânicos realmente gostem dos americanos. Os cartunistas de jornal estão sempre caçoando dos turistas americanos, com seus charutos, barriguinhas, camisas havaianas floridas e os punhados de dólares que exibem. Na opinião dele, a Grã-Bretanha devia seguir o exemplo dos franceses, sair da OTAN e deixar que os americanos e seus novos camaradas, os alemães ocidentais, resolvessem seus rancores com a Rússia.

Os jornais estão cheios de CDN, Campanha pelo Desarmamento Nuclear. As fotos que publicam de homens magros e garotas com cabelo de rato brandindo cartazes e gritando slogans não o predispõem a gostar da CDN. Por outro lado, Kruchev acaba de praticar um golpe de mestre tático: silos de mísseis em Cuba para contra-atacar os mísseis americanos voltados para a Rússia. Agora, Kennedy ameaça bombardear a Rússia se os mísseis russos não forem removidos de Cuba. É contra isso que a CDN está se manifestando: um ataque nuclear do qual as bases americanas na Grã-Bretanha participariam. Ele só pode concordar com sua plataforma.

Aviões de espionagem americanos tiram fotos de cargueiros russos atravessando o Atlântico, a caminho de Cuba. Os cargueiros levam mais mísseis, dizem os americanos. Nas fotos, os mísseis — formas vagas debaixo de lonas — estão circundados em branco. A seu ver, as formas poderiam também ser botes salva-vidas. Fica surpreso de os jornais não questionarem a história americana.

Despertem!, clama a CDN: *estamos perto da aniquilação nuclear*. Seria verdade, pensa? Será que tudo vai perecer, inclusive ele?

Vai a uma grande manifestação da CDN em Trafalgar Square, cuidando de ficar na beirada, como uma forma de indicar que é apenas um observador. É a primeira manifestação de massa a que jamais foi: sacudir de punhos e entoar de slogans, a excitação das paixões, em geral o repelem. Só ao amor e à arte, em sua opinião, vale a pena se entregar sem reserva.

A manifestação é o ápice de uma marcha de oitenta quilômetros dos manifestantes da CDN que começou uma semana antes diante de Aldermaston, a usina de armas atômicas britânica. Há dias o *Guardian* vem trazendo fotos dos manifestantes encharcados na estrada. Agora, em Trafalgar Square, os humores são sombrios. Ao ouvir os discursos, fica claro para ele que essas pessoas, ou algumas delas, realmente acreditam no que dizem. Acreditam que Londres vai ser bombardeada; acreditam que vão todos morrer.

Terão razão? Se tiverem, parece imensamente injusto: injusto com os russos, injusto com o povo de Londres, mas acima de tudo injusto com ele, acabar incinerado em consequência da belicosidade americana.

Pensa no jovem Nikolai Rostov no campo de batalha de Austerlitz, olhando como um coelho hipnotizado os granadeiros franceses o atacarem com suas ameaçadoras baionetas. *Como podem me matar*, protesta consigo mesmo — *eu, de quem todo mundo gosta tanto?*

Da frigideira para o fogo! Que ironia! Ter escapado dos africanos, que querem forçá-lo a se juntar ao seu exército, e dos negros, que querem jogá-lo no mar, para se ver numa ilha que logo mais será transformada em cinzas! Que mundo é esse em que está vivendo? Onde é possível se ver livre da fúria dos políticos? Só a Suécia parece estar acima da agitação. Será que devia jogar tudo para o alto e pegar o

primeiro barco para Estocolmo? Será preciso falar sueco para entrar na Suécia? Será que a Suécia precisa de programadores de computador? Será que a Suécia sequer tem computadores?

A manifestação termina. Ele volta para seu quarto. Devia estar lendo *A taça de ouro* ou trabalhando em seus poemas, mas que sentido tem isso? Que sentido tem qualquer coisa?

Então, uns dias depois, a crise termina subitamente. Diante das ameaças de Kennedy, Kruchev capitula. Os cargueiros recebem ordens de voltar. Os mísseis que já estão em Cuba são desarmados. Os russos produzem um discurso padronizado para explicar sua ação, mas foram claramente humilhados. Desse episódio da história apenas os cubanos saem com crédito. Intrépidos, os cubanos juram que, com mísseis ou sem mísseis, vão defender sua revolução até a última gota de sangue. Ele admira os cubanos e Fidel Castro. Pelo menos, Fidel não é um covarde.

Na galeria Tate, conversa com uma garota que ele acredita ser turista. Ela é comum, usa óculos, solidamente plantada sobre os pés, o tipo de garota em que não está interessado mas talvez combine com ele. Seu nome é Astrid, diz ela. É da Áustria — de Klagenfurt, não Viena.

Astrid não é turista, revela, mas *au pair*. No dia seguinte, a leva ao cinema. Seus gostos são bastante diferentes, ele logo percebe. Mesmo assim, quando ela o convida para ir à casa onde trabalha, não diz não. Vê de relance seu quarto: no sótão, com cortinas de algodão listado de azul e colcha combinando, um ursinho de pelúcia apoiado no travesseiro.

No andar de baixo, toma chá com ela e com sua patroa, uma inglesa cujos olhos frios o avaliam e o consideram inadequado. Esta é uma casa europeia, dizem os olhos dela: não precisamos de um colono sem graça por aqui, ainda mais um bôer.

Não é um bom momento para ser sul-africano na Inglaterra. Numa grande demonstração de hipocrisia, a África do Sul declarou-se uma república e foi prontamente expulsa da Commonwealth britânica. A mensagem contida nessa expulsão era inconfundível. Os britânicos estavam fartos dos bôeres e da África do Sul conduzida por bôeres, uma colônia que sempre deu mais problemas do que lucros. Ficariam

contentes se a África do Sul desaparecesse silenciosamente no horizonte. Por certo não querem sul-africanos brancos desamparados se amontoando em sua porta como órfãos em busca de pais. Não tem dúvidas de que essa inglesa cortês indiretamente informará Astrid de que ele não é desejável.

Por solidão, por pena talvez, dessa infeliz estrangeira sem graça, com seu inglês deficiente, convida Astrid para sair outra vez. Depois, sem nenhuma razão, convence-a a ir com ele para seu quarto. Ela ainda não tem dezoito anos, ainda tem aquele aspecto rechonchudo de bebê; ele nunca esteve com ninguém tão jovem — uma criança, de fato. A pele dela, quando despe suas roupas, é fria e úmida. Cometeu um erro, já sabe disso. Não sente nenhum desejo; quanto a Astrid, embora as mulheres e suas necessidades sejam geralmente um mistério para ele, tem certeza de que também não sente. Mas foram longe demais, os dois, para voltar atrás, então vão até o fim.

Nas semanas que se seguem, passam várias outras noites juntos. Mas o tempo é, como sempre, um problema. Astrid só pode sair depois que os filhos da patroa foram para a cama; resta-lhes no máximo uma hora apressada antes do último trem de volta a Kensington. Uma vez, ela tem a coragem de passar a noite toda. Ele finge estar contente de tê-la a seu lado, mas a verdade é que não está. Dorme melhor sozinho. Quando divide a cama com alguém, fica tenso e duro a noite inteira, acorda exausto.

ANOS ATRÁS, quando ainda era uma criança numa família que tentava ao máximo ser normal, seus pais costumavam ir a bailes nos sábados à noite. Ele ficava olhando enquanto se preparavam; se ficasse acordado até bem tarde, podia depois interrogar a mãe. Mas o que realmente acontecia no salão de baile do hotel Masonic, na cidade de Worcester, ele nunca chegou a ver: que tipo de dança os pais dançavam, se fingiam se olhar nos olhos enquanto dançavam, se dançavam apenas um com o outro ou se, como nos filmes americanos, um estranho podia pôr a mão no ombro da mulher e tirá-la de seu par, de forma que o par teria de encontrar outro par para si ou ficar num canto, fumando um cigarro, de cara feia.

Achava difícil entender por que pessoas já casadas se davam o trabalho de se vestir e ir a um hotel para dançar quando podiam fazer isso na sala de casa, com a música do rádio. Mas, para sua mãe, os sábados à noite no hotel Masonic pareciam importantes, tão importantes quanto ter a liberdade de montar um cavalo ou, quando não havia cavalo, uma bicicleta. Dançar e andar a cavalo representavam a vida que ela havia tido antes de casar, antes, na versão dela da história de sua vida, de ter se tornado uma prisioneira (“Não vou ficar como uma prisioneira nesta casa!”).

A inflexibilidade dela não a levou a lugar nenhum. Fosse quem fosse, a pessoa lá do escritório de seu pai que lhes dava carona para os bailes de sábado à noite mudou de casa ou parou de vir. O vestido azul lustroso com seu broche de prata, as luvas brancas, o chapeuzinho engraçado que ficava de lado na cabeça, tudo desapareceu em armários e gavetas, e acabou-se.

Quanto a ele, ficou contente de não haver mais bailes, embora não tenha dito nada. Não gostava que sua mãe sáísse, não gostava do ar abstraído que baixava sobre ela no dia seguinte. De qualquer forma, não

via nenhum sentido na dança em si. Evitava os filmes que prometiam ter dança, desconcertado com o ar pateta e sentimental na cara das pessoas.

“Dançar é bom exercício”, a mãe insistia. “Ensina ritmo e balanço.” Ele não se convencia. Se as pessoas precisavam de exercício, podiam fazer ginástica calistênica, levantar pesos ou correr em volta do quarteirão.

Nos anos que se passaram desde que deixou Worcester para trás, não mudou de ideia sobre a dança. Quando estudante universitário, como achava embaraçoso demais ir a festas e não saber dançar, matriculou-se num pacote de aulas numa escola de dança, pagou com dinheiro do próprio bolso: *quickstep*, valsa, tuíte, chá-chá-chá. Não funcionou: meses depois tinha esquecido tudo, num ato de esquecimento voluntário. Por que isso aconteceu, ele sabe perfeitamente bem. Nunca, nem por um momento, mesmo durante as aulas, estava de fato se entregando à dança. Embora os pés seguissem o padrão, internamente continuava rígido, resistente. E assim é até hoje: no nível mais profundo não consegue ver nenhuma razão por que as pessoas precisem dançar.

Dançar só faz sentido quando a dança é interpretada como outra coisa, outra coisa que a pessoa prefere não admitir. Essa *outra coisa* é a coisa real: a dança é apenas uma cobertura. Convidar uma garota para dançar representa convidá-la para ter uma relação; aceitar o convite representa concordar em ter uma relação; e dançar é a mímica e o presságio da relação. Tão óbvias são as correspondências que ele se surpreende de as pessoas se darem o trabalho de dançar afinal. Por que vestir-se, por que os movimentos rituais; por que essa grande farsa?

A música de dança antiquada com seus ritmos arrastados, a música do hotel Masonic, sempre o entediou. Quanto à crua música da América, que as pessoas de sua idade dançam, só lhe desperta uma fastidiosa repulsa.

Na África do Sul, as canções do rádio eram sempre americanas. Os jornais acompanhavam obsessivamente os trejeitos das estrelas do cinema americano, loucuras americanas como o bambolê eram passivamente imitadas. Por quê? Por que voltar os olhos para a América para tudo? Renegados pelos holandeses e agora pelos britânicos, será que os sul-africanos resolveram se transformar em falsos americanos,

muito embora a maioria deles nunca tenha posto os olhos sobre um americano de verdade em toda a vida?

Na Grã-Bretanha, esperava escapar da América — da música americana, das modas americanas. Mas, para seu desânimo, os britânicos não estão menos dispostos a macaquear a América. Os jornais populares trazem fotos de garotas gritando como loucas em concertos. Homens com cabelos até os ombros berram e gemem em falsos sotaques americanos e depois despedaçam suas guitarras. Nada disso o pega.

A salvação da Grã-Bretanha é o Terceiro Programa. Se há uma coisa que espera depois de um dia na IBM, é voltar para casa, para o silêncio de seu quarto, ligar o rádio e ser visitado por música que nunca ouviu antes, ou palestras inteligentes, serenas. Noite após noite, sem falta e grátis, os portais se abrem ao seu toque.

O Terceiro Programa é irradiado apenas em ondas longas. Se o Terceiro Programa fosse em ondas curtas, poderia tê-lo sintonizado na Cidade do Cabo. Nesse caso, que necessidade teria havido de vir para Londres?

Na série *Poetas e Poesia* há uma palestra sobre um poeta russo chamado Joseph Brodsky. Acusado de ser um parasita social, Joseph Brodsky foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados num campo na península do Arcanjo no norte gelado. Ele ainda está cumprindo a pena. Enquanto está ali sentado em seu quarto quente em Londres, tomando café, mascando a sobremesa de passas e nozes, um homem de sua idade, um poeta como ele, serra troncos o dia inteiro, cuida dos dedos congelados, remenda as botas com trapos, vive de cabeças de peixe e sopa de repolho.

“Escuro como o interior de uma agulha”, Brodsky escreve num de seus poemas. Não consegue tirar o verso da cabeça. Se se concentrar, realmente se concentrar, noite após noite, se conseguir, por meio de pura atenção, que a graça da inspiração baixe sobre ele, talvez seja capaz de produzir algo desse nível. Porque tem isso dentro de si, tem certeza, sua imaginação é do mesmo tom da imaginação de Brodsky. Mas como enviar isso até Arcanjo depois?

Com base nos poemas que ouviu no rádio e em nada mais, conhece Brodsky, conhece plenamente. É disso que a poesia é capaz. Poesia é

verdade. Mas, dele em Londres, Brodsky não pode saber nada. Como dizer ao homem congelado que está com ele, que está a seu lado, dia após dia?

Joseph Brodsky, Ingeborg Bachmann, Zbigniew Herbert: das solitárias jangadas que lançam aos escuros mares da Europa eles liberam suas palavras no ar, e pelas ondas do ar as palavras correm para o quarto dele, as palavras dos poetas de seu tempo, dizendo-lhe, mais uma vez, o que a poesia pode ser e, portanto, o que ele pode ser, enchendo-o de alegria por viver no mesmo planeta que eles. “Sinal captado em Londres — por favor, prossiga a transmissão”: essa é a mensagem que lhes mandaria se pudesse.

Na África do Sul, ouviu uma ou duas composições de Schönberg e de Berg — *Verklärte Nacht* [Noite transfigurada], o concerto para violino. Agora, pela primeira vez ouve a música de Anton von Webern. Foi alertado contra Webern. Webern vai longe demais, foi o que leu: o que Webern escreve não é mais música, apenas sons ao acaso. Curvado sobre o rádio, escuta. Primeiro uma nota, depois outra, depois outra, frias como cristais de gelo, enfileiradas como estrelas no céu. Um minuto ou dois desse arrebatamento, e acabou-se.

Webern foi morto com um tiro em 1945, por um soldado americano. Um equívoco, foi o que se disse, um acidente de guerra. O cérebro que mapeou aqueles sons, aqueles silêncios, aquele som-e-silêncio, extinto para sempre.

Vai a uma exposição de expressionismo abstrato na galeria Tate. Durante quinze minutos fica parado diante de um Jackson Pollock, permitindo que aquilo o penetre, tentando parecer judicioso no caso de algum londrino cortês estar de olho nesse ignorante provinciano. Não adianta nada. A pintura não lhe diz nada. Há nela alguma coisa que ele não capta.

Na sala seguinte, alto na parede, uma imensa pintura composta de nada mais que dois borrões pretos alongados sobre um campo branco. *Homenagem à República Espanhola 24*, de Robert Motherwell, diz a identificação. Ele fica paralisado. Ameaçadoras e misteriosas, as formas negras o dominam. Um som como a batida de um gongo emana dela e o deixa trêmulo, de joelhos fracos.

De onde vem essa força, essa forma amorfa que não tem nenhuma semelhança com a Espanha nem com nada, mas apesar disso agita um poço de escuro sentimento dentro dele? Não é bonito, mas fala como beleza, imperiosamente. Por que Motherwell tem esse poder e não Pollock, nem Van Gogh, nem Rembrandt? Será o mesmo poder que faz seu coração saltar à vista de uma mulher e não de outra? Será que *Homenagem à República Espanhola* corresponde a alguma forma interna de sua alma? E a mulher que estará em seu destino? Será que a sombra dela já está guardada em seu escuro interior? Quanto tempo mais até ela se revelar? Quando se revelar, estará preparado?

Qual é a resposta, não sabe dizer. Mas, se conseguir encontrá-la como a um igual, a ela, a Predestinada, o amor que farão será inimitável, disso tem certeza, um êxtase que beira a morte; e, quando voltar à vida depois, será um novo ser, transformado. Uma faísca de extinção, como dois polos opostos se tocando, como o acasalamento de gêmeos; em seguida o lento renascimento. Tem de estar pronto para isso. A prontidão é tudo.

No cinema *Everyman*, há uma mostra de Satyajit Ray. Assiste à trilogia de Apu em noites sucessivas, em estado de absorção arrebatada. Na mãe amarga, encurralada de Apu, no pai sedutor e fraco, reconhece, com uma pontada de culpa, seus próprios pais. Mas é sobretudo a música que o pega, complexas interações de entontecer entre a percussão e os instrumentos de cordas, longas árias na flauta, cuja escala ou modo — não sabe teoria musical a ponto de ter certeza das palavras — lhe toca o coração, lançando-o num estado de sensual melancolia, que perdura muito tempo depois que o filme terminou.

Até então, havia encontrado na música ocidental, em Bach principalmente, tudo aquilo de que precisava. Agora, encontra algo que não está em Bach, embora haja sugestões disso: uma alegre submissão da razão, da mente racional, à dança dos dedos.

Caça pelas lojas de discos e numa delas encontra um LP de um citarista chamado Ustad Vilayat Khan, com seu irmão — mais novo, a julgar pela foto — na *veena* e um tocador de tabla não identificado. Não tem vitrola, mas consegue ouvir os primeiros dez minutos na loja. Está tudo lá: a suspensa exploração de sequências tonais, a emoção tremulante, os ímpetos extáticos. Não consegue acreditar na própria

sorte. Um novo continente, e tudo por meros nove xelins! Leva o disco para seu quarto, guarda-o embalado entre folhas de papelão até o dia em que poderá ouvi-lo de novo.

Há um casal indiano morando no quarto de baixo. Têm um bebê que de vez em quando chora baixinho. Cumprimenta com a cabeça o homem quando se cruzam na escada. A mulher raramente sai.

Uma noite, batem na porta. É o indiano. Gostaria de jantar com eles na noite seguinte?

Ele aceita, mas apreensivo. Não está acostumado a temperos fortes. Será que vai conseguir comer sem se atrapalhar e sem fazer papel de bobo?

Ao chegar, é imediatamente tranquilizado. A família é do sul da Índia; são vegetarianos. Temperos fortes não são parte essencial da cozinha indiana, explica o dono da casa: foram introduzidos apenas para esconder o gosto da carne apodrecida. A comida do sul da Índia é bem suave ao paladar. E, de fato, é o que ele descobre. Aquilo que é colocado diante dele — sopa de coco temperada com cardamomo e cravos, uma omelete — é positivamente brando.

O dono da casa é engenheiro. Ele e a mulher estão na Inglaterra há vários anos. São felizes aqui, diz ele. As acomodações são as melhores que tiveram até agora. O quarto é espaçoso, a casa, calma e bem-arrumada. Claro que não gostam do clima inglês. Mas — ele dá de ombros — é preciso aceitar o ruim com o bom.

A esposa mal participa da conversa. Serve-os sem comer, depois se retira para o canto onde está o bebê em seu berço. O inglês dela não é bom, diz o marido.

Seu vizinho engenheiro admira a ciência e a tecnologia ocidentais, reclama que a Índia é retrógrada. Embora as loas às máquinas geralmente o importunem, nada diz para contradizer o homem. São as primeiras pessoas na Inglaterra a convidá-lo para sua casa. Mais que isso: são pessoas de cor, têm consciência de que ele é sul-africano, mesmo assim lhe estenderam a mão. Fica agradecido.

A questão é: o que fazer com essa gratidão? É inconcebível convidar o casal, marido, mulher e sem dúvida o bebê chorão, para subir ao seu quarto no último andar para comer sopa de pacote seguida se não de

chipolatas, de macarrão com molho de queijo. Mas de que outra forma se retribui a hospitalidade?

Passa-se uma semana, e ele nada faz, depois uma segunda. Está cada vez mais envergonhado. Começa a ouvir atrás da porta de manhã, esperando o engenheiro ir para o trabalho antes de sair para o patamar.

Deve haver algum gesto a ser feito, um ato simples de retribuição, mas não consegue descobrir o quê, ou não quer descobrir, e está ficando tarde demais, afinal. Qual o problema dele? Por que torna as coisas mais comuns tão difíceis para si mesmo? Se a resposta é que essa é sua natureza, qual a vantagem de ter uma natureza dessas? Por que não mudar a natureza?

Mas será sua natureza? Ele duvida. Não dá a sensação de natureza, dá a sensação de uma doença, uma doença moral: mesquinharia, pobreza de espírito, nada diferente, em essência, de sua frieza com as mulheres. Pode-se fazer arte a partir de uma doença como essa? E, se se pode, o que isso revela sobre a arte?

* * *

Num quadro de avisos numa banca de revista de Hampstead, lê um anúncio: “Procura-se quarta pessoa para apartamento em Swiss Cottage. Quarto próprio, cozinha coletiva”.

Não gosta de dividir. Prefere viver sozinho. Mas, enquanto viver sozinho, nunca romperá seu isolamento. Telefona, marca uma hora.

O homem que lhe mostra o apartamento é alguns anos mais velho que ele. Tem barba, uma jaqueta Nehru azul com botões dourados na frente. Seu nome é Miklos, e é húngaro. O apartamento em si é limpo e arejado; o quarto que será seu é maior que o quarto que aluga agora, mais moderno também. “Fico com ele”, diz para Miklos, sem hesitação. “Preciso deixar um depósito?”

Mas a coisa não é assim tão simples. “Deixe seu nome e telefone, e ponho na lista”, diz Miklos.

Espera três dias. No quarto dia, telefona. Miklos não está, diz a garota que atende. O quarto? Ah, o quarto foi alugado, há dias.

A voz dela tem uma ligeira rouquidão estrangeira; sem dúvida é bonita, inteligente, sofisticada. Não pergunta se é húngara. Mas, se tivesse conseguido o quarto, estaria agora dividindo o apartamento com ela. Quem é ela? Como é o seu nome? Seria ela seu amor predestinado e seu destino agora lhe escapou? Quem é o afortunado que ficou com o quarto e com o futuro que devia ser seu?

Teve a impressão, quando foi ao apartamento, de que Miklos lhe mostrava tudo com certa indiferença. Só pode pensar que Miklos procurava alguém que fosse contribuir para a economia da casa com algo mais que uma quarta parte do aluguel, alguém que oferecesse alegria, estilo ou romance também. Percebendo-o todo com um olhar, Miklos o achou desprovido de alegria, estilo e romance, e o rejeitou.

Devia ter tomado a iniciativa. “Não sou o que pareço ser”, devia ter dito. “Posso parecer um escriturário, mas na verdade sou um poeta, ou um futuro poeta. Além disso, pagarei minha parte do aluguel pontualmente, o que é mais que a maioria dos poetas faria.” Mas não falou, não argumentou, nem sequer abjetamente, em favor de si mesmo e de sua vocação; e agora é tarde demais.

Como um húngaro pode manter um apartamento na elegante Swiss Cottage, vestir-se na última moda, acordar tarde na manhã preguiçosa com a garota sem dúvida bonita, de voz rouca, a seu lado na cama, enquanto ele tem de se escravizar o dia inteiro na IBM e morar num quarto tristonho na Archway Road? Como as chaves que destrancam os prazeres de Londres foram parar nas mãos de Miklos? Onde essas pessoas encontram dinheiro para sustentar sua vida de facilidades?

Jamais gostou de pessoas que desobedecem às regras. Se as regras são ignoradas, a vida cessa de fazer sentido: pode-se também, como Ivan Karamazov, entregar os pontos e se retirar. Mas Londres parece estar cheia de gente que ignora as regras e se dá bem. Ele parece ser o único estúpido a ponto de jogar segundo as regras, ele e outros agastados escriturários de terno escuro e óculos que vê nos trens. O que então devia fazer? Devia seguir o exemplo de Ivan? Devia seguir o exemplo de Miklos? Siga quem seguir, parece-lhe, sairá perdendo. Pois não tem talento para mentir, enganar, ou driblar as regras, assim como não tem talento para o prazer ou para as roupas elegantes. Seu único talento é

para a depressão, a torpe e honesta depressão. Se esta cidade não oferece nenhuma recompensa para a depressão, o que está fazendo aqui?

TODA SEMANA CHEGA UMA CARTA DE SUA MÃE, um aerograma azul-claro endereçado em caprichadas letras de fôrma maiúsculas. É com exasperação que recebe essas provas do imutável amor dela. Será que a mãe não entende que, ao sair da Cidade do Cabo, ele rompeu com todos os laços do passado? Como pode fazê-la aceitar que o processo de se transformar numa pessoa diferente, o qual começou quando ele tinha quinze anos, continuará impiedosamente até toda a memória da família e do país que deixou para trás estar extinta? Quando ela entenderá que ficou tão distante dela que podia até ser um estranho?

Nas cartas, a mãe conta as notícias familiares, conta seus últimos trabalhos (ela muda de escola em escola, substituindo professores em licença de saúde). Termina as cartas esperando que ele esteja bem de saúde, que esteja cuidando de usar agasalho, que não tenha pegado a gripe que, ouviu dizer, está assolando a Europa. Quanto aos problemas sul-africanos, sobre esses não escreve, porque ele deixou claro que não está interessado.

Ele menciona que esqueceu as luvas num trem. Um erro. Prontamente chega um pacote por via aérea: um par de mitenes de pelo de carneiro. Os selos custam mais que as luvas.

Ela escreve as cartas nas noites de domingo e as põe no correio a tempo da coleta da segunda-feira de manhã. Ele pode facilmente imaginar a cena, no apartamento para o qual ela, o pai e o irmão se mudaram quando tiveram de vender a casa em Rondebosch. O jantar terminou. Ela tira a mesa, lava a louça, puxa o abajur para mais perto. “O que está fazendo agora?”, pergunta o pai, que detesta as noites de domingo, quando terminou de ler o *Argus* do começo ao fim e não resta mais nada a fazer. “Tenho de escrever para John”, ela responde, cerrando os lábios e calando o marido. *Querido John*, começa.

O que espera conseguir com as cartas, essa mulher obstinada, sem graça? Não consegue identificar que provas de sua fidelidade, por mais insistente, nunca o farão fraquejar e voltar? Não pode aceitar que ele não é normal? Devia concentrar o amor dela em seu irmão e esquecê-lo. Seu irmão é um ser mais simples e mais inocente. Seu irmão tem o coração terno. Que o irmão assuma o peso de amá-la; que o irmão escute de agora em diante que ele é o primogênito, o mais amado. Então ele, o recém-esquecido, estará livre para construir sua própria vida.

Ela escreve toda semana, mas ele não responde toda semana. Seria reciprocidade demais. Só de vez em quando responde, e suas cartas são breves, dizendo pouco a não ser que, pelo fato de terem sido escritas, ele ainda está forçosamente na terra dos vivos.

Essa é a pior parte. Essa é a armadilha que ela construiu, uma armadilha de que ele ainda não encontrou um jeito de escapar. Se cortasse todos os laços, se não escrevesse nunca, ela tiraria as piores conclusões, as piores possíveis; e a simples ideia da dor que a atravessaria nesse momento o faz desejar tapar olhos e ouvidos. Enquanto ela estiver viva, ele não ousa morrer. Enquanto ela estiver viva, portanto, a vida não pertence a ele. Não pode ser descuidado com a vida. Embora não tenha um particular amor por si mesmo, deve, por ela, cuidar de si mesmo, a ponto de se agasalhar, de comer bem, de tomar vitamina C. Quanto ao suicídio, isso não pode nem ser cogitado.

As notícias que tem da África do Sul vêm da BBC e do *Manchester Guardian*. Lê as reportagens do *Guardian* com apreensão. Um fazendeiro amarra um de seus trabalhadores a uma árvore e espanca-o até a morte. A polícia atira a esmo contra a multidão. Um prisioneiro é encontrado morto em sua cela, enforcado com uma tira de lençol, o rosto ferido e ensanguentado. Horror sobre horror, atrocidade sobre atrocidade, sem cessar.

Sabe a opinião de sua mãe. Ela acha que a África do Sul é incompreendida pelo mundo. Os negros na África do Sul vivem melhor do que em qualquer outro lugar da África. As greves e protestos são fomentados por agitadores comunistas. Quanto aos trabalhadores rurais, pagos na forma de refeições de milho e tendo de vestir os filhos com sacos de estopa contra o frio do inverno, a mãe concorda que isso é uma

desgraça. Mas essas coisas acontecem apenas no Transvaal. São os africanos do Transvaal, com seus rancores calados e corações duros, que fazem o mau nome do país.

A opinião que ele não hesita em comunicar a ela é que, em lugar de fazer discursos e discursos nas Nações Unidas, os russos deviam invadir a África do Sul sem demora. Deviam lançar tropas de paraquedistas sobre Pretória, prender Verwoerd e seus comparsas, alinhá-los contra a parede e fuzilá-los.

O que os russos deviam fazer depois de fuzilar Verwoerd, ele não diz, porque ainda não pensou. A justiça tem de ser feita, isso é tudo o que importa; o resto é política, e não está interessado em política. Pelo que se lembra, os africanos sempre pisaram nas pessoas, porque, dizem eles, um dia foram pisados. Bem, que gire a roda, que se responda à força com força redobrada. Ele está contente de estar fora disso.

A África do Sul é como um albatroz em torno de seu pescoço. Quer que seja removido, não importa como, para que possa começar a respirar.

Não precisa comprar o *Manchester Guardian*. Existem outros jornais, mais fáceis: *The Times*, por exemplo, ou o *Daily Telegraph*. Mas dá para confiar que o *Manchester Guardian* não deixará passar nada da África do Sul que possa fazer sua alma encolher dentro dele. Lendo o *Manchester Guardian*, pode ao menos ter certeza de que sabe do pior.

Passou semanas sem entrar em contato com Astrid. Agora ela telefona. Seu período na Inglaterra terminou, está voltando para a Áustria. “Acho que não vou mais ver você”, diz, “então telefonei para me despedir.”

Ela tenta ser objetiva, mas dá para sentir as lágrimas em sua voz. Cheio de culpa, propõe um encontro. Tomam café juntos; ela volta com ele para o quarto e passa a noite (“nossa última noite”, diz), agarrada a ele, chorando mansinho. Bem cedo na manhã seguinte (é um domingo), ouve-a sair da cama e ir na ponta dos pés até o banheiro lá de fora para se vestir. Quando volta, ele finge estar dormindo. Basta dar o menor sinal, sabe disso, e ela ficará. Se houver alguma coisa que ele prefira fazer primeiro, antes de prestar atenção nela, como ler o jornal, ela ficará

sentada quietinha num canto, esperando. Parece que em Klagenfurt as garotas são educadas assim: não solicitar nada, esperar até que o homem esteja pronto, e então servi-lo.

Gostaria de ser mais gentil com Astrid, tão jovem, tão sozinha na cidade grande. Gostaria de enxugar suas lágrimas, fazê-la sorrir; gostaria de provar a ela que seu coração não é tão duro quanto parece, que é capaz de corresponder à sua disponibilidade com uma disponibilidade própria, uma disponibilidade para afagá-la e ouvir as histórias sobre a mãe e os irmãos dela em sua terra. Mas deve tomar cuidado. Calor demais, e ela pode cancelar a passagem, ficar em Londres, mudar-se para a casa dele. Dois derrotados se aninhando um nos braços do outro, se consolando: a perspectiva é humilhante demais. Podiam também se casar, ele e Astrid, e passar o resto da vida um cuidando do outro, como inválidos. Então, não dá nenhum sinal, fica de olhos cerrados até ouvir o ranger dos degraus e o clique da porta da rua.

É dezembro, e o tempo ficou implacável. Cai neve, a neve se transforma em lama, a lama congela: nas calçadas é preciso caminhar passo a passo como um alpinista. Um lençol de *fog* envolve a cidade, *fog* denso como poeira de carvão e enxofre. A eletricidade falha; trens param de correr; velhos morrem congelados em suas casas. O pior inverno do século, dizem os jornais.

Ele anda pesadamente pela Archway Road, escorregando e deslizando no gelo, segurando o cachecol sobre o rosto, tentando não respirar. Suas roupas estão cheirando a enxofre, tem um gosto ruim na boca, quando tosse expele catarro negro. Na África do Sul é verão. Se estivesse lá, podia ir à praia Strandfontein, correr quilômetros e quilômetros de areia branca debaixo de um vasto céu azul.

Durante a noite, estoura um cano em seu quarto. O chão fica alagado. Acorda cercado por um lençol de gelo.

É como as blitze de novo, dizem os jornais. Publicam histórias de cozinhas de sopa para os sem-teto, mantidas por mulheres, de equipes de reparos que trabalham durante a noite. A crise está trazendo à tona o

que há de melhor nos londrinos, dizem, que enfrentam a adversidade com força calada e uma piada sempre pronta.

Quanto a ele, pode se vestir como um londrino, ir para o trabalho como um londrino, sofrer com o frio como um londrino, mas não tem nenhuma piada pronta. Nem em um mês só de domingos os londrinos o tomarão por um londrino de verdade. Ao contrário, os londrinos o reconhecem de imediato como mais um daqueles estrangeiros que por tolas razões próprias escolhem viver num lugar que não é deles.

Quanto tempo terá de viver na Inglaterra até admitirem que ele se transformou no produto genuíno, que se tornou inglês? Será que basta conseguir um passaporte britânico, ou um nome estrangeiro que soa esquisito significa que estará sempre fora? E o que significa afinal “tornar-se inglês”? A Inglaterra abriga duas nações: terá de escolher entre elas, escolher entre ser inglês de classe média e ser inglês de classe operária. Parece já ter escolhido. Usa o uniforme da classe média, lê um jornal de classe média, imita a fala da classe média. Mas os meros sinais exteriores como esses não bastarão para lhe garantir admissão, nunca na vida. A admissão à classe média — admissão completa, não um bilhete temporário válido para certos momentos do dia em certos dias do ano — foi decidida, pelo que pode dizer, anos atrás, até gerações atrás, segundo regras que serão sempre impenetráveis para ele.

Quanto à classe operária, ele não tem nada a ver com sua recreação, mal pode entender sua fala, nunca percebeu o menor gesto de boas-vindas da parte dela. As garotas da IBM têm seus namorados da classe operária, só pensam em casamento, bebês e casa própria, reagem geladamente a aproximações. Ele pode viver na Inglaterra, mas por certo não a convite da classe operária inglesa.

Existem outros sul-africanos em Londres, milhares deles, se der crédito às informações. Existem canadenses também, australianos, neozelandeses, até americanos. Mas essas pessoas não são imigrantes, não estão ali para se estabelecer, para se tornarem inglesas. Vieram para se divertir, ou para estudar, ou para ganhar dinheiro antes de partir para um giro pela Europa. Quando se cansarem do Velho Mundo, voltarão para casa e retomarão sua vida real.

Há europeus em Londres também, não apenas estudantes da língua, mas refugiados do bloco oriental e, já há muito tempo, da Alemanha

nazista. Mas sua situação é diferente da deles. Não é um refugiado; ou melhor, uma reivindicação de sua parte para ser refugiado não o levaria a parte alguma junto ao Departamento do Interior. Quem está oprimindo você?, o Departamento do Interior perguntará. De que está fugindo? Do tédio, ele responderá. Da hipocrisia. Da atrofia da vida moral. Da vergonha. Aonde o levarão esses pretextos?

E, então, Paddington. Ele caminha por Maida Vale ou pela Kilburn High Road às seis horas toda noite e vê, sob a fantasmagórica luz de sódio, multidões de indianos ocidentais marchando de volta para suas acomodações, amortecidos contra o frio. Vão de ombros curvados, as mãos enfiadas fundo nos bolsos, a pele tem um tom acinzentado, empoeirado. O que os atrai da Jamaica e de Trinidad para esta cidade sem coração, onde o frio verte das próprias pedras da rua, onde as horas do dia são gastas em trabalho enfadonho e as noites, enroladas diante de uma lareira a gás num quarto alugado com paredes descascadas e sofás afundados? Por certo não estão todos aqui para encontrar a fama como poetas.

As pessoas com quem trabalha são polidas demais para expressar suas opiniões sobre visitantes estrangeiros. Mesmo assim, a partir de alguns de seus silêncios conclui que não é querido no país delas, não querido positivamente. Quanto à questão dos indianos ocidentais, elas calam também, mas dá para ler os sinais. *NIGGER GO HOME* [Vão embora, negros], dizem slogans pintados nas paredes. *NO COLOURED* [Não se aceitam pessoas de cor], dizem placas nas janelas de casas de cômodos. Mês a mês o governo aperta as leis de imigração. Os originários das Índias Ocidentais são detidos no porto em Liverpool, detidos até ficarem desesperados, depois são mandados de volta para o lugar de onde vieram. Se não o fazem sentir tão nuamente indesejado como eles, só pode ser por causa de sua coloração protetora: o terno Moss Brothers, a pele clara.

“DEPOIS DE CUIDADOSA CONSIDERAÇÃO, cheguei à conclusão...”
“Depois de muito meditar, cheguei à conclusão...”

Estava a serviço da IBM havia mais de um ano: inverno, primavera, verão, outono, outro inverno e agora o começo de outra primavera. Mesmo dentro do escritório da Newman Street, um edifício que parece uma caixa com janelas seladas, dá para sentir a suave mudança do ar. Não pode continuar assim. Não pode sacrificar mais nem um momento de sua vida ao princípio de que os seres humanos devem trabalhar em miséria por seu pão, um princípio a que parece filiar-se embora não faça ideia de onde o encontrou. Não pode ficar demonstrando para sempre à sua mãe na Cidade do Cabo que construiu uma vida sólida e que, portanto, ela pode parar de se preocupar. Geralmente, não sabe o que quer, não se preocupa em saber o que quer. Saber bem demais o que se quer demonstra, pensa, a morte da faísca criativa. Mas neste caso não pode se permitir continuar em sua habitual névoa de indecisão. Tem de deixar a IBM. Tem de sair, não importa quanto isso vá lhe custar em humilhação.

Ao longo do último ano a caligrafia dele foi se tornando, fora de seu controle, cada vez menor e mais secreta. Agora, sentado à sua mesa, escrevendo aquilo que será o anúncio de sua demissão, tenta conscientemente fazer as letras maiores, as curvas mais gordas e com aparência mais confiante.

“Depois de longa reflexão”, escreve, por fim, “cheguei à conclusão de que meu futuro não se encontra na IBM. Em termos de meu contrato, portanto, desejo propor o aviso prévio de um mês.”

Assina a carta, fecha o envelope, endereça ao dr. B. L. McIver, Gerente, Divisão de Programação, e a coloca discretamente na bandeja marcada INTERNO. Ninguém no escritório olha para ele. Volta a sentar.

Até as três da tarde, quando a correspondência é coletada de novo, tem tempo para repensar, tempo para retirar a carta da bandeja e rasgá-la. Uma vez entregue a carta, porém, os dados terão sido lançados. Amanhã a notícia terá se espalhado pelo prédio: um do pessoal do McIver, um dos programadores do segundo andar, o sul-africano, pediu demissão. Ninguém será visto falando com ele. Será mandado para Coventry. É assim na IBM. Nenhum sentimento falso. Será marcado como fraco, perdedor, impuro.

Às três horas a mulher vem pegar a correspondência. Ele se curva sobre seus papéis, o coração disparado.

Meia hora depois, é convocado ao escritório de McIver. McIver está gelado de fúria. “O que é isto?”, diz, indicando a carta aberta sobre a mesa.

“Resolvi pedir demissão.”

“Por quê?”

Sabia que McIver ia reagir mal. Foi McIver quem o entrevistou para o emprego, quem o aceitou e aprovou, que engoliu a história de que ele era apenas um sujeito comum das colônias planejando uma carreira com computadores. McIver tem seus padrões, a quem terá de explicar seu erro.

McIver é um homem alto. Veste-se bem, fala com sotaque de Oxford. Não tem interesse na programação como ciência, nem como habilidade, nem como profissão, ou seja lá o que for. É simplesmente um gerente. É nisso que é bom: atribuir tarefas às pessoas, gerenciar o tempo delas, motivá-las, obter delas o valor que recebem.

“Por quê?”, McIver diz de novo, impaciente.

“Não acho o trabalho na IBM muito satisfatório em nível humano. Não é gratificante.”

“Continue.”

“Esperava algo mais.”

“O quê, por exemplo?”

“Esperava amizades.”

“Acha a atmosfera pouco amigável?”

“Não, não é pouco amigável, absolutamente. As pessoas têm sido muito gentis. Mas ser amigável não é a mesma coisa que amizade.”

Esperava que lhe fosse permitido dar a carta como sua última palavra. Mas essa esperança era ingênua. Devia ter entendido que iam tomar aquilo como o primeiro tiro de uma guerra.

“Que mais? Se tem mais alguma coisa na cabeça, esta é sua chance de se manifestar.”

“Nada mais.”

“Nada mais. Sei. Sente falta de amizades. Não encontrou amigos.”

“É, é isso. Não estou pondo a culpa em ninguém. A culpa, provavelmente, é minha mesmo.”

“E por isso quer pedir demissão.”

“Isso.”

Agora que as palavras saíram, elas soam estúpidas, e são estúpidas. Foi levado a dizer coisas estúpidas. Mas devia ter esperado por isso. É assim que o farão pagar por rejeitá-los, por rejeitar o emprego que lhe deram, um emprego na IBM, a líder do mercado. Como um principiante no xadrez, empurrado para os cantos e diante de um xeque em dez lances, em oito lances, em sete lances. Uma aula de dominação. Bem, que façam isso. Eles que façam seus lances e o deixem jogar seus estúpidos, facilmente previsíveis, facilmente evitáveis, lances, até se cansarem do jogo e deixarem que vá embora.

Com um gesto brusco, McIver termina a entrevista. Por ora, o caso está encerrado. Ele está livre para voltar à sua mesa. Para variar, não há nem a obrigação de trabalhar até tarde. Pode sair do prédio às cinco horas, ter a noite para si.

Na manhã seguinte, por meio da secretária de McIver — McIver passa por ele, não responde seu cumprimento —, é orientado a se apresentar sem demora ao Escritório Central da IBM na City, no Departamento Pessoal.

O homem do Pessoal que atende seu caso evidentemente ouviu a reclamação sobre as amizades que a IBM não foi capaz de prover. Há uma pasta aberta na mesa diante dele; ao prosseguir o interrogatório, ele vai marcando pontos. Há quanto tempo está infeliz no trabalho? Em algum estágio discutiu essa infelicidade com seu superior? Se não, por que não? Seus colegas na Newman Street foram definitivamente pouco amigáveis? Não? Poderia explicar melhor sua reclamação?

Quanto mais vezes são ditas as palavras *amigo*, *amizade*, *amigável*, mais estranhas elas soam. Pode imaginar o homem falando assim: se está procurando amigos, associe-se a um clube, vá jogar boliche, fazer voar aeromodelos, colecionar selos. Por que esperar que seu empregador, a IBM, International Business Machines, fabricante de calculadoras eletrônicas e de computadores, providencie amigos para você?

E é claro que o homem tem razão. Que direito tem ele de reclamar, acima de tudo neste país, onde todo mundo é tão *cool* com todo mundo? Não é isso que admira nos ingleses: sua contenção emocional? Não é por isso que está escrevendo, nas horas livres, uma tese sobre a obra de Ford Madox Ford, um meio-alemão celebrador do laconismo inglês?

Confuso e titubeante, explica melhor sua reclamação. A explicação é tão obscura para o homem do Pessoal quanto a reclamação em si. *Equívoco*: essa é a palavra que o homem está caçando. *Funcionário vítima de um equívoco*: essa seria a formulação apropriada. Mas não sente vontade de ajudar. Eles que encontrem seu próprio jeito de arquivá-lo.

O que o homem está particularmente empenhado em descobrir é o que ele fará em seguida. Essa conversa sobre falta de amizade será apenas um subterfúgio para mudar da IBM para um dos concorrentes da IBM no campo das máquinas para empresas? Alguém lhe fez alguma promessa, tentou persuadi-lo?

Ele não poderia ser mais honesto em suas negativas. Não tem outro emprego à espera, nem com um rival, nem com ninguém. Não foi procurado. Está saindo da IBM simplesmente para sair da IBM. Quer ficar livre, só isso.

Quanto mais fala, mais tolo parece, mais deslocado no mundo dos negócios. Mas pelo menos não diz: “Estou deixando a IBM para me tornar um poeta”. O segredo, afinal, continua dele.

Em meio a tudo isso, do nada, vem um telefonema de Caroline. Ela está de férias no litoral sul, em Bognor Regis, e meio perdida. Por que não pega um trem e passa o sábado com ela?

Ela o encontra na estação. Numa loja na Main Street, alugam bicicletas; logo estão pedalando pelas alamedas campestres vazias em

meio a campos de trigo novo. Faz um calor temporão. Ele pinga de suor. Está com as roupas erradas para a ocasião: calça de flanela cinzenta, paletó. Caroline está com uma túnica curta cor de tomate e sandálias. O cabelo loiro cintila, as pernas longas rebrilham quando ela pedala; parece uma deusa.

O que está fazendo em Bognor Regis, ele pergunta? Estou na casa de uma tia, responde ela, uma tia inglesa há muito perdida. Ele não pergunta mais nada.

Param na beira da estrada, pulam uma cerca. Caroline trouxe sanduíches; encontram um lugar à sombra de um castanheiro e fazem um piquenique. Depois, ele sente que ela não se importaria se fizesse amor com ela. Mas está nervoso, ali, ao ar livre, onde a qualquer momento um fazendeiro ou mesmo um guarda pode surgir em cima deles e exigir que expliquem o que pensam que estão fazendo.

“Pedi demissão da IBM”, diz.

“Que bom. O que vai fazer agora?”

“Não sei. Vou ficar ao léu um pouquinho, acho.”

Ela espera para ouvir mais, espera ouvir seus planos. Mas ele não tem mais nada a oferecer, nenhum plano, nenhuma ideia. Como é simplório! Por que uma garota como Caroline se dá o trabalho de mantê-lo a reboque dela, uma garota que se aclimatou na Inglaterra, que fez de sua vida um sucesso, que o passou para trás em todos os sentidos? Só lhe ocorre uma explicação: que ela ainda o vê como ele era na Cidade do Cabo, quando ainda podia se apresentar como um futuro poeta, quando ainda não tinha se transformado no que é agora, no que a IBM fez dele: um eunuco, um ocioso, um rapaz preocupado correndo para pegar o ônibus das oito e dezessete para o escritório.

Em qualquer outro lugar da Inglaterra, o funcionário que pede demissão recebe despedidas — se não um relógio de ouro, pelo menos uma reunião durante a pausa para o chá, um discurso, uma salva de palmas e bons votos, sinceros ou insinceros. Está no país há tempo suficiente para saber disso. Mas não na IBM. A IBM não é a Grã-Bretanha. A IBM é a nova onda, o novo jeito. É por isso que a IBM vai renovar tudo na oposição britânica. A oposição ainda está presa a velhos

costumes britânicos, frouxos, ineficientes. Portanto, não há despedida em seu último dia de trabalho. Ele esvazia sua mesa em silêncio, despede-se dos colegas programadores. “O que você vai fazer?”, pergunta um deles, com cautela. Evidentemente, todos ouviram a história da amizade; isso os deixa rígidos e incomodados. “Ah, vamos ver o que aparece”, ele responde.

É um sentimento interessante, acordar na manhã seguinte sem ter de ir para nenhum lugar. Um dia de sol: pega o trem para Leicester Square, faz uma excursão pelas livrarias da Charing Cross Road. Está com barba de um dia; resolveu deixar crescer a barba. Com uma barba talvez não pareça tão deslocado entre os rapazes elegantes e as garotas bonitas que saem das escolas de línguas e pegam o metrô. E que aconteça o que tiver de acontecer.

De agora em diante, decidiu, sempre vai se colocar no caminho do acaso. Os livros estão cheios de encontros casuais que levam ao romance — ao romance ou à tragédia. Está pronto para o romance, pronto até para a tragédia, pronto para qualquer coisa, de fato, contanto que seja consumido por isso e refeito. É por isso que está em Londres afinal: para se livrar do seu velho eu e se revelar em seu novo, verdadeiro, apaixonado eu; e agora não há impedimento à sua busca.

Os dias passam, e ele simplesmente vai aonde quer. Tecnicamente falando, sua posição é ilegal. Presa com um clipe em seu passaporte está a licença de trabalho que lhe permite residir na Grã-Bretanha. Agora que não tem trabalho, a licença perdeu a força. Mas é discreto, talvez eles — as autoridades, a polícia, seja quem for o responsável — não tomem conhecimento dele.

Paira no horizonte o problema do dinheiro. Suas economias não vão durar indefinidamente. Não tem nada que valha a pena vender. Prudente, para de comprar livros; anda a pé, quando o tempo está bom, em vez de tomar trens; vive à base de pão, queijo e maçãs.

O acaso não o brinda com nenhuma de suas bênçãos. Mas o acaso é imprevisível, é preciso dar tempo ao tempo. Tudo o que pode fazer é esperar em prontidão o dia em que o acaso por fim lhe sorrir.

COM LIBERDADE PARA FAZER O QUE QUISER, logo lê até o fim o extenso corpus dos escritos de Ford. Está chegando a hora em que terá de expor seu parecer. O que dirá? Na ciência é permitido relatar resultados negativos, um fracasso na confirmação de uma hipótese. E nas artes? Se não tiver nada de novo a dizer sobre Ford, a atitude correta e honrosa seria confessar que cometera um erro, renunciar à bolsa, devolver o dinheiro; ou, em lugar de uma tese, seria permitido apresentar um relatório sobre o desapontamento que foi seu tema, sobre a decepção com seu herói?

De pasta na mão, passeia pelo Museu Britânico e se junta à multidão que caminha pela Great Russell Street: milhares de almas, nenhuma delas dando a menor importância ao que ele pensa sobre Ford Madox Ford ou sobre qualquer outra coisa. Ao chegar a Londres, costumava encarar ousadamente esses transeuntes, em busca da essência única de cada um deles. *Veja, estou olhando para você!*, era o que estava dizendo. Mas olhares ousados não o levaram a lugar algum numa cidade em que, logo descobriu, nem homens nem mulheres enfrentavam seu olhar, ao contrário, o evitavam friamente.

Cada recusa ao seu olhar parecia uma pequena facada. Insistentemente era notado, considerado inadequado, descartado. Logo começou a perder a coragem, a recuar antes mesmo da recusa. Com mulheres achava mais fácil olhar de maneira disfarçada, de relance. Aparentemente, era assim que se olhava em Londres. Mas no olhar de relance havia — não conseguia livrar-se da sensação — algo dissimulado, desonesto. Preferível não olhar de uma vez. Preferível não ter curiosidade pelos vizinhos, ser indiferente.

No período em que está aqui mudou bastante: não tem certeza se para melhor. Durante o inverno que acabou de passar, houve momentos em que pensou que ia morrer de frio, de depressão e de isolamento. Mas

resistiu, de algum jeito. Ao chegar o inverno seguinte, a depressão e o frio terão menos força sobre ele. Estará para se transformar num londrino de verdade, duro como pedra. Transformar-se em pedra não era um de seus objetivos, mas talvez seja o que terá de aceitar.

No fim das contas, Londres está se mostrando uma grande disciplinadora. Suas ambições já são mais modestas do que eram antes, muito mais modestas. De início, decepcionou-se com os londrinos, com a pobreza de suas ambições. Agora está a caminho de juntar-se a eles. Cada dia na cidade o castiga, o disciplina; como um cachorro batido, está aprendendo.

Sem saber o que quer dizer sobre Ford, se é que quer dizer alguma coisa, fica na cama até mais tarde a cada manhã. Quando finalmente senta à mesa, não é capaz de se concentrar. O verão contribui para a confusão. A Londres que conhece é uma cidade do inverno onde a pessoa se arrasta pelo dia sem nada a esperar a não ser a noite, a hora de deitar, o esquecimento. Nesses dias adoráveis de verão, que parecem feitos para o ócio e o prazer, a provação continua: não tem mais certeza é de que parte está sendo testada. Às vezes, parece que está sendo testado simplesmente para ser testado, para ver se consegue suportar o teste.

Não se arrepende de ter pedido demissão da IBM. Mas agora não tem absolutamente ninguém com quem falar, nem mesmo Bill Briggs. Passa dias e dias sem que nem sequer uma palavra lhe saia da boca. Começa a marcar os dias com um s em sua agenda: dia de silêncio.

Diante da estação de metrô, dá um encontrão, sem querer, num velhinho que vende jornais. “Desculpe!”, diz. “Olhe por onde anda!”, rosna o homem. “Desculpe!”, repete.

Desculpe: a palavra parece sair pesada de sua boca, como uma pedra. Será que uma única palavra de categoria indeterminada conta como conversa? O que aconteceu entre ele e o velho terá sido um exemplo de contato humano, ou seria mais bem descrito como mera interação social, como o toque de antenas entre formigas? Para o velho certamente não foi nada. O dia inteiro o velho parado ali com sua pilha de jornais, resmungando, zangado consigo mesmo; está sempre esperando uma chance de ser desrespeitado por algum transeunte. Enquanto no caso dele a lembrança daquela simples palavra persistirá

por semanas, talvez para o resto da vida. Dar um encontrão nas pessoas, dizer “Desculpe!”, ser desrespeitado: um ardil, um jeito barato de forçar a conversa. Como enganar a solidão.

Está no vale da provação e não está se saindo bem. Mas não pode ser o único que está sendo testado. Deve haver gente que atravessou o vale e saiu do outro lado; deve haver gente que escapou inteiramente do teste. Ele também podia evitar o teste, se preferisse. Podia fugir correndo para a Cidade do Cabo, por exemplo, e nunca mais voltar. Mas é isso que quer fazer? Por certo não, não ainda.

E se ficar, porém, e fracassar no teste, fracassar desgraçadamente? E se, sozinho em seu quarto, começar a chorar e não conseguir parar? E se uma manhã descobrir que lhe falta coragem para se levantar, que acha mais fácil passar o dia na cama — esse dia e o próximo, e o próximo, em lençóis que ficam cada vez mais encardidos? O que acontece com gente assim, com gente que não consegue enfrentar o teste e surta?

Ele sabe a resposta. Essas pessoas são mandadas para algum lugar onde cuidem delas — algum hospital, asilo, instituição. Em seu caso, seria simplesmente mandado de volta para a África do Sul. Os ingleses já têm gente suficiente para cuidar, gente suficiente que não passa no teste. Por que haveriam de cuidar também de estrangeiros?

Fica parado diante de uma porta na Greek Street, Soho. *Jackie* — *Modelo*, diz a placa acima da campainha. Precisa de relação humana; o que pode ser mais humano que uma relação sexual? Artistas sempre frequentaram prostitutas, desde tempos imemoriais, e não há nada de errado nisso, ele sabe por suas leituras. Na verdade, artistas e prostitutas estão do mesmo lado da linha da batalha social. Mas *Jackie* — *Modelo*: uma modelo neste país é sempre uma prostituta, ou existem gradações no negócio de se vender, gradações sobre as quais ninguém lhe falou? Será que *modelo* na Greek Street significa alguma coisa muito especializada, para gostos especializados: uma mulher posando nua debaixo de uma luz, por exemplo, enquanto homens de capa de chuva ficam em torno, no escuro, olhando para ela de relance, de soslaio? Depois que tocar a campainha, haverá um jeito de perguntar, de descobrir, o que é o quê, antes de ser completamente sugado? E se a própria Jackie for velha, ou gorda, ou feia? E quanto à etiqueta? É assim

que se visita alguém como Jackie — sem se anunciar — ou o esperado é que se telefone antes e se marque uma hora? Quanto se paga? Existe uma tabela que todo homem em Londres conhece, todo homem menos ele? E se for imediatamente identificado como um caipira, um otário, e explorado?

Hesita, recua.

Na rua, passa um homem de terno escuro que parece reconhecê-lo, parece prestes a parar e falar. É um dos programadores seniores dos dias de IBM, alguém com quem não teve muito contato mas sempre considerou bem-disposto para com ele. O homem hesita, depois, com um aceno de cabeça tímido, passa depressa.

“Então é isso que está fazendo agora, levando uma vida de prazer?” — isso é o que o homem diria, sorrindo, gentil. O que ele poderia responder? Que não podemos estar sempre trabalhando, que a vida é curta, que temos de experimentar seus prazeres enquanto podemos? Que piada, e que escândalo também! Que a vida dura, trabalhosa de seus ancestrais, suando com suas roupas escuras no calor e na poeira do Karoo, termine assim: num jovem saracoteando por uma cidade estrangeira, desperdiçando suas economias na libertinagem, fingindo ser artista! Como pode traí-los tão descuidadamente e depois querer escapar de seus fantasmas vingadores? Não estava na natureza desses homens e mulheres alegrar-se e ter prazer, e não está na dele. É filho deles, predestinado desde o nascimento a ser melancólico e a sofrer. Como pode a poesia surgir, senão do sofrimento, como sangue a jorrar de uma pedra?

A África do Sul é uma ferida dentro dele. Quanto tempo mais até a ferida parar de sangrar? Quanto tempo mais terá de ranger os dentes e suportar antes de poder dizer: “Houve tempo em que eu vivia na África do Sul, agora vivo na Inglaterra”?

De vez em quando, por um instante, é-lhe dado ver a si mesmo de fora: um menino-homem sussurrante, preocupado, tão sem graça e comum que ninguém desperdiça com ele um segundo olhar. Esses flashes de iluminação o perturbam; em vez de levá-los em conta, tenta enterrá-los na escuridão, esquecê-los. O eu que vê nesses momentos é apenas o que ele parece ser, ou o que ele é realmente? E se Oscar Wilde estiver certo e não houver verdade mais profunda do que a aparência? É

possível ser sem graça e comum não apenas na superfície, mas no mais fundo do mais fundo, e assim mesmo ser artista? Será que T.S. Eliot, por exemplo, podia ser secretamente comum no fundo, e será que a afirmação de Eliot de que a personalidade do artista é irrelevante para a sua obra podia ser apenas um estratagema para esconder a própria falta de graça?

Talvez; mas não acredita nisso. Se tiver de escolher entre acreditar em Wilde e acreditar em Eliot, vai sempre acreditar em Eliot. Se Eliot escolhe parecer comum, escolhe usar um terno e trabalhar num banco e chamar a si mesmo de J. Alfred Prufrock, isso deve ser como um disfarce, como uma peça da manha necessária ao artista da idade moderna.

Às vezes, como um alívio para a caminhada nas ruas da cidade, retira-se para Hampstead Heath. Lá, o ar é suave e quente, os caminhos são cheios de jovens mães empurrando carrinhos ou conversando umas com as outras enquanto os filhos correm. Tanta paz e contentamento! Costumava não ter paciência com poemas sobre flores desabrochando e leves aragens soprando. Agora, na terra onde esses poemas eram escritos, começa a entender como a alegria pode ser profunda com a volta do sol.

Cansado, numa tarde de domingo, dobra o paletó como um travesseiro, estica-se no gramado e cai num sono, ou meio-sono, em que a consciência não desaparece, mas continua a pairar. É um estado que jamais experimentou: parece sentir no sangue o giro constante da Terra. Os gritos distantes das crianças, os pássaros cantando, o zunir dos insetos, ganham força e se fundem numa ode de alegria. Seu coração incha. *Finalmente!*, pensa. Finalmente ele chegou, o momento de união extática com o Todo! Temendo que o momento se esvaia, tenta deter o estrépito de pensamento, tenta simplesmente ser um conduto para a grande força universal que não tem nome.

Em tempo de relógio, esse sinal dura não mais que segundos. Mas, quando se levanta e sacode o paletó, está recuperado, renovado. Viajou pela grande cidade escura para ser testado e transformado, e aqui, neste retalho de verde sob o suave sol de primavera, surpreendentemente, chegou uma notícia de seu progresso. Se não foi absolutamente

transfigurado, foi ao menos abençoado com um indício de que pertence a esta Terra.

TEM DE ENCONTRAR MANEIRAS DE ECONOMIZAR. A moradia é sua única despesa maior. Anuncia na seção de classificados do jornal local de Hampstead: “Cuidar de apartamento com acomodação, homem, profissional, responsável, período breve ou longo disponível”. Para as duas pessoas que respondem ao anúncio, dá a IBM como endereço de trabalho e espera que não vão conferir. A impressão que tenta criar é de rígida respeitabilidade. A máscara funciona a ponto de ser contratado para cuidar de um apartamento em Swiss Cottage durante o mês de junho.

A surpresa é que não ficará sozinho no apartamento. O imóvel pertence a uma mulher divorciada com uma filha pequena. Enquanto ela está fora, na Grécia, a menina e a babá estarão sob seus cuidados. Os deveres são simples: cuidar da correspondência, pagar as contas, estar disponível em caso de emergências. Terá um quarto próprio e acesso à cozinha.

Em cena há também um ex-marido. O ex-marido deve aparecer aos domingos para levar a filha para passear. Como revela sua empregadora ou patroa, ele é “um tanto esquentado”, e não se deve permitir “que faça nada”. O que exatamente o marido haveria de querer fazer?, pergunta. Ficar com a filha para passar a noite, ela diz. Revistar o apartamento. Pegar coisas. Em hipótese alguma, seja qual for a história que inventar — ela lhe dirige um olhar significativo —, não deve permitir que leve coisa nenhuma.

Então ele começa a entender por que é necessário. A babá, que é de Malauí, não muito longe da África do Sul, é perfeitamente capaz de limpar o apartamento, fazer as compras, alimentar a menina, levá-la e buscá-la a pé no jardim de infância. Talvez seja capaz também de pagar as contas. Do que não é capaz é de enfrentar o homem que até recentemente era seu patrão e a quem ainda se refere como *o patrão*. O

trabalho em que se engajou é, na verdade, de guarda, guarda do apartamento e de seu conteúdo contra o homem que até recentemente morava aqui.

No primeiro dia de junho, chama um táxi e se muda, com seu baú e sua mala, dos arredores desbotados da Archway Road para a discreta elegância de Hampstead.

O apartamento é amplo e arejado; o sol entra em jorros pelas janelas; há tapetes brancos macios, estantes cheias de livros de aparência promissora. Muito diferente do que tem visto até agora em Londres. Não acredita na sorte que teve.

Enquanto ele desfaz as malas, a menina, seu novo encargo, fica parada na porta do quarto observando cada movimento dele. Nunca antes teve de cuidar de uma criança. Como, em certo sentido, é jovem, terá um vínculo natural com crianças? Devagar, suavemente, com seu sorriso mais simpático, fecha a porta. Depois de um momento, ela abre a porta de novo e continua a inspecioná-lo com gravidade. *Minha casa*, parece dizer. *O que você está fazendo na minha casa?*

O nome da menina é Fiona. Ela tem cinco anos de idade. Mais tarde, nesse mesmo dia, faz um esforço para se aproximar dela. Na sala, onde ela está brincando, ajoelha-se e acaricia um gato, um imenso e preguiçoso macho castrado. O gato tolera seus carinhos, como parece tolerar todas as atenções.

“O gatinho quer leite?”, pergunta. “Vamos dar leite para o gatinho?”

A menina não se mexe, parece não ouvir o que ele diz.

Ele vai à geladeira, põe leite na tigela do gato, traz a tigela e coloca na frente do gato. O gato cheira o leite frio, mas não bebe.

A menina está enrolando um cordão em suas bonecas, enfiando todas numa sacola de lavanderia e tirando de novo. Se é uma brincadeira, é uma brincadeira cujo sentido ele não entende.

“Como se chamam suas bonecas?”, pergunta.

Ela não responde.

“Como é o nome da bruxinha? É Bru?”

“Não é uma bruxinha”, a menina diz.

Ele desiste. “Agora tenho de trabalhar”, diz, e se retira.

Foi instruído a chamar a babá de Theodora. Theodora ainda tem de revelar o nome que usará para ele: certamente não *o patrão*. Ela ocupa um quarto no final do corredor, ao lado do quarto da menina. Ficou entendido que esses dois quartos e a lavanderia são seu território. A sala é território neutro.

Theodora tem, ele calcula, seus quarenta anos. Está a serviço dos Merrington desde a última estada deles em Malauí. O ex-marido esquentado é antropólogo; os Merrington estiveram na terra de Theodora numa expedição, registrando música tribal e coletando instrumentos. Theodora logo se tornou, nas palavras de mrs. Merrington, “não só uma ajudante na casa, mas uma amiga”. Foi trazida a Londres por causa do forte laço que estabeleceu com a criança. Todo mês, ela envia para casa seu salário, que mantém seus próprios filhos alimentados, vestidos e na escola.

E agora, de repente, um estranho com metade da idade desse tesouro foi encarregado do território dela. Por seu comportamento, por seus silêncios, Theodora dá a entender que se ressentida de sua presença.

Não a culpa por isso. A questão é a seguinte: existe alguma coisa mais que orgulho ferido por trás desse ressentimento? Ela deve saber que não é inglês. Não gosta da pessoa dele como sul-africano, como branco, como africâner? Deve saber como são os africâneres. Há africâneres — homens barrigudos, de nariz vermelho, que usam bermuda e chapéu, mulheres gorduchas com vestidos sem forma — por toda a África, na Rodésia, em Angola, no Quênia, decerto em Malauí. Dá para fazer alguma coisa para ela entender que não é um deles, que deixou a África do Sul, que está decidido a deixar a África do Sul para trás para sempre? *A África pertence a você, é sua, para fazer o que quiser*: se lhe dissesse isso, assim, do nada, ali na mesa da cozinha, será que ela mudaria de ideia a seu respeito?

A África é sua. O que lhe parecia perfeitamente natural enquanto ainda chamava o continente de sua terra, parece mais e mais ridículo da perspectiva da Europa: que um punhado de holandeses tenham atracado na praia de Woodstock e se declarado proprietários de uma terra estrangeira na qual nunca haviam posto os olhos antes; que seus descendentes hoje considerem essa terra como sua por direito de

nascimento. Duplamente absurdo, uma vez que o primeiro grupo a desembarcar entendera errado as ordens, ou escolhera entender errado essas ordens. As ordens eram para fazer uma horta e cultivar espinafre e cebola para a frota das Índias Orientais. Dois acres, três acres, cinco acres, no máximo: só isso era preciso. Nunca houve intenção de roubar a melhor parte da África. Se tivessem apenas obedecido às ordens, ele não estaria aqui, nem Theodora. Theodora estaria alegremente pilando painço sob os céus de Malauí, e ele estaria — onde? Estaria sentado a uma mesa num escritório na chuvosa Rotterdam, somando números num caderno.

Theodora é uma mulher gorda, gorda em todos os detalhes, da cara bochechuda aos tornozelos inchados. Andando, oscila de um lado para outro, fungando com o esforço. Em casa, usa chinelos; quando leva a menina para a escola toda manhã, aperta os pés dentro do tênis, veste um casaco preto comprido e põe um gorro de tricô. Trabalha seis dias por semana. Aos domingos, vai à igreja, mas passa o resto do dia de descanso em casa. Nunca usa o telefone; parece não ter um círculo social. O que faz quando está sozinha, ele não consegue adivinhar. Não se aventura a entrar no quarto dela ou no da menina, mesmo quando elas não estão no apartamento: espera que em troca não venham remexer no seu quarto.

Entre os livros dos Merrington há um in-fólio de imagens pornográficas da China imperial. Homens com chapéus de formas esquisitas abrem a roupa e apontam pênis grosseiramente distendidos para a genitália de minúsculas mulheres que com toda a boa vontade abrem e levantam as pernas. As mulheres são pálidas e macias, como larvas; as perninhas fracas parecem apenas coladas ao abdome. As chinesas serão ainda assim, imagina, quando tiram a roupa, ou será que a reeducação e o trabalho nos campos lhes deram corpos adequados, pernas adequadas? Que chance existe de um dia ele descobrir isso?

Como conseguiu moradia grátis fingindo ser um profissional confiável, precisa sustentar a mentira de que tem um emprego. Levanta-se cedo, mais cedo que de costume, para tomar o café da manhã antes que Theodora e a menina comecem a se movimentar. Em seguida se fecha em seu quarto. Quando Theodora volta, depois de levar a menina à escola, sai do apartamento, ostensivamente para ir trabalhar. De início,

até veste o terno preto, mas logo relaxa essa parte do engano. Volta para casa às cinco horas, às vezes às quatro.

É uma sorte ser verão, não estar restrito ao Museu Britânico, às livrarias e cinemas, mas poder passear pelos parques públicos. Devia ser mais ou menos assim que seu pai vivia nos longos períodos em que ficava sem trabalho: vagando pela cidade com a roupa de escritório ou sentado em bares olhando os ponteiros do relógio, esperando uma hora decente para voltar para casa. Será que vai acabar se revelando filho do pai? Até onde vai, dentro dele, esse traço de fraqueza? Acabará se revelando um bêbado também? É preciso um determinado temperamento para virar bêbado?

A bebida de seu pai era o conhaque. Experimentou conhaque uma vez, mas não se lembra de nada além de um gosto metálico, desagradável. Na Inglaterra, as pessoas bebem cerveja, de que ele não gosta por ser amarga. Já que não gosta de bebida, estará livre, vacinado contra o destino de bêbado? Haverá outras maneiras, ainda insuspeitadas, do pai se manifestar em sua vida?

O ex-marido não demora muito a aparecer. É domingo de manhã, ele cochila na cama grande, confortável, quando de repente se ouve a campainha e o raspar da chave. Salta da cama, xingando a si mesmo. “Olá, Fiona, Theodora!”, soa uma voz. Ouvem-se ruídos, pés correndo. Depois, sem nem um toque, a porta do quarto se abre, e os dois estão a examiná-lo, o homem com a menina no colo. Ele mal conseguiu vestir a calça. “Ora, ora!”, diz o homem, “o que temos aqui?”

É uma daquelas expressões que os ingleses usam — um policial inglês, por exemplo, ao pegar alguém num ato culposo. Fiona, que podia explicar o que temos aqui, escolhe não falar nada. Em vez disso, pendurada nos braços do pai, olha para ele com indisfarçada frieza. É filha do pai: os mesmos olhos frios, a mesma frente.

“Estou cuidando do apartamento na ausência de mrs. Merrington”, ele diz.

“Ah, sei”, diz o homem, “o sul-africano. Tinha esquecido. Deixe me apresentar. Richard Merrington. Eu era o senhor do castelo por aqui. O que está achando de tudo? Acostumando bem?”

“Estou, sim, estou bem.”

“Ótimo.”

Theodora aparece com o casaco e as botas da menina. O homem deixa a filha escorregar de seus braços. “E faça xixi também”, diz a ela, “antes da gente ir para o carro.”

Theodora e a menina saem. Os dois ficam sozinhos, ele e esse homem bonito, bem-vestido, em cuja cama estava dormindo.

“E quanto tempo planeja ficar?”, pergunta o homem.

“Só até o fim do mês.”

“Não, quero dizer quanto tempo neste país.”

“Ah, definitivamente. Eu deixei a África do Sul.”

“As coisas estão muito ruins lá, não é?”

“Estão, sim.”

“Até para brancos?”

Como alguém responde uma pergunta dessas? *Se você não quer morrer de vergonha? Se você quer escapar do cataclismo que está por vir?* Por que palavras grandes soam tão deslocadas neste país?

“É”, diz ele. “Pelo menos, eu acho que sim.”

“Isso me faz lembrar”, diz o homem. Atravessa a sala até a estante de discos, mexe neles, retira um, dois, três.

Foi exatamente disso que ele foi alertado, é exatamente o que não deve permitir que aconteça. “Desculpe”, diz, “mrs. Merrington me pediu especificamente...”

O homem endireita toda a sua altura e o encara. “Diana pediu especificamente o quê?”

“Que eu não deixasse sair nada do apartamento.”

“Bobagem. Estes discos são meus, ela não precisa deles.” Friamente, retoma a busca, retirando mais alguns discos. “Se não acredita, telefone para ela.”

A criança entrou pisando forte no quarto, com botas pesadas. “Pronta para ir, está, minha querida?”, diz o homem. “Até logo. Espero que corra tudo bem. Até logo, Theodora. Não se preocupe, voltamos antes da hora do banho.” E, levando a filha e os discos, ele vai embora.

CHEGA UMA CARTA DA MÃE. Seu irmão comprou um carro, escreve ela, um MG todo batido. Em vez de estudar, seu irmão agora passa o tempo todo arrumando o carro, tentando fazê-lo andar de novo. Tem novos amigos também, que não apresenta a ela. Um deles parece chinês. Ficam todos sentados na garagem, fumando. Ela desconfia que os amigos trazem bebida. Está preocupada. Ele está no caminho errado; como ela pode salvá-lo?

De sua parte, ele fica intrigado. Então seu irmão está finalmente começando a se libertar dos braços da mãe. Mas que estranho caminho escolheu: mecânica de automóveis! Será que o irmão realmente sabe consertar um carro? Onde aprendeu? Sempre se achou, dos dois, o melhor com as mãos, o mais dotado de senso mecânico. Estaria errado sobre isso o tempo todo? O que mais seu irmão tem escondido na manga?

Há mais notícias na carta. Sua prima Ilse e uma amiga chegarão brevemente à Inglaterra, a caminho de um acampamento de férias na Suíça. Será que poderia mostrar-lhes um pouco de Londres? Ela fornece o endereço da hospedaria em Earls Court onde vão ficar.

Espanta-se de que, mesmo depois de tudo o que disse à mãe, ela ainda ache que ele quer ter contato com sul-africanos, e com a família de seu pai em particular. Não põe os olhos em Ilse desde que eram crianças. O que pode ter em comum com ela, uma garota que foi à escola no fim do mundo e não consegue pensar em nada melhor para fazer numa viagem de férias à Europa — férias sem dúvida pagas pelos pais — do que andar a pé pela *gemütliche* [aconchegante] Suíça, país que em toda a sua história não deu origem a nenhum grande artista.

Porém, agora que seu nome foi mencionado, não consegue tirar Ilse da cabeça. Lembra-se dela como uma menina comprida, rápida na corrida, com os longos cabelos loiros presos num rabo de cavalo. Agora

deve estar com pelo menos dezoito anos. Em que será que se transformou? E se toda aquela vida ao ar livre fez dela, mesmo que por um brevíssimo momento, uma beldade? Porque já viu esse fenômeno muitas vezes entre crianças de fazenda: uma primavera de perfeição física antes de a grosseria e a aspereza começarem a transformá-las em cópias dos pais. Deveria renunciar à chance de andar pelas ruas de Londres com uma alta caçadora ariana a seu lado?

Em sua fantasia, ele reconhece uma picada erótica. O que existe em suas primas, na mera ideia delas, que desperta seu desejo? Será simplesmente o fato de serem proibidas? É assim que opera o tabu: criando o desejo por meio da proibição? Ou a gênese de seu desejo é menos abstrata: lembranças de lutas, menina contra menino, corpo a corpo, guardadas desde a infância e liberadas agora numa onda de sensação sexual? Isso, talvez, e a promessa de facilidade, de tranquilidade: duas pessoas com uma história em comum, um país, uma família, uma intimidade consanguínea anterior à primeira palavra. Não são necessárias apresentações nem atrapalhões.

Deixa um recado no endereço de Earls Court. Uns dias depois, um telefonema: não de Ilse, mas da amiga, da acompanhante, falando mal o inglês, errando nos *is* e *are*. Tem más notícias: Ilse está doente, com gripe que virou pneumonia. Está numa clínica de Bayswater. Os planos de viagem estão suspensos até ela melhorar.

Vai visitar Ilse na clínica. Todas as esperanças caem por terra. Ela não é bonita, nem alta, apenas uma garota comum de cara redonda com cabelo de rato, que chia quando fala. Não a beija ao cumprimentar, temendo a contaminação.

A amiga também está no quarto. O nome dela é Marianne; é pequena e gordinha; usa calça de veludo cotelê, botas, e exsuda boa saúde. Por um momento falam inglês, por fim ele cede e muda para a língua da família, para africâner. Embora não fale africâner há anos, sente-se imediatamente relaxado, como se escorregasse para dentro de um banho quente.

Esperava poder mostrar seu conhecimento de Londres. Mas a Londres que Ilse e Marianne querem ver não é a Londres que ele conhece. Não sabe dizer nada sobre o Madame Tussaud, a Torre, St.

Paul, não visitou nada disso. Não faz ideia de como chegar a Stratford-on-Avon. O que consegue informar a elas — quais os cinemas que passam filmes estrangeiros, quais as melhores livrarias para quê —, elas não têm interesse em saber.

Ilse está tomando antibiótico; precisará de dias para voltar ao normal. Enquanto isso, Marianne está perdida. Ele sugere um passeio pela margem do Tâmis. De botas de esqui, com seu cabelo de corte prático, Marianne de Ficksburg fica deslocada entre as modernas garotas de Londres, mas não parece se importar. Tampouco se importa que as pessoas a ouçam falando africâner. Quanto a ele, preferiria que ela baixasse a voz. Falar africâner neste país, gostaria de lhe dizer, é como falar nazista, se existisse essa língua.

Errou na idade delas. Não são nada crianças: Ilse tem vinte anos, Marianne, vinte e um. Estão no último ano da Universidade do Estado Livre de Orange, ambas estudam serviço social. Ele não expressa opinião, mas na sua cabeça serviço social — ajudar velhinhas com as compras — não é matéria que uma universidade de verdade devesse ensinar.

Marianne nunca ouviu falar de programação de computador e não tem curiosidade a respeito. Mas pergunta quando voltará, como diz ela, para casa, *tuis*.

Ele não sabe, responde. Talvez nunca. Não está preocupada com o rumo que a África do Sul está tomando?

Ela faz um movimento de cabeça. A África do Sul não está tão mal quanto pintam os jornais ingleses, diz. Negros e brancos se dariam bem se ninguém interferisse. De qualquer forma, não está interessada em política.

Convida-a para ver um filme no Everyman. É o *Bande à part* [Uma gangue diferente], de Godard, que ele já viu mas poderia ver muitas vezes mais, uma vez que é com Anna Karina, por quem está muito apaixonado agora, como estava por Monica Vitti um ano antes. Como não é um filme difícil, pelo menos não obviamente difícil, apenas uma história sobre uma gangue de criminosos incompetentes, amadores, não vê razão para que Marianne não goste.

Marianne não é de reclamar, mas durante todo o filme pode perceber que ela está agitada a seu lado. Quando dá uma olhada, ela está mexendo nas unhas, sem olhar para a tela. Gostou?, pergunta depois. Não consegui entender sobre o que era o filme, ela responde. Acontece que ela nunca tinha visto um filme com legendas.

Leva-a de volta para o apartamento dele, ou para o apartamento que é dele por enquanto, para tomar um café. São quase onze horas; Theodora já foi para a cama. Sentam-se de pernas cruzadas no grosso tapete da sala, com a porta fechada, falando baixinho. Ela não é prima dele, mas amiga da prima, está longe de casa, e um ar de ilegitimidade paira, excitante, em torno dela. Dá-lhe um beijo; ela parece não se importar de ser beijada. Face a face se estendem no tapete; ele começa a desabotoar, desamarrar, abrir o zíper dela. O último trem para o sul é às onze e meia. Ela com certeza vai perdê-lo.

Marianne é virgem. Descobre isso quando por fim a tem nua na grande cama de casal. Nunca foi para a cama com uma virgem antes, nunca sequer pensou na virgindade como um estado físico. Agora aprende a lição. Marianne sangra quando fazem amor e continua sangrando depois. Com risco de acordar a empregada, ela tem de ir ao banheiro se lavar. Enquanto está lá, ele acende a luz. Há sangue nos lençóis, sangue por todo o seu corpo. Os dois estavam — vem-lhe a visão desagradável — chafurdando em sangue, como porcos.

Ela volta com uma toalha de banho enrolada no corpo. “Tenho de ir embora”, diz. “O último trem já partiu”, ele responde. “Por que não passa a noite aqui?”

O sangramento não para. Marianne dorme com a toalha, que vai ficando cada vez mais molhada, enfiada entre as pernas. Ele fica acordado ao lado dela, aflito. Deveria chamar uma ambulância? Pode fazer isso sem acordar Theodora? Marianne não parece estar preocupada, mas pode estar só fingindo, por causa dele? E se for inocente demais ou confiante demais para avaliar o que está acontecendo?

Ele está convencido de que não vai dormir, mas dorme. É despertado por vozes e pelo som de água correndo. São cinco horas; os pássaros já cantam nas árvores. Tonto, ele se levanta e escuta na porta: a voz de

Theodora, depois a de Marianne. O que dizem, não consegue ouvir, mas não devem estar falando bem dele.

Retira a roupa de cama. O sangue empapou até o colchão, deixando uma mancha enorme, irregular. Cheio de culpa, de raiva, vira o colchão. É só uma questão de tempo até descobrirem a mancha. Já terá ido embora então, terá de garantir isso.

Marianne volta do banheiro usando um robe que não é dela. Fica chocada com seu silêncio, com seu mau humor. “Você não me disse nada”, diz. “Por que eu não falaria com ela? É uma senhora muito boa. Uma boa *aia*.”

Ele pede um táxi por telefone, depois fica propositadamente esperando na porta enquanto ela se veste. Quando o táxi chega, ele recusa o abraço dela, põe uma nota de uma libra em sua mão. Ela olha para ele, perplexa. “Tenho dinheiro”, diz. Ele dá de ombros, abre-lhe a porta do táxi.

Durante os dias restantes de sua permanência, evita Theodora. Sai cedo de manhã, volta tarde. Se há recados para ele, prefere ignorar. Quando foi para o apartamento, assumiu a responsabilidade de guardá-lo e *estar disponível*. Falhou em sua empresa uma vez, e está falhando de novo, mas não se importa. O sexo perturbador, as mulheres sussurrantes, os lençóis ensanguentados, o colchão manchado: gostaria de deixar toda essa história vergonhosa para trás, virar essa página.

Abafando a voz, telefona para a hospedaria em Earls Court e pede para falar com a prima. Ela foi embora, dizem, ela e a amiga. Desliga o telefone e relaxa. Estão seguramente longe, não terá de encará-las de novo.

Resta a questão do que fazer com o episódio, como encaixá-lo na história de vida que conta a si mesmo. Comportou-se de maneira desonrosa, não há dúvida quanto a isso, se comportou como um calhorda. A palavra pode parecer antiquada, mas é exata. Merece que o esbofeteiem, que cusпам nele. Na ausência de alguém para lhe aplicar os bofetões, não tem a menor dúvida de que vai atormentar a si mesmo. *Agonybite of inwit* [Remorsos de consciência]. Que esse então seja seu contrato com os deuses: ele mesmo se castigará e em troca esperará que a história de seu comportamento calhorda não venha à tona.

Mas que importa se a história vier à tona? Ele pertence a dois mundos hermeticamente fechados um para o outro. No mundo da África do Sul, não é mais que um fantasma, uma espiral de fumaça depressa se esfumando, logo terá desaparecido para sempre. Quanto a Londres, é praticamente desconhecido aqui. Já começou a procurar novas acomodações. Quando encontrar um quarto, interromperá o contato com Theodora e com a família Merrington e desaparecerá no mar do anonimato.

Há mais coisas na história infeliz, porém, do que a mera vergonha. Veio a Londres para fazer o que é impossível na África do Sul: explorar as profundezas. Sem descer ao fundo, ninguém pode ser artista. Mas o que exatamente é esse fundo? Achava que caminhar pelas ruas geladas, o coração amortecido de solidão, era estar no fundo. Mas talvez o verdadeiro fundo seja diferente e venha de forma inesperada: numa chama de perversidade contra uma garota nas primeiras horas da manhã, por exemplo. Talvez a profundidade onde quer mergulhar tenha estado dentro dele o tempo todo, encerrada em seu peito: a profundidade da frieza, da insensibilidade, da calhordice. Dar rédea solta a seus pendores, a seus vícios, e depois atormentar a si mesmo, como faz agora, ajuda a qualificá-lo para ser um artista? Não consegue, neste momento, ver como.

Pelo menos o episódio está encerrado, definitivamente encerrado, legado ao passado, selado na memória. Mas isso não é verdade, não inteiramente. Chega uma carta com carimbo de Lucerna. Sem pensar duas vezes, abre e começa a ler. Está escrita em africâner. “Caro John, achei que devia informar você que estou bem. Marianne também está bem. De início, ela não entendeu por que você não telefonou, mas depois de algum tempo se animou, e estamos nos divertindo. Ela não quer escrever, mas achei que eu devia escrever mesmo assim, para dizer que espero que você não trate todas as garotas assim, nem em Londres. Marianne é uma pessoa especial, não merece esse tipo de tratamento. Devia pensar duas vezes sobre a vida que está levando. Sua prima, Ilse.”

Nem em Londres. O que ela quer dizer? Que mesmo pelos padrões de Londres ele se comportou muito mal? O que Ilse e sua amiga, recém-saídas do Estado Livre de Orange, sabem sobre Londres e seus padrões?

Londres piora, ele quer dizer. *Se você ficasse um pouco, em vez de fugir para os cincerros e as campinas, descobriria isso sozinha*. Mas não acredita de fato que a culpa seja de Londres. Leu Henry James. Sabe como é fácil ser mau, como basta relaxar para a maldade vir à tona.

Os momentos mais ferinos da carta estão no começo e no fim. *Caro John* não é jeito de se dirigir a um membro da família, é o jeito de se dirigir a um estranho. E *Sua prima, Ilse*: quem haveria de pensar que uma garota do campo fosse capaz de um tal ímpeto narrativo?

Durante dias e semanas, mesmo depois de ter amassado e jogado fora a carta da prima, continua assombrado por ela — não pelas palavras reais da página, que logo conseguiu apagar da cabeça, mas pela lembrança do momento em que, apesar de ter notado o selo suíço e a caligrafia arredondada e infantil, abriu o envelope e leu. Que tolo! O que estava esperando: loas de agradecimento?

Não gosta de más notícias. Acima de tudo não gosta de más notícias a respeito de si mesmo. *Já sou bastante duro comigo mesmo*, diz consigo; *não preciso da ajuda de ninguém*. É um sofisma a que recorre uma vez ou outra para fechar os ouvidos às críticas: aprendeu seu uso quando Jacqueline, da perspectiva de uma mulher de trinta anos, lhe deu sua opinião sobre ele como amante. Agora, assim que um relacionamento começa a ficar sem gás, ele se retira. Abomina cenas, explosões de raiva, verdades íntimas (“Quer saber a verdade sobre você?”), e faz tudo o que pode para escapar disso. O que é a verdade afinal? Se ele é um mistério para si mesmo, como pode ser algo diferente de um mistério para os outros? Está pronto a oferecer um pacto às mulheres de sua vida: se o tratarem como um mistério, ele as tratará como um livro fechado. Nessa base, e só nessa base, é possível negociar.

Não é tolo. Como amante, sua folha não é nada notável, e ele sabe disso. Nunca provocou no coração de uma mulher o que se chamaria de grande paixão. Na verdade, olhando para trás, não se lembra de ser objeto de uma paixão, de uma paixão verdadeira, de nenhum grau. Isso deve revelar algo a seu respeito. Quanto ao sexo em si, estritamente falando, o que ele provê, desconfia, é bastante escasso; e o que recebe de volta é escasso também. Se alguém tem a culpa, é ele mesmo. Pois, na

medida em que lhe falta ânimo, em que se preserva, por que a mulher não haveria de se preservar também?

Sexo é a medida de todas as coisas? Se fracassa no sexo, fracassa em todo o teste da vida? As coisas seriam mais fáceis se isso não fosse verdade. Mas, quando olha em torno, não vê ninguém que não se apavore com o sexo, a não ser, talvez, alguns dinossauros, remanescentes da era vitoriana. Mesmo Henry James, na superfície tão respeitável, tão vitoriano, tem páginas em que sombriamente insinua que tudo, afinal, é sexo.

De todos os escritores que acompanha, Pound é aquele em quem mais confia. Em Pound a paixão é plena — a dor da falta, o fogo da consumação —, mas é paixão imperturbada, sem um lado escuro. Qual é a chave para a equanimidade de Pound? Será que, como devoto dos deuses gregos em vez do deus judeu, ele é imune à culpa? Ou estará Pound tão embebido na grande poesia que seu físico está em harmonia com as emoções, uma qualidade que se comunica de imediato às mulheres e abre o coração delas para ele? Ou, ao contrário, o segredo de Pound é simplesmente uma certa vivacidade no conduzir a vida, uma vivacidade atribuível a uma criação americana, mais que aos deuses ou à poesia, bem recebida pelas mulheres como sinal de que o homem sabe o que quer e de modo firme, mas carinhoso, se encarregará de saber para onde ela e ele estão indo? É isso que as mulheres querem: ser cuidadas, ser conduzidas? É por isso que os dançarinos seguem o código que seguem, os homens conduzindo, as mulheres acompanhando?

Sua própria explicação para os fracassos no amor, agora velha e cada vez menos confiável, é que ainda tem de encontrar a mulher certa. A mulher certa enxergará, através da superfície opaca que ele apresenta ao mundo, as profundezas interiores; a mulher certa destravará as intensidades ocultas de paixão dentro dele. Até a chegada dessa mulher, até o dia destinado, ele está só passando o tempo. Por isso Marianne pode ser ignorada.

Uma questão ainda o atormenta e se recusa a ir embora. Será que a mulher que destravará as reservas de paixão dentro dele, se existir, libertará também o fluxo bloqueado da poesia; ou, ao contrário, depende dele próprio se transformar em poeta e assim provar-se digno do amor dela? Seria bom se a primeira hipótese fosse verdadeira, mas desconfia

que não é. Assim como se apaixonou à distância por Ingeborg Bachmann de um jeito e por Anna Karina de outro, assim também, desconfia, a predestinada terá de conhecê-lo por suas obras, se apaixonar por sua arte antes de ser tola a ponto de se apaixonar por ele.

RECEBE DO PROFESSOR HOWARTH, supervisor de sua tese na Cidade do Cabo, uma carta pedindo que cumpra algumas tarefas acadêmicas. Howarth está trabalhando numa biografia do dramaturgo do século XVII, John Webster: quer que ele faça cópias de certos poemas da coleção de manuscritos do Museu Britânico, os quais podem ter sido escritos por Webster na juventude, e, já que estará com a mão na massa, de qualquer poema manuscrito que encontrar com a assinatura “I. W.” e que pareça ter sido escrito por Webster.

Embora os poemas que se vê lendo não sejam de nenhuma qualidade especial, fica lisonjeado com a missão, com a insinuação de que será capaz de reconhecer o autor d’ *A duquesa de Malfi* apenas por seu estilo. Com Eliot aprendeu que o teste do crítico é sua habilidade de fazer discriminações finas. Com Pound aprendeu que o crítico tem de ser capaz de identificar a voz do mestre autêntico em meio ao blá-blá-blá da mera moda. Se não pode tocar piano, pode ao menos, quando liga o rádio, diferenciar Bach de Telemann, Haydn de Mozart, Beethoven de Spohr, Bruckner de Mahler; se não pode escrever, possui ao menos um ouvido que Eliot e Pound aprovariam.

A questão é a seguinte: Ford Madox Ford, com quem tem gastado tanto tempo, é um autêntico mestre? Pound promove Ford como único herdeiro de Henry James e Flaubert na Inglaterra. Mas Pound teria tanta certeza se tivesse lido toda a obra de Ford? Se Ford era um escritor tão bom, por que, misturado aos seus cinco bons romances, há tanto lixo?

Embora deva escrever sobre a ficção de Ford, acha os romances menores de Ford menos interessantes que seus livros sobre a França. Para Ford, não pode haver felicidade maior do que passar um dia ao lado de uma boa mulher numa casa ensolarada no sul da França, com uma oliveira nos fundos e um bom *vin de pays* no porão. A Provença, diz

Ford, é o berço de tudo o que é gracioso, lírico e humano na civilização europeia; quanto às mulheres da Provença, com seu temperamento fogoso e beleza aquilina, diante delas se envergonham as mulheres do norte.

Deve-se dar crédito a Ford? Ele próprio jamais verá a Provença? As fogosas mulheres provençais prestarão atenção nele, com sua notável falta de fogo?

Ford diz que a civilização da Provença deve sua leveza e graça à dieta de peixe, azeite de oliva e alho. Em suas novas acomodações em Highgate, por deferência a Ford, compra palitos de peixe em vez de linguiça, fritá-os em azeite de oliva em vez de fritá-los na manteiga, polvilha-os com sal de alho.

A tese que está escrevendo não terá nada de novo a dizer sobre Ford, isso já ficou claro. Porém, não quer abandoná-la. Desistir das coisas ao estilo de seu pai. Não vai ser como seu pai. Então começa a tarefa de reduzir centenas de páginas de anotações em caligrafia minúscula a uma trama de prosa fluente.

Nos dias em que, sentado na grande sala de leitura abobadada, encontra-se exausto ou entediado demais para continuar escrevendo, permite-se o luxo de mergulhar em livros sobre a África do Sul dos velhos tempos, livros que só se encontram em grandes bibliotecas, memórias de visitantes do Cabo como Dapper, Kolbe, Sparrman, Barrow e Burchell, publicados na Holanda, Alemanha ou Inglaterra há duzentos anos.

Dá-lhe uma sensação fantasmagórica estar sentado em Londres lendo sobre ruas — Waalstraat, Buitengracht, Buitensingel — pelas quais, de todas as pessoas à sua volta com a cabeça afundada em livros, só ele caminhou. Porém, mais que os relatos sobre a velha Cidade do Cabo, o cativam as histórias de expedições ao interior, passeios de reconhecimento em carro de boi pelo deserto do Grande Karoo, onde um viajante pode seguir durante dias sem pousar os olhos em viva alma. Zwartberg, Leeuwivier, Dwyka: é sobre seu país, o país de seu coração, que está lendo.

Patriotismo: é isso que está começando a afligi-lo? Está descobrindo que é incapaz de viver sem um país? Tendo sacudido dos pés a poeira da feia nova África do Sul, deseja agora a África do Sul dos velhos tempos,

quando o Éden ainda era possível? Esses ingleses à sua volta sentem o mesmo pulsar no coração quando há menção de Rydal Mount ou Baker Street num livro? Ele duvida. Este país, esta cidade, estão agora envoltos em séculos de palavras. Os ingleses não acham absolutamente estranho pisarem as pegadas de Chaucer ou Tom Jones.

A África do Sul é diferente. Não fosse por esse punhado de livros, não poderia ter certeza de não ter sonhado o Karoo de ontem. Por isso é que se debruça sobre Burchell em particular, sobre seus dois pesados volumes. Burchell pode não ter sido um mestre como Flaubert ou James, mas o que Burchell escreve aconteceu de fato. Bois de verdade conduziram a ele e a seus estojos de espécimes botânicos de parada em parada pelo Grande Karoo; estrelas de verdade cintilaram sobre a cabeça dele e a de seus homens enquanto dormiam. Fica tonto só de pensar nisso. Burchell e seus homens podem estar mortos, e suas carroças, transformadas em pó, mas viveram de verdade, suas viagens foram viagens reais. A prova é o livro que tem nas mãos, o livro chamado abreviadamente de *Burchell's travels* [As viagens de Burchell], especificamente o exemplar depositado no Museu Britânico.

Se *Burchell's travels* comprova a realidade das viagens de Burchell, por que outros livros não tornariam reais outras viagens, viagens que são ainda apenas hipotéticas? A lógica é, evidentemente, falsa. Mesmo assim, gostaria de fazer isso: escrever um livro tão convincente quanto o de Burchell e depositá-lo nesta biblioteca que define todas as bibliotecas. Se, para tornar esse livro convincente, for preciso haver uma lata de graxa balançando debaixo do leito da carroça enquanto ela se sacode pelas pedras do Karoo, ele fará a lata de graxa. Se for preciso haver cigarras chiando na árvore debaixo da qual param ao meio-dia, ele fará as cigarras. O ranger da lata de graxa, o chiado das cigarras — isso ele tem certeza de que é capaz de produzir. A parte difícil será dar ao todo a aura que penetrará nas estantes e assim na história do mundo: a aura da verdade.

Não é uma falsificação que está considerando. As pessoas tentaram esse caminho antes: fingiram achar, numa arca num sótão numa casa de campo, um diário, amarelecido pelo tempo, manchado de umidade, descrevendo uma expedição aos desertos da Tartária ou aos territórios

do Grão-Mogol. Enganos desse tipo não o interessam. O desafio que enfrenta é puramente literário: escrever um livro cujo horizonte de conhecimento seja o da época de Burchell, os anos 1820, mas cuja reação ao mundo em torno seja viva de um jeito que Burchell, apesar de sua energia, inteligência, curiosidade e *sang-froid*, não podia ser porque era um inglês num país estranho, a mente meio ocupada com Pembrokeshire e as irmãs que havia deixado lá.

Terá de se escolar para escrever de dentro dos anos 1820. Antes de conseguir trazer isso para fora, terá de saber menos do que agora sabe; terá de esquecer coisas. Porém, antes que possa esquecer, terá de saber o que esquecer; antes de poder saber menos, terá de saber mais. Onde encontrará o que precisa saber? Não tem nenhuma formação como historiador, e o que procura não estará mesmo nos livros de história, uma vez que pertence à esfera do mundano, um mundano tão comum como o ar que se respira. Onde encontrará o conhecimento comum de um mundo passado, um conhecimento humilde demais para saber que é conhecimento?

O QUE ACONTECE EM SEGUIDA acontece depressa. Na correspondência em cima da mesa da entrada aparece um envelope pardo marcado OHMS, endereçado a ele. Leva-o para o quarto e o abre com o coração pesado. Tem vinte e um dias, diz a carta, para renovar a licença de trabalho; no descumprimento disso, a permissão para residir no Reino Unido será retirada. Pode renovar a permissão apresentando-se, com passaporte e um formulário I-48, preenchido pelo empregador, no Departamento do Interior da Holloway Road, em qualquer dia da semana, no horário das nove ao meio-dia e meia e de uma e meia às quatro da tarde.

Então a IBM o traiu. A IBM comunicou ao Departamento do Interior que ele havia deixado o emprego.

O que fazer? Tem dinheiro suficiente para uma passagem de ida para a África do Sul. Mas é inconcebível aparecer na Cidade do Cabo como um cachorro com o rabo entre as pernas, derrotado. O que existe para ele na Cidade do Cabo afinal? Retomar a monitoria na universidade? Quanto tempo isso pode durar? Agora já está velho demais para bolsas de estudos, estaria competindo com estudantes mais jovens, com fichas melhores. O fato é que, se voltar para a África do Sul, nunca mais vai escapar. Vai ser como aquelas pessoas que se reúnem na praia de Clifton à noite para beber vinho e conversar sobre os velhos tempos em Ibiza.

Se quer ficar na Inglaterra, há dois caminhos que vê abertos para si. Pode cerrar os dentes e tentar dar aulas de novo; ou pode voltar à programação de computadores.

Há uma terceira opção, hipotética. Pode deixar seu atual endereço e se dissolver na massa. Pode ir colher lúpulo em Kent (não precisa de papéis para isso), trabalhar em construção. Pode dormir em albergues da juventude, em cocheiras. Mas sabe que não fará nada disso. É

incompetente demais para levar uma vida fora da lei, comportado demais, medroso demais de ser pego.

As listas de empregos nos jornais estão cheias de propostas para programador de computador. Não há programadores que bastem para a Inglaterra. A maioria é para departamentos de folha de pagamento. Esses ele ignora, respondendo apenas às próprias companhias de computadores, as rivais, grandes e pequenas, da IBM. Dias depois, fez uma entrevista com a International Computers e, sem hesitar, aceitou a oferta deles. Está exultante. Empregado de novo, seguro, não vai ser mandado embora do país.

Mas há um porém. Embora o escritório central da International Computers seja em Londres, o trabalho para o qual o querem é fora, no campo, em Berkshire. Chegar até lá exige uma viagem a Waterloo, seguida de uma hora de trem, depois ônibus. Não será possível viver em Londres. É de novo a história de Rothamsted.

A International Computers se dispõe a adiantar aos novos empregados o pagamento da entrada de uma casa adequadamente modesta. Em outras palavras, com uma assinatura pode se tornar proprietário (ele! proprietário!) e ao mesmo tempo comprometer-se com os pagamentos da hipoteca, que o ligarão a esse emprego pelos próximos dez ou quinze anos. Em quinze anos, será um velho. Uma única decisão precipitada, e terá renunciado à sua vida, renunciado a todas as chances de se tornar um artista. Com uma pequena casa própria numa fileira de casas de tijolo vermelho, será absorvido na classe média britânica, sem deixar traço. Todo o necessário para completar o quadro será uma esposa e um carro.

Arruma uma desculpa para não assinar o empréstimo da casa. Em vez disso, assina o arrendamento de um apartamento no andar superior de uma casa nos limites da cidade. O dono da casa é um ex-oficial do exército, agora corretor de imóveis, que gosta que se dirijam a ele como major Arkwright. Explica ao major Arkwright o que são computadores, o que é programação de computador, que carreira sólida isso oferece (“Haverá uma imensa expansão da indústria”). O major Arkwright o chama brincando de *boffin* [cientista] (“Nunca tivemos um *boffin* no apartamento de cima”), designação que ele aceita sem reclamar.

Trabalhar para a International Computers é bem diferente de trabalhar para a IBM. Para começar, pode se desfazer do terno preto. Tem uma sala própria, um cubículo numa barraca Quonset no jardim dos fundos da casa que a International Computers equipou como seu laboratório de computação. O Solar: é assim que chamam a velha construção espaçosa no fim de uma estradinha coberta de folhas, a três quilômetros de Bracknell. É de supor que tenha uma história, embora ninguém saiba qual.

Apesar do nome “Laboratório de Computação”, não há nenhum computador no local. Para testar os programas que foi contratado para escrever, terá de viajar até a Universidade de Cambridge, que possui um dos três computadores Atlas, os únicos três existentes, cada um ligeiramente diferente dos outros. O computador Atlas — lê num informativo colocado na sua frente na primeira manhã — é a resposta britânica à IBM. Assim que os engenheiros e programadores da International Computers puserem esses protótipos em funcionamento, o Atlas será o maior computador do mundo, ou pelo menos o maior a ser colocado no mercado (os militares americanos têm computadores próprios, de potência não revelada, e provavelmente os militares russos também). O Atlas será um golpe na indústria de computação inglesa, do qual a IBM levará anos para se recuperar. É isso que está em jogo. Foi para isso que a International Computers reuniu uma equipe de brilhantes programadores jovens, da qual ele agora faz parte, nesse retiro rural.

O que há de especial no Atlas, que faz dele um exemplo único entre os computadores do mundo, é que tem uma espécie de autoconsciência. A intervalos regulares — a cada dez segundos, ou até a cada segundo — interroga a si mesmo, perguntando-se que tarefas está desempenhando e se a eficiência de desempenho está otimizada. Se o desempenho não for eficiente, ele rearranja as tarefas e as realiza em ordem diferente, melhor, assim economizando tempo, que é dinheiro.

Será tarefa sua escrever a rotina para a máquina seguir no final de cada giro da fita magnética. Ela tem de perguntar a si mesma se deve ler mais uma rodada da fita? Ou se, ao contrário, deve parar e ler um cartão perfurado ou uma fita de papel? Deve escrever em outra fita magnética parte dos resultados acumulados, ou deve fazer uma sequência de

computação? Perguntas a serem respondidas de acordo com o princípio predominante de eficiência. Terá todo o tempo de que precisar (mas de preferência apenas seis meses, uma vez que a International Computers está correndo contra o tempo) para reduzir perguntas e respostas a códigos legíveis para a máquina e testar para ver se estão otimizados. Todos os seus colegas programadores têm tarefas comparáveis e um prazo semelhante. Enquanto isso, os engenheiros da Universidade de Manchester trabalharão dia e noite para aperfeiçoar o hardware eletrônico. Se tudo correr de acordo com o plano, o Atlas entrará em produção em 1965.

Uma corrida contra o tempo. Uma corrida contra os americanos. Isso é uma coisa que ele pode entender, uma coisa com a qual pode se comprometer com mais empenho do que se comprometeria com o objetivo da IBM de fazer mais e mais dinheiro. E a programação em si é interessante. Exige engenhosidade mental; exige, para ser bem-feita, um virtuosismo no comando da linguagem interna de dois níveis do Atlas. Ele chega ao trabalho de manhã ansioso pelas tarefas à sua espera. Para ficar alerta, toma xícaras e xícaras de café; o coração martela, o cérebro fumeja; perde a noção do tempo, tem de ser chamado para almoçar. À noite, leva seu material para as acomodações na casa do major Arkwright e trabalha noite adentro.

Então era para isso que, sem meu conhecimento, eu estava me preparando!, pensa. Então é a isso que leva a matemática!

O outono se transforma em inverno; ele mal se dá conta. Não está mais lendo poesia. Em vez disso, lê livros sobre xadrez, acompanha os jogos *grandmaster*, resolve os problemas de xadrez do *Observer*. Dorme mal; às vezes, sonha com programação. É um desenvolvimento dentro dele mesmo que observa com distanciado interesse. Será que vai se tornar um daqueles cientistas cujo cérebro resolve problemas enquanto dormem?

Observa outra coisa também. Parou de desejar. A busca da bela e misteriosa estranha que libertará a paixão dentro dele já não o preocupa. Em parte, sem dúvida, porque Bracknell não oferece nada que se possa comparar ao desfile de garotas de Londres. Mas não pode deixar de perceber uma ligação entre o fim do desejo e o fim da poesia. Isso quer

dizer que está crescendo? É isso que significa crescer: deixar para trás o desejo, a paixão, todas as intensidades da alma?

As pessoas entre as quais trabalha — homens, sem exceção — são mais interessantes do que as pessoas da IBM: mais vivas, e talvez mais inteligentes também, de um jeito que ele consegue entender, um jeito que é muito parecido com ser inteligente na escola. Almoçam juntos na cantina do Solar. Não há nada fora do comum na comida que lhes é servida: peixe e batata frita, salsicha com purê de batata, linguiça empanada, fritada de batata amassada com repolho, torta de ruibarbo com sorvete. Gosta da comida, repete quando pode, faz dela a principal refeição do dia. À noite, em casa (se isso é o que são agora seus cômodos na casa dos Arkwright), não se dá o trabalho de cozinhar, simplesmente come pão e queijo em cima do tabuleiro de xadrez.

Entre seus colegas há um indiano chamado Ganapathy. Ganapathy sempre chega tarde ao trabalho; alguns dias nem vem trabalhar. Quando vem, não parece estar trabalhando muito duro: fica sentado em seu cubículo, com os pés em cima da mesa, aparentemente sonhando. Para suas ausências, dá apenas a mais descuidada das desculpas (“Eu não estava bem”). Mesmo assim, não é repreendido. Ganapathy, fica-se sabendo, é uma aquisição particularmente valiosa para a International Computers. Estudou na América, tem um diploma americano em ciência da computação.

Ele e Ganapathy são os dois estrangeiros do grupo. Juntos, quando o tempo permite, dão passeios depois do almoço pelos jardins do Solar. Ganapathy menospreza a International Computers e todo o projeto Atlas. Voltar para a Inglaterra foi um erro de sua parte, diz. Os ingleses não sabem pensar grande. Devia ter ficado na América. Como é a vida na África do Sul? Haveria perspectivas para ele na África do Sul?

Ele dissuade Ganapathy de tentar a África do Sul. A África do Sul é muito atrasada, diz, não existem computadores lá. Não conta que forasteiros não são bem-vindos, a menos que sejam brancos.

O mau tempo se instala, dias e dias de chuva e ventos tempestuosos. Ganapathy para de vir trabalhar. Como ninguém mais pergunta por quê, ele se encarrega de investigar. Como ele, Ganapathy escapou da opção da compra da casa. Mora num apartamento no terceiro andar de um prédio administrado pela prefeitura. Durante um bom tempo, não há

resposta às batidas na porta. Então, Ganapathy abre para ele. Está de pijama e sandálias; lá de dentro vem uma rajada de calor úmido e um cheiro de coisa apodrecida. “Entre, entre!”, diz Ganapathy. “Saia desse frio!”

Não há mobília na sala, a não ser um aparelho de televisão com uma poltrona na frente e dois aquecedores elétricos tórridos. Atrás da porta, uma pilha de sacos de lixo pretos. É deles que vem o cheiro. “Por que não leva os sacos para fora?”, pergunta. Ganapathy é evasivo. Também não quer contar por que não tem ido trabalhar. Na verdade, parece não querer conversar sobre nada.

Imagina se Ganapathy não estaria com uma garota no quarto, uma garota do lugar, uma daquelas pequenas datilógrafas ou vendedoras atrevidas do conjunto habitacional que ele vê no ônibus. Ou talvez, na verdade, uma garota indiana. Talvez seja essa a explicação para as ausências de Ganapathy: há uma linda garota indiana morando com ele, e prefere ficar fazendo amor com ela, praticando tantra, protelando o orgasmo por horas e horas, a escrever códigos de máquina para o Atlas.

Quando faz menção de ir embora, porém, Ganapathy balança a cabeça. “Quer um pouco de água?”, oferece.

Ganapathy lhe oferece água da torneira porque o chá e o café acabaram. Está sem comida também. Não compra comida, a não ser bananas, porque, revela, não cozinha — não gosta de cozinhar, não sabe cozinhar. Os sacos de lixo contêm, na maioria, cascas de banana. É disso que vive: banana, chocolate e, quando tem, chá. Não é o jeito como gostaria de viver. Na Índia, morava em casa, e sua mãe e irmãs cuidavam dele. Na América, em Columbus, Ohio, morava no que chamam de dormitório, onde a comida aparecia na mesa a intervalos regulares. Se sentia fome entre as refeições, podia sair e comprar um hambúrguer. Havia um lugar de hambúrgueres aberto vinte e quatro horas do outro lado da rua do dormitório. Na América, as coisas estavam sempre abertas, ao contrário da Inglaterra. Não devia ter voltado para a Inglaterra, um país sem futuro onde nem o aquecimento funciona.

Pergunta a Ganapathy se está doente. Ganapathy afasta sua preocupação: usa roupão para se aquecer, só isso. Mas ele não se convence. Agora que sabe das bananas, olha Ganapathy com outros olhos. Ganapathy é miúdo como um pardal, sem um grama de carne em

excesso. Tem o rosto encovado. Se não está doente, deve pelo menos estar com fome. Veja só: em Bracknell, no coração dos Condados do Interior, um homem está morrendo de fome porque é incompetente demais para se alimentar.

Convida Ganapathy para almoçar no dia seguinte, dando-lhe orientações precisas sobre como chegar à casa do major Arkwright. Depois sai, procura uma loja aberta no sábado à tarde e compra o que há para comprar: pão embalado em plástico, frios, ervilhas verdes congeladas. Ganapathy não chega. Como Ganapathy não tem telefone, não há nada que possa fazer senão levar a refeição para o apartamento de Ganapathy.

Absurdo, mas talvez seja isso que Ganapathy queira: que a comida lhe seja levada. Como ele, Ganapathy é um menino inteligente e mimado. Como ele, Ganapathy fugiu da mãe e da sufocante tranquilidade que ela oferece. Mas, no caso de Ganapathy, fugir parece ter esgotado todas as suas energias. Agora, está esperando ser resgatado. Quer que a mãe, ou alguém como ela, venha e o salve. Senão, simplesmente definhará e morrerá em seu apartamento cheio de lixo.

A International Computers devia ficar sabendo disso. Ganapathy está encarregado de um trabalho-chave, a lógica da rotina de programar tarefas. Se Ganapathy cair fora, todo o projeto Atlas atrasará. Mas como fazer a International Computers entender o que está afligindo Ganapathy? Como pode alguém na Inglaterra entender o que traz as pessoas dos cantos remotos da Terra para morrer numa ilha úmida e miserável que detestam e com a qual não têm nenhuma ligação?

No dia seguinte, Ganapathy está em sua mesa como sempre. Não dá nenhuma explicação por ter faltado ao compromisso. Na hora do almoço, na cantina, está bem-humorado, até excitado. Entrou numa rifa de um Morris Mini, diz. Comprou cem números — o que mais pode fazer com o grande salário que a International Computers lhe paga? Se ganhar, podem ir de carro até Cambridge juntos para fazer os testes do programa, em vez de pegar um trem. Ou podem ir passar o dia em Londres.

Há alguma coisa na história toda que ele não conseguiu entender, alguma coisa indiana? Será que Ganapathy pertence a uma casta para a qual é tabu comer à mesa de um ocidental? Se assim for, o que está

fazendo com um prato de peixe e batatas na cantina do Solar? O convite para o almoço devia ter sido feito de maneira mais formal e confirmado por escrito? Não comparecendo, estaria Ganapathy graciosamente lhe poupando o embaraço de ver na porta de casa um hóspede que convidara num impulso mas na realidade não queria receber? Teria ele, de alguma forma, ao convidar Ganapathy, dado a impressão de que não era um convite real, substancial, que estava fazendo, mas apenas o gesto de um convite, e que a verdadeira gentileza da parte de Ganapathy consistia em aceitar o gesto sem dar ao anfitrião o trabalho de providenciar uma refeição? A refeição abstrata (frios com ervilhas congeladas cozidas com manteiga) que teriam comido juntos teria o mesmo valor, na transação entre ele e Ganapathy, que os frios e as ervilhas cozidas efetivamente oferecidos e consumidos? As coisas entre ele e Ganapathy estavam como antes, ou melhores do que antes, ou piores?

Ganapathy ouviu falar de Satyajit Ray, mas acha que não assistiu a nenhum de seus filmes. Só uma parcela minúscula do público indiano, diz, se interessa por filmes assim. Em geral, diz, os indianos preferem assistir a filmes americanos. Os filmes indianos ainda são muito primitivos.

Ganapathy é o primeiro indiano que conhece mais que casualmente, se é que isso pode ser chamado de conhecer — partidas de xadrez, conversas fazendo comparações, desfavoráveis para os ingleses, entre ingleses e americanos, mais a surpresa da visita ao apartamento de Ganapathy. A conversa sem dúvida melhoraria se Ganapathy fosse um intelectual em vez de ser apenas inteligente. Ele continua se assombrando com o fato de as pessoas poderem ser tão inteligentes quanto são na indústria da computação, e não terem nenhum outro interesse além do preço de carros e de casas. Achara que isso era apenas a notória hipocrisia da classe média britânica se manifestando, mas Ganapathy não é diferente.

Essa indiferença pelo mundo é consequência de um excesso de relacionamento com máquinas que dão a sensação de pensarem? Como ia se sentir se um dia deixasse a indústria da computação e voltasse para a sociedade civilizada? Depois de gastar suas melhores energias durante tanto tempo em jogos com máquinas, ainda seria capaz de manter uma

conversação? Terá ganhado alguma coisa nos anos com computadores? Não terá ao menos aprendido a pensar logicamente? A lógica não terá então se transformado em sua segunda natureza?

Gostaria de acreditar que sim, mas não consegue. No fim das contas, não tem nenhum respeito por qualquer versão de pensamento que possa ser incorporada num circuito de computador. Quanto mais se envolve com computação, mais a acha parecida com xadrez: um estreito mundinho definido por regras inventadas, que engole meninos com um certo temperamento suscetível e os deixa meio loucos, como ele está meio louco, de forma que o tempo todo em que se iludem pensando jogarem o jogo, o jogo é que está jogando com eles.

É um mundo do qual pode escapar — não é tarde demais para isso. Por outro lado, pode fazer as pazes com esse mundo, como vê os homens à sua volta fazerem, um a um: contentando-se com o casamento, com uma casa e um carro, contentando-se com o que a vida tem de realista para oferecer, mergulhando as energias no trabalho. Fica mortificado de ver como o princípio de realidade funciona bem, como, levado pela solidão, o rapaz com espinhas se contenta com a menina de cabelo opaco e pernas pesadas, como todo mundo, por mais improvável que seja, acaba encontrando um par. É esse o seu problema, e é simples assim: que o tempo todo vem superestimando seu valor no mercado, se enganando ao acreditar que seu lugar é entre escultoras e atrizes, quando na verdade seu lugar é com a professora de jardim de infância no conjunto habitacional ou com a subgerente da loja de sapatos?

Casamento: quem haveria de imaginar que sentiria a pontada, mesmo que tênue, do casamento! Não vai se render, não ainda. Mas é uma opção com que brinca nas longas noites de inverno, comendo pão com linguiça na frente do aquecedor a gás do major Arkwright, ouvindo rádio, enquanto ao fundo a chuva tamborila na janela.

CHOVE. Ele e Ganapathy estão sozinhos na cantina, jogando xadrez relâmpago com o tabuleiro de bolso de Ganapathy. Ganapathy está ganhando, como sempre.

“Você devia ir para a América”, Ganapathy diz. “Está perdendo seu tempo aqui. Nós todos estamos perdendo nosso tempo.”

Ele balança a cabeça. “Não é realista”, responde.

Mais de uma vez pensou em procurar um emprego na América, mas resolveu que não. Uma decisão prudente, mas correta. Como programador, não tem nenhum dom especial. Seus colegas na equipe da Atlas podem não ter diplomas avançados, mas a cabeça deles é mais clara que a sua, a visão que têm dos problemas computacionais é mais rápida e aguda do que a dele jamais será. Numa discussão, ele mal consegue se defender; está sempre tendo de fingir que entende, quando não entende de fato, destrinchando depois sozinho as coisas. Por que as empresas da América haveriam de querer alguém como ele? A América não é a Inglaterra. A América é dura e impiedosa: se por algum milagre conseguisse descolar um emprego lá, logo seria descoberto. Além disso, leu Allen Ginsberg, leu William Burroughs. Sabe o que a América faz com artistas: deixa-os loucos, tranca-os, expulsa-os.

“Podia conseguir uma bolsa numa universidade”, diz Ganapathy. “Eu consegui, você não teria problema.”

Ele olha duro. Ganapathy é mesmo tão inocente? Há uma Guerra Fria em curso. A América e a Rússia competem pelos corações e mentes de indianos, iraquianos, nigerianos; as bolsas nas universidades estão entre as atrações que oferecem. Os corações e mentes dos brancos não são do interesse deles, certamente não os corações e mentes de uns poucos brancos deslocados na África.

“Vou pensar nisso”, responde, e muda de assunto. Não tem nenhuma intenção de pensar nisso.

Numa fotografia da primeira página do *Guardian*, um soldado vietnamita com uniforme de estilo americano olha desamparado um mar de chamas. “Ataques suicidas semeiam o caos no Vietnã do Sul”, diz a manchete. Um grupo de sapadores vietcongues abriu passagem na cerca de arame farpado em torno da base aérea americana em Pleiku, explodiu vinte e quatro aviões e incendiou o depósito de tanques de combustível. Perderam a vida na ação.

É Ganapathy quem lhe mostra o jornal, exultando; ele mesmo sente uma onda de vingança. Desde que chegou à Inglaterra, os jornais britânicos e a BBC trazem notícias sobre os feitos militares dos americanos matando vietcongues aos milhares enquanto os americanos escapam ilesos. Se alguma vez há alguma crítica à América, é sempre nos tons mais velados. Mal consegue ler as reportagens de guerra, a tal ponto o enjoam. Agora, o vietcongue deu sua resposta inegável, heroica.

Ele e Ganapathy nunca discutiram o Vietnã. Como Ganapathy estudou na América, concluiu que Ganapathy ou apoia os americanos ou é indiferente à guerra como todo mundo na International Computers. Agora, de repente, em seu sorriso, no brilho dos olhos, vê a face oculta de Ganapathy. Apesar da admiração pela eficiência americana e de sua fome de hambúrgueres americanos, Ganapathy está do lado dos vietnamitas porque são seus irmãos asiáticos.

Isso é tudo. Isso encerra a coisa. Já não há menção da guerra entre eles. Mais que nunca, porém, imagina o que Ganapathy está fazendo na Inglaterra, nos Condados do Interior, trabalhando num projeto pelo qual não tem nenhum respeito. Não estaria melhor na Ásia, combatendo os americanos? Deveria ter uma conversa com ele, lhe dizer isso?

E quanto a ele? Se o destino de Ganapathy está na Ásia, onde está o seu? Os vietcongues ignorariam as origens dele e aceitariam seus serviços, se não como soldado ou homem-bomba, quem sabe como um humilde porteiro? Se não, que tal os amigos e aliados dos vietcongues, os chineses?

Escreve para a embaixada chinesa em Londres. Como desconfia que os chineses não precisam de computadores, não fala nada da

programação de computadores. Está preparado para ensinar inglês na China, diz, como uma contribuição à luta mundial. Não importa quanto vai ganhar.

Envia a carta e fica esperando uma resposta. Enquanto isso, compra *Aprenda chinês sozinho* e começa a praticar os estranhos sons de dentes cerrados do mandarim.

Passam-se dias; nem uma palavra dos chineses. Será que o serviço secreto britânico interceptou sua carta e a destruiu? Interceptam e destroem todas as cartas para a embaixada? Se é assim, por que deixar os chineses terem uma embaixada em Londres? Ou, ao interceptar a carta, o serviço secreto a teria enviado para o Departamento do Interior com uma nota dizendo que o sul-africano que trabalha na International Computers em Bracknell revelou tendências comunistas? Vai perder o emprego e ser expulso da Inglaterra por razões políticas? Se isso acontecer, não vai contestar. O destino terá falado; está preparado para aceitar a palavra do destino.

Em suas viagens a Londres, ainda vai ao cinema, mas seu prazer fica mais e mais comprometido pela deterioração da visão. Tem de sentar na primeira fila para conseguir ler as legendas, e mesmo assim precisa apertar os olhos e forçar a vista.

Vai ao oftalmologista e sai de lá com óculos de aros pretos de chifre. No espelho, parece ainda mais o *boffin* cômico do major Arkwright. Por outro lado, ao olhar pela janela, fica deslumbrado por conseguir divisar as folhas individuais das árvores. As árvores sempre foram um borrão, pelo que se lembra. Será que deveria ter usado óculos a vida inteira? Isso explica por que era tão ruim no críquete, por que a bola sempre parecia vir do nada?

Acabamos ficando parecidos com nosso eu ideal, diz Baudelaire. O rosto com que nascemos é aos poucos dominado pelo rosto desejado, o rosto de nossos sonhos secretos. Esse rosto no espelho é o rosto de seus sonhos, esse rosto comprido, lúgubre, com uma boca mole, vulnerável, e os olhos inexpressivos agora escudados por óculos?

O primeiro filme a que assiste com os novos óculos é *O evangelho segundo Mateus*, de Pasolini. É uma experiência perturbadora. Depois de cinco anos de escola católica, pensou estar para sempre fora do alcance da mensagem cristã. Mas não está. O Jesus pálido e ossudo do filme, que recua ao toque dos outros, que caminha descalço emitindo profecias e fulminações, é real de um jeito que nunca foi o Jesus com o coração sangrando. Ele estremece quando martelam pregos nas mãos de Jesus; quando descobrem que a tumba está vazia e o anjo anuncia às mulheres de luto: “Não procurem aqui, porque ele subiu”, a Missa Luba explode e o povo simples da terra, os coxos e mutilados, os desprezados e rejeitados, vêm correndo ou mancando, o rosto iluminado de alegria, para participar da boa-nova, seu próprio coração parece que vai explodir; lágrimas de um júbilo que ele não entende lhe correm pelo rosto, lágrimas que tem de enxugar disfarçadamente antes de sair de novo para o mundo.

Na vitrine do sebo da Charing Cross Road, em outra expedição à cidade, vê um delicioso livrinho de capa roxa: *Watt*, de Samuel Beckett, publicado pela Olympia Press. A Olympia Press é notória: de um abrigo seguro em Paris, publica pornografia em inglês para assinantes da Inglaterra e da América. Mas publica também uma linha secundária dos escritos mais ousados da vanguarda — *Lolita*, de Vladimir Nabokov, por exemplo. É muito pouco provável que Samuel Beckett, autor de *Esperando Godot* e *Fim de jogo*, escreva pornografia. Que tipo de livro, então, é *Watt*?

Folheia o exemplar. A impressão é no mesmo corpo cheio e serifado dos *Poemas escolhidos* de Pound, um corpo que para ele evoca intimidade, solidez. Compra o livro e o leva para a casa do major Arkwright. Desde a primeira página, sabe que descobriu alguma coisa. Recostado na cama com a luz entrando pela janela, lê e lê.

Watt é bem diferente das peças de Beckett. Não há choque, nem conflito, apenas o fluxo de uma voz contando uma história, um fluxo continuamente interrompido por dúvidas e escrúpulos, o ritmo exatamente adequado ao ritmo de sua própria cabeça. *Watt* é também engraçado, tão engraçado que ele rola de rir. Quando chega ao fim, começa a ler de novo do começo.

Por que as pessoas não lhe disseram que Beckett escrevia romances? Como podia imaginar que queria escrever à maneira de Ford, quando Beckett estava ali o tempo todo? Em Ford, há sempre um elemento de peitilho engomado de que desgosta, o que, no entanto, hesitou em admitir, algo a ver com o valor que Ford coloca em saber onde, no West End, comprar as melhores luvas de dirigir ou em como distinguir um Médoc de um Beaune; enquanto Beckett não tem classe, ou está fora das classes, como ele próprio prefere estar.

O teste dos programas que escreveram tem de ser feito na máquina Atlas em Cambridge, durante a noite, quando os matemáticos que têm a precedência no uso estão dormindo. Então, a cada duas ou três semanas, pega o trem para Cambridge, levando uma mochila com seus papéis e rolos de fita perfurada, o pijama e a escova de dentes. Em Cambridge, reside no hotel Royal, com despesas pagas pela International Computers. Das seis da tarde às seis da manhã, trabalha no Atlas. De manhã cedo, volta para o hotel, toma o café da manhã e se retira para a cama. À tarde, está livre para passear pela cidade, talvez ir ao cinema. Então, é hora de voltar para o Laboratório de Matemática, um imenso edifício parecido com um hangar, que abriga o Atlas, para a tarefa da noite.

É uma rotina que combina inteiramente com ele. Gosta das viagens de trem, do anonimato dos quartos de hotel, gosta dos imensos cafés da manhã ingleses com bacon, salsichas, ovos, torradas, geleia e café. Como não usa terno, pode se misturar com facilidade aos estudantes na rua, até parece ser um deles. E estar com a imensa máquina Atlas a noite toda, sozinho, a não ser pelo engenheiro de plantão, olhando o rolo de códigos de computador que *ele* escreveu correr pelo leitor de fita, observando os carretéis de fita magnética começarem a rodar e as luzes no console começarem a piscar ao *seu* comando, lhe dá uma sensação de poder que ele sabe ser infantil mas, sem ninguém olhando, pode gozar em segurança.

Às vezes, tem de ficar no Laboratório de Matemática de manhã para conferenciar com membros do Departamento de Matemática. Porque

tudo o que é realmente novo no software do Atlas vem não da International Computers, mas de um punhado de matemáticos de Cambridge. De certo ponto de vista, ele é apenas um membro de uma equipe de programadores profissionais da indústria de computadores que o Departamento de Matemática de Cambridge contratou para implementar suas ideias, assim como do mesmo ponto de vista a International Computers é uma empresa de engenheiros contratada pela Universidade de Manchester para construir um computador de acordo com seu projeto. Desse ponto de vista, ele próprio é meramente um trabalhador especializado a soldo da universidade, não um colaborador com direito a falar em pé de igualdade com esses brilhantes jovens cientistas.

Pois eles são de fato brilhantes. Às vezes, balança a cabeça sem acreditar no que está acontecendo. Ali está ele, um graduado sem distinção de uma universidade de segunda classe das colônias, com permissão de chamar pelo primeiro nome doutores em matemática, homens que, quando falam, o deixam para trás, tonto. Problemas com os quais batalhou inutilmente durante semanas são resolvidos por eles num relâmpago. No mais das vezes, por trás do que ele julgou serem problemas, os matemáticos enxergam os *verdadeiros* problemas, que por consideração fingem que foi ele quem constatou.

Esses homens estão realmente tão perdidos nas altas questões da lógica computacional que não percebem como ele é estúpido; ou — por razões que não lhe são claras, uma vez que deve ser um nada para eles — estão graciosamente tomando cuidado para que ele não seja desprestigiado em sua empresa? É isso a civilização: um acordo não ventilado dizendo que ninguém, por mais insignificante que seja, deve ser desprestigiado? Pode acreditar nisso a respeito do Japão; será válido também para a Inglaterra? Seja qual for o caso, é realmente admirável!

Está em Cambridge, nas instalações de uma universidade antiga, na companhia dos grandes. Deram-lhe até uma chave do Laboratório de Matemática, a chave de uma porta lateral, para poder entrar e sair. O que mais pode esperar? Mas tem de tomar cuidado para não se deixar levar, para não inchar. Está aqui por sorte e nada mais. Nunca poderia ter estudado em Cambridge, nunca seria tão bom a ponto de ganhar

uma bolsa de estudos. Tem de continuar a pensar em si próprio como um funcionário contratado: senão, tornar-se-á um impostor do mesmo jeito que Jude Fawley entre as torres sonhadoras de Oxford era um impostor. Um dia desses, logo, suas tarefas estarão terminadas, terá de devolver a chave, as visitas a Cambridge cessarão. Mas pelo menos vai gozá-las enquanto pode.

ESTÁ EM SEU TERCEIRO VERÃO NA INGLATERRA. Depois do almoço, no gramado atrás do Solar, ele e os outros programadores começaram a jogar críquete com uma bola de tênis e um velho bastão encontrado no armário de vassouras. Não joga críquete desde que saiu da escola, quando resolveu renunciar ao jogo com o argumento de que os esportes de equipe estavam em desacordo com a vida de um poeta e intelectual. Agora descobre, para sua surpresa, o quanto ainda gosta do jogo. Não só gosta, mas é bom nele. Todas as jogadas que em criança batalhou tão ineficientemente para dominar voltam sem esforço, com uma facilidade e fluência que são novas porque seus braços estão mais fortes e porque não há razão para temer a bola macia. É melhor, muito melhor, como rebatedor e como lançador também, do que seus parceiros de jogo. Como, se pergunta, esses jovens ingleses passaram os dias de escola? Ele, um colonial, tem de ensiná-los a jogar seu próprio jogo?

Sua obsessão pelo xadrez está diminuindo, ele está começando a ler de novo. Embora a biblioteca de Bracknell seja minúscula e inadequada, os bibliotecários estão prontos a solicitar na rede do condado qualquer livro que ele queira. Está lendo a história da lógica, seguindo uma intuição de que a lógica é uma invenção humana, não parte de uma tessitura do ser, e, portanto (há muitos estágios intermediários, mas pode preenchê-los depois), que os computadores são simplesmente brinquedos inventados por meninos (liderados por Charles Babbage) para divertimento de outros meninos. Há muitas lógicas alternativas, está convencido disso (mas quantas?), cada uma delas tão boa quanto a lógica do *ou-ou*. A ameaça do brinquedo com que ganha a vida, a ameaça que faz dele mais que um brinquedo, é que ele gravará a fogo caminhos *ou-ou* no cérebro de seus usuários, atrelando-os irreversivelmente à sua lógica binária.

Debruça-se sobre Aristóteles, sobre Peter Ramus, sobre Rudolf Carnap. Não entende a maior parte do que lê, mas está acostumado a não entender. Tudo o que procura agora é o momento da história em que a lógica *ou-ou* é escolhida e a *e/ou* descartada.

Tem seus livros e seus projetos (a tese de Ford, agora perto de ficar pronta, o desmantelamento da lógica) para as noites vazias, o críquete para o meio-dia e, a cada duas semanas, a estada no hotel Royal com o luxo das noites solitárias com o Atlas, o computador mais formidável do mundo. Pode uma vida de solteiro, se tem de ser uma vida de solteiro, ser melhor que isso?

Há apenas uma sombra. Passou-se um ano desde que escreveu uma linha de poesia. O que aconteceu com ele? É verdade que a arte só vem da depressão? Tem de ficar deprimido de novo para poder escrever? Não existe também uma poesia de êxtase, até mesmo uma poesia do críquete da hora do almoço, como uma forma de êxtase? Importa onde a poesia encontra seu ímpeto, contanto que seja poesia?

Embora o Atlas não seja uma máquina construída para processar matérias textuais, ele usa as horas mortas da noite para fazê-la imprimir milhares de linhas no estilo de Pablo Neruda, usando como dicionário uma lista das palavras mais poderosas de *The heights of Macchu Picchu* [No alto de Machu Picchu], na tradução de Nathaniel Tarn. Leva a grossa pilha de papéis para o hotel Royal e se debruça sobre ela. “A nostalgia dos bules de chá.” “O ardor das venezianas.” “Furiosos cavaleiros.” Se no momento presente não consegue escrever poesia que venha do coração, se seu coração não se acha no estado certo para gerar poesia pessoal, pode ao menos encadear pseudopoemas compostos de frases geradas por uma máquina e, assim, fazendo os movimentos do escrever, reaprender a escrever? É honesto usar ajuda mecânica para escrever — honesto com os outros poetas, honesto com os mestres mortos? Os surrealistas escreviam palavras em tiras de papel, misturavam dentro de um chapéu e tiravam palavras ao acaso para formar versos. William Burroughs cortava páginas, misturava e juntava os pedaços. Está fazendo o mesmo tipo de coisa? Ou seus imensos recursos — qual outro poeta na Inglaterra, no mundo, tem uma máquina deste tamanho às suas ordens — transformam quantidade em

qualidade? Porém, não se poderá afirmar que a invenção dos computadores modificou a natureza da arte, tornando irrelevante o autor e o estado do coração do autor? No Terceiro Programa ouviu música dos estúdios de Colônia, música montada com ruídos eletrônicos, estalidos, barulho de rua, trechos de velhas gravações e fragmentos de discurso. Não é tempo de a poesia se equiparar à música?

Manda uma seleção de seus poemas Neruda para um amigo na Cidade do Cabo, o qual a publica numa revista que edita. Um jornal local reproduz um dos poemas de computador com um comentário derrisório. Durante um ou dois dias, lá na Cidade do Cabo, ele é conhecido como o bárbaro que quer substituir Shakespeare por uma máquina.

Além dos computadores Atlas de Cambridge e Manchester, existe um terceiro Atlas. Está instalado no posto de pesquisa de armas atômicas do Ministério da Defesa nos arredores de Aldermaston, não longe de Bracknell. Uma vez testado em Cambridge e aprovado, o software que faz funcionar o Atlas pode ser instalado na máquina de Aldermaston. Para instalá-lo, são designados os programadores que o escreveram. Cada um recebe um longo questionário para responder sobre sua família, história pessoal, experiência profissional; cada um é visitado em casa por homens que se apresentam como policiais mas são, mais provavelmente, da Inteligência Militar.

Todos os programadores britânicos são liberados e recebem crachás com suas fotos para usar no pescoço durante as visitas. Depois de se apresentar na entrada de Aldermaston e ser escoltados até o prédio do computador, ficam mais ou menos livres para se locomover como quiserem.

Para Ganapathy e para ele, porém, não há liberação, uma vez que são estrangeiros, ou, como Ganapathy coloca, estrangeiros não americanos. No portão de entrada, os dois são entregues a guardas destinados a cuidar deles individualmente, que os conduzem a cada lugar, ficam vigiando seus movimentos a todo momento e se recusam a entabular conversa. Quando vão ao banheiro, os guardas ficam na porta da cabine; quando comem, os guardas ficam atrás deles. Têm permissão para falar

com outros funcionários da International Computers, mas com ninguém mais.

Seu envolvimento com mr. Pomfret nos dias de IBM e seu papel no desenvolvimento do bombardeiro TSR-2 parecem tão triviais, até cômicos, que a consciência dele fica tranquila. Aldermaston são outros quinhentos. Passa ali um total de dez dias, ao longo de um período de semanas. Quando termina, as rotinas de escalonamento da fita estão funcionando tão bem quanto em Cambridge. Sua tarefa está cumprida. Sem dúvida, havia outras pessoas que podiam ter instalado as rotinas, mas não tão bem quanto ele, que as escreveu e as conhece de trás para a frente. Outras pessoas podiam ter feito o trabalho, mas outras pessoas não fizeram. Embora pudesse ter criado um caso para ser dispensado (podia, por exemplo, ter apontado a condição não natural de ser observado em todos os seus atos por um guarda sem expressão e o efeito disso em seu estado mental), mas não fez isso. Mr. Pomfret pode ter sido uma piada, mas ele não pode fingir que Aldermaston é uma piada.

Nunca estive num lugar como Aldermaston. A atmosfera é bem diferente da de Cambridge. O cubículo em que trabalha, como todos os outros cubículos e tudo o que há dentro deles, é barato, funcional e feio. Toda a base, feita de prédios baixos de tijolos, separados uns dos outros, é feia com a feiura de um lugar que sabe que ninguém vai olhar para ele ou se dar o trabalho de olhar para ele; talvez com a feiura de um lugar que sabe que, quando a guerra vier, será varrido da face da Terra.

Sem dúvida há ali pessoas inteligentes, tão inteligentes quanto os matemáticos de Cambridge, ou quase. Sem dúvida algumas pessoas que vê de relance nos corredores, supervisores de operações, pesquisadores, técnicos de grau I, II e III, técnicos seniores, gente com quem não tem permissão de falar, eles próprios graduados em Cambridge. Ele escreveu as rotinas que está instalando, mas o planejamento por trás delas foi feito pelo pessoal de Cambridge, pessoas que não podiam deixar de saber que a máquina do Laboratório de Matemática tinha uma sinistra irmã em Aldermaston. As mãos das pessoas de Cambridge não são tão mais limpas do que suas próprias mãos. Mesmo assim, ao passar por estes portões, respirar este ar aqui, ele colaborou com a corrida armamentista, passou a ser cúmplice da Guerra Fria, e além do mais do lado errado.

Parece que os testes já não acontecem com uma boa antecedência hoje em dia, como aconteciam quando era aluno da escola, nem se anunciam como testes. Mas neste caso é difícil argumentar que não estava preparado. Desde o momento em que a palavra *Aldermaston* foi pronunciada, ele sabia que Aldermaston seria um teste e sabia que não ia passar, que não teria o necessário para passar. Ao trabalhar em Aldermaston, prestou-se ao mal e, de um certo ponto de vista, prestou-se mais culposamente do que os colegas ingleses, que, se se recusassem a participar, teriam posto suas carreiras num risco muito mais sério do que ele, que está em trânsito e alheio a essa disputa entre a Grã-Bretanha e a América de um lado e a Rússia de outro.

Experiência. Essa é a palavra em que gostaria de se apoiar para se justificar a si mesmo. O artista deve provar todas as experiências, da mais nobre à mais degradada. Assim como é destino do artista experimentar a mais suprema alegria criativa, ele deve estar preparado para assumir tudo o que é miserável, esqualido, ignominioso na vida. Foi em nome da experiência que suportou Londres — os dias mortos da IBM, o verão gelado de 1962, um caso amoroso humilhante após outro: estágios na vida do poeta, todos eles, testes para sua alma. Da mesma forma, Aldermaston — o cubículo horrendo onde trabalha, com os móveis de plástico e a vista para os fundos de uma fornalha, o homem armado às suas costas — pode ser visto simplesmente como experiência, como mais um estágio em sua jornada para as profundezas.

É uma justificativa que nem por um momento o convence. É um sofisma, apenas isso, um sofisma desprezível. E, se vai continuar alegando isso, então, assim como dormir com Astrid e seu ursinho de pelúcia era conhecer a esqualidez moral, assim também contar a si mesmo mentiras autojustificativas é conhecer a esqualidez intelectual em primeira mão, então o sofisma só ficará ainda mais desprezível. Não há nada a dizer a respeito; nem, para ser impiedosamente honesto, há nada a dizer sobre o fato de não haver nada a dizer a respeito. Quanto à impiedosa honestidade, impiedosa honestidade não é um truque duro de aprender. Ao contrário, é a coisa mais fácil do mundo. Como um sapo venenoso não é venenoso para si mesmo, assim também se aprende a desenvolver uma pele grossa contra a própria honestidade. Morte à

razão, morte ao discurso! Tudo o que importa é fazer o que é certo, seja pela razão certa ou pela razão errada ou por razão nenhuma.

Elaborar a coisa certa a fazer não é difícil. Ele não precisa pensar demais para saber qual é o certo a fazer. Podia, se escolhesse, fazer a coisa certa com uma precisão quase infalível. A questão que o leva a parar para pensar é se pode continuar sendo poeta ao fazer a coisa certa. Quando tenta imaginar que tipo de poesia brotará de fazer a coisa certa sempre e sempre e sempre, só vê um grande vazio. A coisa certa é chata. Então, está num impasse: preferia ser mau a ser chato, não tem nenhum respeito por uma pessoa que prefere ser má a ser chata, e também nenhum respeito pela inteligência de conseguir colocar direitinho seu dilema em palavras.

Apesar do críquete e dos livros, apesar dos sempre alegres pássaros saudando o amanhecer com gorjeios na amoreira debaixo da janela, os fins de semana continuam difíceis de suportar, sobretudo os domingos. Odeia acordar domingo de manhã. Há os rituais que ajudam a passar o domingo, principalmente sair e comprar o jornal, ler o jornal no sofá e resolver os problemas de xadrez. Mas o jornal não vai muito além das onze da manhã; e, de qualquer forma, ler os suplementos de domingo é, muito transparentemente, um jeito de matar o tempo.

Está matando o tempo, tentando matar o domingo, de forma que a segunda-feira chegue mais depressa, e com a segunda-feira o alívio do trabalho. Mas, num sentido mais amplo, trabalhar também é um jeito de matar o tempo. Tudo o que fez desde que desembarcou em Southampton foi matar o tempo enquanto espera seu destino chegar. O destino não viria até ele na África do Sul, dizia a si mesmo; viria (como uma noiva!) apenas em Londres ou Paris, ou talvez Viena, porque só nas grandes cidades da Europa reside o destino. Durante quase dois anos esperou e sofreu em Londres, e o destino se manteve distante. Agora, não tendo sido forte a ponto de suportar Londres, bateu em retirada para o campo, para um retiro estratégico. Não há garantia de que o destino faça visitas ao campo, mesmo que seja o campo inglês, e mesmo que seja a menos de uma hora de trem de Waterloo.

Claro que, em seu coração, sabe que o destino não o visitará a menos que o force a isso. Tem de sentar e escrever, é o único jeito. Mas não pode começar a escrever até ser o momento certo. E por mais

escrupulosamente que se prepare, limpando a mesa, posicionando o abajur, riscando uma margem na lateral da página em branco, sentado de olhos fechados, esvaziando a mente em prontidão — apesar de tudo isso, as palavras não lhe vêm. Ou melhor, muitas palavras vêm, mas não as palavras certas, a frase que ele reconhecerá de imediato, por seu peso, estabilidade e equilíbrio, como a predestinada.

Detesta esses confrontos com a página em branco, detesta a ponto de começar a evitá-los. Não pode suportar o peso do desespero que baixa no fim de cada sessão infrutífera, o entendimento de que mais uma vez falhou. Melhor não se machucar assim, sempre e sempre. A pessoa pode ficar incapaz de responder ao chamado quando ele vier, pode ficar fraca demais, abjeta demais.

Tem plena consciência de que seu fracasso como escritor e seu fracasso como amante são tão intimamente paralelos que podem muito bem ser a mesma coisa. Ele é o homem, o poeta, o fazedor, o princípio ativo, e o homem não tem de esperar a aproximação da mulher. Ao contrário, é a mulher que tem de esperar pelo homem. A mulher é que dorme até ser despertada pelo beijo do príncipe; a mulher é o botão que desabrocha com as carícias dos raios de sol. A menos que se ponha voluntariamente em ação, nada acontecerá nem no amor, nem na arte. Mas ele não confia na vontade. Assim como não pode fazer o esforço voluntário de escrever mas tem de esperar pela ajuda de alguma força do exterior, uma força que costumava ser chamada de Musa, não pode simplesmente fazer o esforço voluntário de se aproximar de uma mulher sem alguma insinuação (de onde? — dela? de dentro dele? do alto?) de que ela é seu destino. Se se aproxima de uma mulher com qualquer outro espírito, o resultado é um envolvimento tão infeliz quanto o que teve com Astrid, um envolvimento de que estava tentando escapar quase desde o começo.

Existe outra maneira mais brutal de dizer a mesma coisa. Na verdade, há centenas de maneiras: podia passar o resto da vida a enumerá-las. Mas a maneira mais brutal é dizer que tem medo: medo de escrever, medo de mulher. Pode fazer caretas para os poemas que lê na *Ambit* e na *Agenda*, mas pelo menos estão lá, impressos, no mundo. Como pode saber se os homens que os escreveram não passaram anos se

contorcendo, tão exigentes quanto ele, diante da página em branco? Contorceram-se, mas finalmente se dominaram e escreveram o melhor que puderam o que tinha de ser escrito, e enviaram, sofreram a humilhação da rejeição ou a humilhação igual de ver seus desabafos em letras frias, em toda a sua pobreza. Da mesma forma, esses homens devem ter encontrado uma desculpa, mesmo fraca, para falar com uma ou outra garota bonita no metrô e, se ela virou a cabeça ou fez uma observação desdenhosa a uma amiga em italiano, bem, devem ter encontrado um jeito de sofrer a recusa em silêncio e no dia seguinte devem ter tentado de novo com outra garota. É assim que se faz, é assim que o mundo funciona. E um dia eles, esses homens, esses poetas, esses amantes, teriam sorte: a garota, não importa o quão sublime a sua beleza, responderia, e, uma coisa leva a outra, suas vidas seriam transformadas, a vida de ambos, e acabou-se. O que mais é exigido além de um tipo de estúpida, insensível obstinação, como amante, como escritor, ao lado de uma disposição de fracassar e fracassar de novo?

O problema dele é que não está preparado para fracassar. Quer um A ou um alfa ou cem por cento em todas as tentativas, e um grande *Excelente!* na margem. Ridículo! Infantil! Ninguém precisa lhe dizer isso: pode ver por si próprio. Mesmo assim. Mesmo assim não pode agir. Não hoje. Talvez amanhã. Talvez amanhã tenha vontade, tenha coragem.

Se fosse uma pessoa mais cálida, sem dúvida acharia tudo mais fácil: a vida, o amor, a poesia. Mas não há calor em sua natureza. E não é o calor que leva a escrever poesia. Rimbaud não era cálido. Baudelaire não era cálido. Quente, sim, quando era preciso — quente na vida, quente no amor —, mas não cálido. Ele também é capaz de ser quente, não deixou de acreditar nisso. Mas no momento, no momento indefinido, ele é frio: frio, congelado.

E qual o desfecho dessa falta de calor, dessa falta de coração? O desfecho é que está sentado sozinho na tarde de domingo no quarto de cima de uma casa no fundo do campo de Berkshire, com corvos crocitando no campo e uma névoa cinzenta no céu, jogando xadrez sozinho, ficando velho, esperando a noite cair para, sem nenhuma culpa, fritar suas linguças para comer com pão no jantar. Aos dezoito anos, podia ter sido um poeta. Agora não é um poeta, nem um escritor, nem

um artista. É um programador de computador, um programador de computador de vinte e quatro anos num mundo em que não existem programadores de computador de trinta anos. Trinta e um é velho demais para ser programador; a pessoa se volta para alguma outra coisa — algum tipo de empresariado — ou se mata. Só porque é jovem, porque os neurônios em seu cérebro ainda estão disparando mais ou menos infalivelmente, é que tem um pé na indústria de computadores britânica, na sociedade britânica, na Grã-Bretanha em si. Ele e Ganapathy são dois lados da mesma moeda: Ganapathy morrendo de fome não porque está separado da Mãe Índia, mas porque não come direito, porque apesar de seu mestrado em ciência da computação não sabe nada sobre vitaminas, minerais e aminoácidos; e se trancou num fim de jogo debilitador, jogando consigo mesmo, a cada lance mais encurralado, mais derrotado. Um dia desses, os homens da ambulância terão de ir ao apartamento de Ganapathy e tirá-lo de lá numa maca com um cobertor em cima da cara. Depois de levar Ganapathy, podiam vir buscá-lo também.

J.M. COETZEE nasceu na África do Sul em 1940. É autor de ficção, ensaios de crítica literária e memórias. Publicou mais de uma dezena de livros, entre os quais *Vida e época de Michael K*, *Desonra*, *A vida dos animais*, *Elisabeth Costello*, *À espera dos bárbaros*, *Verão* e *A infância de Jesus*, todos publicados no Brasil pela Companhia das Letras. Foi o primeiro autor agraciado duas vezes com o Booker Prize e, em 2003, recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

Copyright © 2002 by J.M. Coetzee
*Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc. 551
Fifth Avenue, Suite 1613, New York, NY 10176-0187 USA*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Youth: Scenes from Provincial Life II

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Gabriela Morandini
Juliane Kaori

Atualização ortográfica
Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0262-6

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhidasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Sobre o autor

Créditos